

**Abrigos com pinturas rupestres de Trás-os-Montes e Alto Douro (Pala  
Pinta, Penas Róias e Cachão da Rapa). Paisagens, signos e cultura  
material**

**Luísa Maria de Oliveira Teixeira**

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia**

**Julho, 2012**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção  
do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do  
Professor Doutor Mário Varela Gomes.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar ao meu orientador, Prof. Doutor Mário Varela Gomes, pela sua disponibilidade, paciência e apoio ao longo do trabalho.

Ao Museu de Antropologia e Pré-História Mendes Corrêa da Faculdade de Ciências de Universidade do Porto.

À Doutora Maria José, pelo auxílio prestado, pela confiança, disponibilidade e atenção com que sempre me tratou, em todas as vezes que a contactei e durante a minha permanência no Museu.

Ao Sr. José Joaquim Moura, Presidente da Junta de Penas Róias, pela inesquecível amabilidade e prontidão com que permitiu o acesso aos materiais do abrigo Penas Róias.

Um especial agradecimento ao meu colega geógrafo Óscar Antunes por toda a ajuda fundamental e pela disposição em partilhar o seu trabalho e conhecimento sobre SIG.

À Elisa e Ana por toda a disponibilidade e ajuda com os desenhos.

Aos colegas do curso de Mestrado, pelo convívio e troca de saberes.

Aos meus amigos, Fátima, Sérgio, Mariana, Ana, Gilberto, Mónica, Sandra, Helena e Leandro, pela vossa amizade, apoio e interesse com que sempre me acompanharam. Muito me ajudaram e ouviram com paciência os meus desabafos, o meu sincero agradecimento.

Aos meus pais, pelo amor, paciência, incentivo incondicional, compreensão e força nessa fase da minha vida. Ao meu irmão, pelo encorajamento nos momentos mais delicados deste trabalho.

Ao Miguel Serra, um muito obrigado pelo apoio incondicional, carinho e paciência. Sendo a sua presença um factor de força em todos os momentos, amparando-me nos momentos de dúvidas e angústia.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que de alguma forma, contribuíram de diferentes maneiras para a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

# **ABRIGOS COM PINTURAS RUPESTRES DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO (PALA PINTA, PENAS RÓIAS E CACHÃO DA RAPA). PAISAGENS, SIGNOS E CULTURA MATERIAL**

**Luísa Maria de Oliveira Teixeira**

## **RESUMO**

**PALAVRAS-CHAVE:** abrigos rupestres, paisagem, signos, cultura material

A presente dissertação corresponde ao estudo de três abrigos rupestres, localizados em Trás-os-Montes e Alto Douro, tendo como objecto de análise aspectos da paisagem em que estes se inserem, os signos e os testemunhos da cultura material neles encontrados.

As pinturas rupestres são um dos testemunhos das actividades individuais e/ ou colectivas ali desenvolvidas, revelando aspectos da vida das comunidades que as produziram, designadamente das suas possíveis crenças religiosas.

Entender algumas das relações das comunidades humanas pretéritas com estes lugares, ajuda-nos a perceber certos comportamentos perante a Natureza.

## **ABSTRACT**

**KEYWORDS:** art rock shelters, landscape, signs, material culture,

The current thesis presents a study of three rock art shelters located in the Trás-os-Montes e Alto Douro region of Portugal. Its main objective is to analyze the landscape in which they are located and signs and testimony of material culture that represented by them. Rock art is a testimony of individual and/or collective actions developed within a particular location, revealing aspects of the lives of the communities that produced them, mainly their possible religious beliefs. Understanding a part of the relations that past human communities had with these locations ultimately helps to understand certain behaviors towards nature.



## Índice

CAPÍTULO I- INTRODUÇÃO .....	3
I.1 Objectivos .....	4
I.2 Problemáticas .....	4
I.3 Metodologia .....	6
CAPÍTULO II- AMBIENTE NATURAL E ANTROPIZAÇÃO .....	8
II.1 Geomorfologia.....	8
II.2 O clima .....	10
II.3 Cobertura vegetal e faunas .....	12
II.4 Recursos e antropização .....	19
CAPÍTULO III- PALA PINTA.....	24
III.1 Localização .....	24
III.2 Caracterização .....	25
III.3 História das investigações .....	25
III.4 Catálogo dos signos.....	29
III.5 Integração cronológica e cultural .....	32
III.6 A Pala Pinta e a paisagem .....	34
III.7 Interpretações. ....	37
CAPÍTULO IV- CACHÃO DA RAPA .....	40
IV.1 Localização .....	40
IV.2 Caracterização.....	41
IV.3 História das investigações .....	41
IV.4 Catálogo dos signos .....	47
IV.5.1 Espólio .....	54
IV.6 Integração cronológica e cultural .....	75
IV.7 O Cachão da Rapa e a paisagem .....	77
IV.8 Interpretações.....	80

CAPÍTULO V- PENAS RÓIAS .....	82
V.1 Localização.....	82
V.2 Caracterização .....	83
V.3 História das investigações .....	83
V.4 Catálogo dos signos.....	86
V.5 Catálogo do espólio .....	90
V.6 Integração cronológica e cultural .....	99
V.7 Penas Róias e a paisagem.....	101
V.8 Interpretações .....	102
CAPÍTULO VI- OS ABRIGOS E A PAISAGEM .....	104
VI.1 Implantação.....	105
CAPÍTULO VII- ARTE RUPESTRE E CULTURA MATERIAL .....	110
VII.3 Interpretação .....	114
CONCLUSÕES.....	118
Bibliografia .....	121
Lista de Figuras .....	131
Lista de Tabelas.....	133
Lista de Gráficos .....	134
Anexo: Mapas .....	i

## CAPÍTULO I- INTRODUÇÃO

A presença de comunidades pré-históricas, na Região de Trás-os-Montes e Alto Douro, constituiu realidade que se encontra documentada através dos testemunhos arqueológicos, resultantes da acção humana. Trata-se de documentos forjados pelo homem pré-histórico no decurso das suas actividades quotidianas ou no âmbito de práticas sócio-religiosas. Eles são verdadeiras memórias que, em parte, sobreviveram à passagem do tempo.

Dos diversos vestígios deixados por comunidades que outrora frequentaram a região referida, com grande polimorfismo, fazem parte os locais de culto, entre os quais, numerosos tipos de santuários rupestres, como os localizados em grutas, em abrigos ou ao ar livre, onde nestes dois últimos, pinturas e, sobretudo, gravuras, constituem os derradeiros testemunhos de manifestações religiosas, a par de outros ocorridos junto a penedos, nascentes e linhas de água onde, não raro, se constituíram depósitos votivos (Gomes e Calado, 2007: 150).

Integram aquele contexto três abrigos, contendo pinturas pré-históricas, de Trás-os-Montes e Alto Douro: *A Pala Pinta (Alijó)*, *Penas Róias (Mogadouro)* e *Cachão da Rapa (Carrazeda de Ansiães)*, inseridos em paisagens específicas, conservando conjuntos de signos e testemunhos da cultura material.

Julgamos importante tentar compreender os factores que conduziram certas comunidades pré-históricas a escolherem os lugares para desenvolverem actividades rituais (Sanches, 2000: 127). Para alguns autores os abrigos rupestres seriam verdadeiros marcadores da paisagem, tendo constituído referências para a circulação de grupos humanos em determinado território limitado (Bradley, 2000; Mendes, 2007).

Ao considerar-se a paisagem como “construção” humana, em que se relacionam questões do ambiente natural e do ambiente social, surge o interesse de entender aquelas que rodeiam os abrigos.

Lugares como os abrigos rupestres são vistos, normalmente, como espaços que configuram complexa rede de significados, mas que terão tido, e como é óbvio, um

sentido mais marcante para as populações que os “construíram” e frequentaram (Sanches, 2003: 85-92).

A intervenção nesses lugares físicos, através de pinturas rupestres, parece reforçar e fixar de forma mais contínua uma certa estrutura narrativa e a sua qualidade transcendente. Eles devem ser assumidos não apenas como testemunhos, vestígios, acções de outros homens no passado, mas como sítios nodais de comunicação com outros mundos. As imagens ali existentes não foram feitas ao acaso, mas devem responder, de modo mais ou menos realista, à representação conceptualizada do Mundo (Sanches, 2003: 85- 92).

A cultura material encontrada nos abrigos pintados, ou perto deles, assume frequentemente papel de fóssil director, capaz de conferir cronologias àqueles mas, também, de proporcionar dados sobre o seu funcionamento sócio-religioso.

Recordemos que a cerâmica e os outros itens da cultura material desempenharam papel activo nas relações sociais, económicas e simbólicas, entre indivíduos e/ou grupos (Vilaça, 1994: 4).

## **I.1 Objectivos**

A presente dissertação tem como objectivo contribuir para o estudo das sociedades humanas que elegeram os abrigos e produziram as suas pinturas, em contexto ambiental.

Pretendemos analisar aspectos naturais e culturais dos abrigos, a fim de se tentar chegar a padrão de inserção daqueles na paisagem, assim como determinar as suas características, de modo a percebermos quais os atributos capazes de proporcionarem a sua escolha, por parte dos autores das pinturas rupestres, e das actividades sócio-religiosas que aqueles testemunham.

## **I.2 Problemáticas**

Os abrigos, que hoje se configuram como sítios arqueológicos, foram outrora lugares eleitos para a realização de actividades de carácter ritual, cujos vestígios permaneceram apenas parcialmente através dos tempos.

É a noção de Cultura que justifica pensar na escolha dos abrigos, para neles efectuar acções que as pinturas traduzem, uma vez que é ela a responsável pela maneira como as diversas actividades, quotidianas ou específicas, não fossem realizadas de maneira meramente orgânica.

Segundo Geertz (1978:103) “ (...) a cultura corresponde a um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporando os símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e suas actividades em relação à vida”.

É com base naquela noção de Cultura, que o estudo dos locais em que os sítios rupestres se inserem se torna possível, assumindo-se como hipótese que eles resultam de escolhas culturais para a realização de actividades igualmente culturais.

Pretendermos compreender aqueles lugares, significa alargar os nossos estudos, de forma a entender os meios pelos quais os grupos pré-históricos estruturavam as suas estratégias de mobilidade, utilizavam diferentes espaços, em função das suas necessidades sócio-culturais, ideológicas e económicas (Fagundes e Piuzana, 2010: 205,206).

A paisagem foi adquirindo novas ou diferentes atribuições e significados ao longo dos tempos. “*Enquanto produto da interacção Homem-Natureza, surge como verdadeiro arquivo de existências e vivências que se desenvolveram ao longo de milhares de anos. É esta paisagem conceptualizada, construída, trabalhada, que actualmente nos acompanha, cheia de simbolismos, códigos e significações, que tentamos decifrar, numa ânsia de criação/preservação da memória colectiva*” (Mataloto, 2007: 123).

É possível pensar que a escolha dos abrigos pode estar relacionada com a sua posição topográfica e orientação geográfica. Determinados aspectos podem ter recebido significações simbólicas que influenciaram na escolha do lugar, onde realizar determinadas actividades (Mataloto, 2007:123-125). Contudo, a carga sagrada daqueles é sublinhada pelas imagens existentes, acompanhando a localização, e tudo o que os envolve. Todo o conjunto será constituído por grande simbolismo (Sanches, 1997: 220).

Sítios como os abrigos rupestres seriam sujeitos a tratamento simbólico, transformados em espécies de âncoras culturais. Entraríamos, assim, no campo da

formação das representações sociais, no campo da cultura enquanto reunião de práticas significantes, num processo de conceptualização do mundo e da sociedade (Hall, 1997: 2; Costa, 2002: 12).

A escolha do suporte material, as diferentes técnicas de execução, tanto na gravura como na pintura, assim como nas normas ou directrizes que regulam a organização das figuras, poderão ser explicadas como elementos de identidade cultural (Sanches, 1990: 355).

A identidade não é um fenómeno do presente, mas um aspecto universal da existência humana. O que tem variado são as formas como os processos de identificação se realizam, como as identidades são constituídas, expressas e transformadas ou como operam na estruturação de cada contexto histórico concreto (Valera, 2009: 554).

A historicidade do sentimento de pertença obriga-nos a estudar a evolução da ocupação do espaço pelo Homem, partindo-se do pressuposto da existência de uma relação íntima entre a mente e o meio (Costa, 2002: 10). Por isso é de elevada importância compreendermos a maneira pela qual as relações entre a mente e o meio se desenvolvem, de forma a podermos descrever o processo de formação do sentimento de pertença. Precisamos voltar aos arqueossítios e, a partir daí, tentar perceber a ocupação do espaço, bem como a sua importância. Só assim podemos compreender a sua ocupação e valorização.

Através do estudo da cultura material daqueles, dos seus signos, bem como da paisagem envolvente, podemos tentar encontrar a lógica da sua construção, que deve acompanhar a evolução do tempo.

### **I.3 Metodologia**

Definir a metodologia a seguir tem importância decisiva, para uma boa investigação, porque permite orientar todo o processo de pesquisa (Moreira, 1994: 20).

Aquela deve assentar nas seguintes três vertentes:

- O estudo da paisagem em que os abrigos estão inseridos, tendo como fim identificar a existência de padrões de escolha dos mesmos e as suas relações com aspectos geográficos locais, que possam ser interpretados como um processo de construção cultural daquela. É pertinente compreender a paisagem, enquanto objecto de

análise, como é entendida pela ciência geográfica, e como esta foi relacionada frequentemente com a noção de Cultura;

- Constituição de catálogo dos signos, tendo como objectivo a descrição das pinturas rupestres, de cada abrigo em estudo, assim como a tentativa de sua interpretação, baseada em análise interdisciplinar;

Estudo da cultura material, das cerâmicas e outros tipos de artefactos encontrados nos abrigos. Será feito catálogo, a partir da análise descritiva. A análise da cerâmica incidirá na vertente morfológica e estilística.

Para a elaboração do catálogo das cerâmicas exumadas no Cachão da Rapa, procedeu-se à sua contabilização, fotografia e desenho dos fragmentos correspondentes a porção de bordo. Para além destes, que possibilitam determinar a forma que ofereciam os recipientes a que correspondiam, como os bordos e os fundos, também se contabilizaram os fragmentos com porção de corpo que detêm decoração.

Foi criada base de dados, em Microsoft Excell, tendo como descritores fundamentais o número de inventário (número da peça, lugar de proveniência), descrição do artefacto (onde se refere a forma do bordo e do lábio), caracterização dos elementos não plásticos das pastas e análise granulométrica (macroscópica), cor da pasta, tratamento das superfícies, decoração e dimensões (diâmetro do bordo e espessura das paredes).

Na análise granulométrica classificámos os elementos não plásticos como de grão fino, quando mostram diâmetros de 0,25 mm a 0,35 mm (Classe A), de grão médio (Classe B) se tiverem entre 0,35 mm e 0,50 mm, de grão médio a grosseiro quando apresentam diâmetros de 0,50 mm a 0,71 mm (Classe C) e, por último, de grão grosseiro (Classe D), quando aqueles variam entre 0,71 mm e 1,00 mm (seg. Forster). Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, por isso, devem entender-se como aproximados.

## CAPÍTULO II- AMBIENTE NATURAL E ANTROPIZAÇÃO

### II.1 Geomorfologia

O território em estudo situa-se no Nordeste de Portugal continental, na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, pertencente aos distritos de Vila Real e Bragança, nomeadamente aos concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães e Mogadouro.



**Figura 1:**Localização dos três abrigos estudados, em Trás-os-Montes e Alto Douro, **1-** Pala Pinta; **2-** Cachão da Rapa; **3-** Penas Róias (Seg. Óscar Antunes, 2012).

Aquela região possui grande diversidade morfológica e climática, decorrente da estrutura geológica e orográfica (ou fisiográfica) e traduz-se na alternância, em termos de relevo, entre montanhas e planaltos que delimitam, ora depressões, ora vales extremamente encaixados, normalmente cortados por cursos de água.

A geologia da região de Trás-os-Montes e Alto Douro pode ser descrita com base em vários graus de organização de unidades geológicas.

Em Trás-os-Montes, Oriental e Ocidental, que integra a grande unidade geológica ocidental que vai da Galiza Média a Trás-os-Montes, prevalecem as rochas



metamórficas na parte central do leste, resultantes essencialmente da estrutura dos maciços de Morais e Bragança, e as graníticas, na periferia, embora com pouca expressão. Toda a região é marcada por grande complexidade litológica (Ribeiro, 1974: 57). Os granitos ocupam áreas reduzidas e concentram-se em algumas zonas planálticas, como a de Valpaços/Vale do Rabaçal, Carrazeda e pequenas áreas do Planalto de Miranda-Mogadouro (Sanches, 1997: 2).

A variedade de xistos é imensa, luzentes, argilosos, talcosos, cloríticos, ou mesmo dos quartzitos. Estes últimos erguem-se acima dos planaltos, desenhando picos montanhosos ou cristas quartzíticas de grande dureza. Eles representam relevos residuais, decorrentes da erosão regressiva, como os cimos do Mogadouro, das serras de Nogueira, Reboredo e Passos/ St.<sup>a</sup> Comba, citando apenas os principais (Sanches, 1997:27).

Nas superfícies ocupadas por xistos (presentes na maioria do território de Trás-os-Montes Oriental), o relevo é, em geral, mais vigoroso e “rejuvenescido” do que nas regiões graníticas, devendo-se essencialmente à desagregação constante da rocha estratificada, particularmente dos xistos argilosos pré-câmbrios. Estão representados os xistos silúricos, duros e compactos, que no extremo nordeste se associam, ou alternam, com quartzitos, grauvaques e liditos. Registam-se duas formações calcárias, a mais reduzida localiza-se em Vale da Porca (Macedo de Cavaleiros), onde intercala com xistos, e a mais importante estende-se de Vimioso a S. Pedro da Silva (Miranda do Douro), onde se encontram as conhecidas pedreiras de mármore e de alabastro de St.<sup>o</sup> Adrião (Sanches, 1997: 27).

Na Zona do Douro, a variedade de formas que se observa resulta da diversidade de materiais rochosos que afloram, muitas vezes inesperadamente. Os xistos, os granitos, os quartzitos, as rochas carbonatadas, surgem na paisagem associados consoante a sua resistência aos vários agentes erosivos (Monteiro, 2006: 13-23). Os xistos favoreceram o aparecimento de formas irregulares e vertentes bastante declivosas e os granitos proporcionaram formas de relevo menos movimentadas. Na Área Ocidental, no Baixo Corgo, existem as maiores altitudes, emergindo sobretudo rochas metamórficas do complexo xisto-grauváquico (Monteiro, 2006: 13-23). Os granitos, os gneisses e os quartzitos afloram sobretudo junto ao limite S e W desta subárea. As vertentes que ladeiam quer o Douro quer os dois importantes afluentes, o Corgo, a

norte, e o Varosa, a sul, são bastante declivosas. Na Área Central ou de Cima Corgo, o relevo é talhado em formações principalmente xistentas, de cumes ligeiramente mais baixos, separadas por cristas quartzíticas orientadas noroeste - sudeste ou poente - nascente e certas formações graníticas altas junto ao vale do Tua, do Douro e do troço montante do Távora. Nesta área observam-se algumas superfícies menos declivosas, sobretudo na zona granítica entre Sabrosa e Alijó (Monteiro, 2006: 13-23).

O Douro constitui a linha divisória e a fronteira norte, na quase totalidade da Raia Seca. O Douro comanda toda a rede hidrográfica desta região para o qual convergem importantes afluentes: Corgo, Pinhão, Tua, Sabor na margem direita; Paiva, Távora, Torto, Côa, na margem esquerda (Monteiro, 2006: 13-23).

O rio Douro é o segundo maior curso de água que atravessa Portugal, com um comprimento de cerca de 930 km, 200 dos quais em território nacional. A bacia hidrográfica que o alimenta ocupa, em Portugal, cerca de 1900 km<sup>2</sup>. O perfil longitudinal do Douro entre Freixo de Espada à Cinta e Peso da Régua, é pouco declivoso. Os seus afluentes, no entanto, têm, na maioria dos casos, perfis longitudinais bastante acentuados e muitos encontram-se, ainda, em fase de erosão vertical vigorosa e visível (Monteiro, 2006: 13-23).

A definição de zonas climáticas juntamente com a caracterização da vegetação natural permitiu subdividir o território de Trás-os-Montes e Alto Douro em regiões homogéneas a que os autores chamam também de regiões naturais, correspondendo, na sua totalidade, a treze daquelas entidades: Barroso (G), Alvão-Marão (A), Padrela (P), Bragança (B), Montemuro (R), Beira Douro (N), Carrazeda (C), Miranda-Mogadouro (M), Bornes-Sabor (S), Tâmega (H), Tua (T), Douro (D) e Douro Superior (Q) (Agroconsultores e Coba, 1991: 3).

## **II.2 O clima**

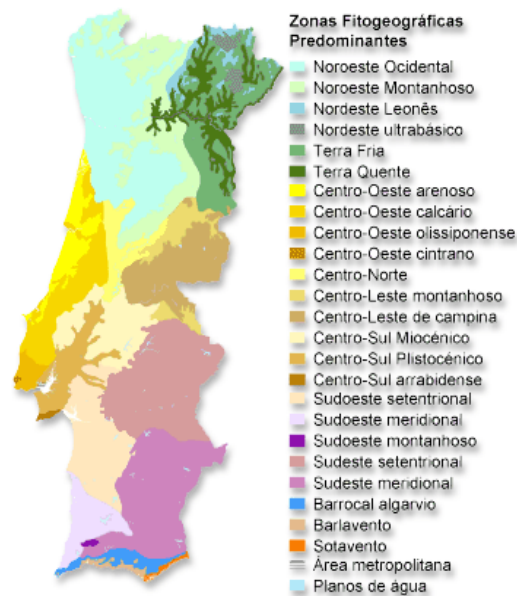
Para caracterização do clima delimitaram-se e determinaram-se zonas climaticamente homogéneas que dizem respeito à intersecção dos regimes térmicos e de precipitação. Estas regiões são definidas por ecossistemas de cariz ora mediterrâneo, ora mais atlântico. Assim, tendo em atenção os valores anuais da temperatura média, a divisão do território integra a Terra Fria (que inclui a Terra Fria de Alta Montanha, a Terra Fria de Montanha e a Terra Fria de Planalto), Terra Quente e Terra de Transição.

A Terra Fria de Alta Montanha refere-se às áreas situadas acima dos 1200/1300 m, com neve e nevoeiro de Dezembro a Março e ocorrência de geadas em todos os meses do ano, sendo caracterizada por temperaturas médias anuais que rondam os 9° C. Incluem-se aqui o topo das serras do Gerês, Larouco e Montezinho (Agroconsultores e Coba, 1991: 11-13).

A Terra Fria de Montanha abarca as serras do Gerês, Larouco, Nogueira, Marão, Alvão, Padrela, Bornes, Falperra, Coroa e Montezinho, com altitudes entre os 900/1000 a 1200/1300 m, com queda regular de neve no período invernal, mas somente durante

algumas semanas o solo fica coberto; ocorrência de geadas em todos os meses do ano, todavia pouco prováveis em Julho e Agosto. Sendo mais elevada nas regiões montanhosas ocidentais e na região de Bragança, possui temperaturas médias anuais entre os 9° C e os 10° C. Conforme os regimes de precipitação, a Terra Fria de Alta Montanha e a de Montanha são classificadas entre o super-húmido e o húmido (Agroconsultores e Coba, 1991: 11-13).

A Terra Fria de Planalto é caracterizada por Invernos frios e prolongados, Verões quentes e curtos, geadas no Outono e Inverno, correspondendo às zonas situadas entre 600/700 m a 900/1000 m de altitude e com temperaturas que variam entre os 7° C e 18° C, sendo as médias do mês mais quente entre os 23°C e os 30°C. Conforme o regime de precipitações a Terra Fria de Planalto é climaticamente caracterizada entre húmido (Bragança e Padrela), o moderadamente/pouco húmido (Serra de Passos/Stª Comba e Planalto de Miranda-Mogadouro) e o sub-húmido (Carraceda) (Agroconsultores e Coba, 1991: 11-13).



**Figura 2:** Zonas fitogeográficas predominantes ou sub-regiões (Seg. Gomes, 2006-2007: 3).

A Terra de Transição situa-se em áreas entre os 400/500 m a 600/700 m de altitude, com características intermédias entre a Terra Fria de Planalto e Terra Quente, sendo um clima de encosta, possuindo temperaturas médias anuais entre 12,5°C e 14°C. As geadas ocorrem de finais de Outubro a meados de Abril e a precipitação varia entre valores superiores a 1200 mm (vertentes do Tâmega e Rabagão e contrafortes do Marão e Montemuro) e inferiores a 600 mm (vales do Sabor e Douro Superior) (Agroconsultores e Coba, 1991: 11-13)

A Terra Quente tem Invernos suaves, Verões ardentes e geadas nos finais de Novembro a princípios de Março, apresentando temperaturas que rondam os 14° C, a precipitação varia entre valores superiores a 1200 mm (vales do Paiva, Tâmega Inferior, Rabagão-Cabril e Aguilhão) e inferiores a 600 mm na área do Tua-Mirandela, vale do Sabor e Douro Superior. Nela se inclui quase toda a região do Tua, do Douro e do Douro Superior (com o vale da Vilariça) (Agroconsultores e Coba, 1991: 11-13).

O regime de precipitações que caracteriza a Terra de Transição/ Terra Quente é classificado como sub-húmido a húmido (envolvente a área do Tua e do Douro Superior), sub-húmido a seco (Tua, baixo vale do Sabor/ Vilariça, margens do Douro fronteiro e Douro médio) ou semi-árido (vale do Douro, a leste de Vargelas/Vesúvio) (Agroconsultores e Coba, 1991: 11-13).

### **II.3 Cobertura vegetal e faunas**

A caracterização da vegetação natural, através dos aspectos fito-ecológicos, permitiu repartir a região de Trás-os-Montes e Alto Douro, em cinco grandes agrupamentos florísticos: sub-atlântico, oro-atlântico, pirenaico-cantábrico ou leonês, ibero-mediterrâneo e submediterrâneo, sendo abrangidos pelo território em estudo maioritariamente os domínios ibero-mediterrâneo (região de Miranda-Mogadouro e a sub-região de Bragança (subcontinental) e submediterrâneo (regiões Douro Superior e Tua) e uma interpenetração dos dois domínios florísticos, nomeadamente ibero-mediterrâneo e submediterrâneo, nas Regiões de Carraceda e Bornes – Sabor (Agroconsultores e Coba, 1991: 21-23).

O domínio fítogeográfico submediterrâneo identifica-se com a Terra Quente subcontinental, relaciona-se com o nível basal do Interior Leste (até altitudes dos 500m) e nele se incluem as regiões do Douro Superior e do Tua. Dominam como espécies

arbóreas a azinheira (*Quercus rotundifolia*), espécie mais frequente, seguindo-se-lhe o carvalho cerquinho (*Quercus faginea*), o zimbro (*Juniperus oxycedrus*) e, em alguns sítios, o zambujeiro (*Olea europaea*). Como elementos característicos do sub-bosque destacam-se o piorno (*Lygos shaerocarpa*), a cornalheira (*Pistacia terebinthus*), o lentisco, a esteva (*Cistus ladanifer*), o rosmaninho (*Lavandula pedunculata*), o tomilho (*Thymus mastichina*), o trovisco (*Daphne gnidium*), a roselha (*Cistus salvifolius*) e o sanganho (*Cistus salvifolius*) (Agroconsultores e Coba, 1991: 20).

O domínio ibero-mediterrâneo, relaciona-se com a Terra Fria Planáltica Interior (Meseta Ibérica), Região de Miranda-Mogadouro e a Sub-região Ocidental de Bragança, sub-continental, onde predomina a azinheira (*Quercus rotundifolia*) e o carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) e, em determinados locais, o carvalho cerquinho (*Quercus faginea*). Dos matos destacam-se, como elementos representativos, o rosmaninho (*Lavandula pedunculata*), o tomilho (*Thymus mastichina*), a esteva (*Cistus ladanifer*), a carqueja (*Chamaespartium tridentatum*), o sanganho (*Cistus Salvifolius*), as roseiras bravas (*Rosa canina* e *Rosa micrantha*) e as giestas (géneros *Cytisus* e *Genista*) (Agroconsultores e Coba, 1991: 20)

No domínio fítogeográfico subcontinental, que se desenvolve entre a altitude de 500 m e o nível planáltico da Terra Fria, no qual ficam envolvidas as regiões de Carrazeda, Bornes - Sabor na parte Leste da Beira Douro, constata-se uma interpenetração dos dois grandes domínios florísticos, ou seja, o basal, submediterrâneo e o planáltico ibérico-mediterrâneo, anotando-se a frequência da azinheira (*Quercus rotundifolia*), do carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) e ainda do carvalho cerquinho (*Quercus faginea*) e do zimbro (*Juniperus oxycedrus*), além de que, por outro lado, também se torna patente uma certa extensão da influência sub-atlântica para o interior, evidenciada pela disseminação do castanheiro (*Castanea sativa*), do sobreiro (*Quercus suber*) e de algum pinheiro bravo (*Pinus pinaster*). Quanto aos estratos arbustivos e sub-arbustivos, na sua composição, sendo bastante variada, reconhece-se, a distribuição de elementos das diversas comunidades florísticas, ou seja, a par da esteva, rosmaninho, tomilho e trovisco. Também surgem a carqueja, o medronheiro e as urzes (Agroconsultores e Coba, 1991: 20)

Nas orlas ribeirinhas de toda a região e até ao nível montano são de referir as espécies características desses espaços: amieiro (*Alnus glutinosa*), freixo (*Fraxinus*

*angustifolius*), ulmeiro (*Ulmus spp.*), choupo (*Populus spp.*), salgueiro (*Salix spp.*), lódão (*Celtis australis*), sanguinho bastardo (*Fragula alnus*), salgueirinha (*Lythrum saliciria*), entre outras espécies (Agroconsultores e Coba, 1991: 20).

Conhecer a flora de outrora, permite verificar se houve manutenção ou extinção daquela ao longo dos tempos, como o ambiente em que viveram as comunidades pretéritas.

Nas sub-regiões de Trás-os-Montes: Região do Planalto de Miranda-Mogadouro (Planalto Mirandês) e Região do Tua (ou Bacia de Mirandela), estudo de reconstituição paleoambiental, com base em evidências antracológicas recolhidas em estações arqueológicas transmontanas (datadas entre o IV e os finais do III milénios a.C.), demonstra a diversidade de espécies em contextos arqueológicos e a coexistência de elementos vegetais mediterrânicos e atlânticos, representando os dois biótopos fundamentais da zona do Nordeste Transmontano, “Terra Fria” (montanha, planalto) e “Terra Quente”, vales e zonas baixas (Figueiral e Sanches, 1998-1999: 74).

Se comparamos com a actualidade, tratar-se-ia de clima do tipo mediterrânico (supra-mediterrâneo), provavelmente mais húmido e com maiores amplitudes térmicas (Figueiral e Sanches, 1998-1999:77; Sanches, 2006: 89).

Os solos seriam muito mais profundos que na actualidade, portanto muito menos erosionados. A floresta aparece aqui bastante diversificada, sendo marcada por elementos atlânticos: pinheiro bravo ou marítimo (*Pinus pinaster*), carvalho alvarinho (*Quercus robur*), medronheiro (*Arbutus unedo*) e a aveleira (*Corylus avellana*), que exigem mais humidade. Os elementos mediterrânicos-continentais: azinheira (*Quercus ilex*), carrasco (*Quercus coccifera*), sobreiro (*Quercus suber*), carvalho cerquinho (*Quercus faginea*), zimbro (*Junipeus oxycedrus*), pinheiro silvestre (*Pinus sylvestris*) e pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), cobririam zonas mais secas (Figueiral e Sanches, 1998-1999:77; Sanches, 2006:90).

Aquela mata integraria sub-bosque, de características predominantemente mediterrânicas, com medronheiro, aveleira, urze branca, tojo, giestas e cistáceas, estas decorrentes por certo da degradação daquele. Supõe-se, também, para a mesma região, cobertura arbórea em manchas extensas e bastante contínuas, que a acção humana começa a alterar gradualmente com a introdução das práticas agrícolas e pastoris no final do VI/V milénio a. C., implicando desflorestação que pode estar relacionada com o

aumento visível do estrato arbustivo, como é o caso do medronheiro (*Arbutus unedo*) e das urzes (*Erica sp.*, *scoparia-austalis* e *Erica arborea*), já que estas últimas espécies se desenvolvem normalmente em consequência do montado. O estrato arbustivo e os matos rasteiros (com vários tipos de urzes, giestas, codeços, tojo, carquejas, estevas, trovisco) já atingem proporções consideráveis nos espectros vegetais datados do III milénio a.C., o que indica abertura mais clara da floresta nesse período, assim como a consequente degradação dos solos pela erosão (Figueiral e Sanches, 1998-1999:77; Sanches, 2006: 90).

A vegetação atlântica encontra-se representada, sobretudo, pelo carvalho alvarinho (*Quercus robur*), claramente identificado em alguns fragmentos do Buraco da Pala (Serra de Passos). É de realçar que as urzes (Mamoá de Pedreiras) eram componente essencial da vegetação de Trás-os-Montes e Alto Douro, desde o Neolítico Inicial (Figueiral, 2004; Figueiral e Sanches, 1998-1999: 77).

A agricultura de cereais (trigo e cevada) e de leguminosas domésticas (fava) está documentada directamente no abrigo do Buraco da Pala, na passagem do VI ao V milénio a.C. A recollecção está directamente documentada com a bolota, a avelã, o medronho e o pinhão (Figueiral e Sanches, 1998-1999:77; Sanches, 2006: 97).

Das espécies identificadas, apenas uma caracteriza claramente as zonas mais altas da Terra Fria. Trata-se do pinheiro silvestre (*Pinus sylvestris*), espécie que actualmente cresce espontâneamente apenas na Serra do Gerês. Esta espécie foi identificada em estações do V e III milénios a.C. do Planalto (Barrocal Alto) e do Tua/Bacia de Mirandela (Buraco da Pala), representado, muito provavelmente, os últimos vestígios da vegetação que caracteriza a região nos períodos mais recuados do Pleniglaciário. A sua presença em Casinhas (Serra de Passos) entre o século IV a.C. e o século II d.C., indica que ela se encontra ainda na região referida durante a ocupação romana (Figueiral e Sanches, 1998-1999: 74,75).

No que diz respeito à aveleira (*Corylus avellana*), identificada no Buraco da Pala (nível II e III milénio a.C.), é importante referir que actualmente não faz parte da vegetação mesofítica característica da região. Notam-se ausências mais salientes na vegetação dos planaltos da Terra Fria, como o castanheiro, na vegetação ribeirinha o olmo, choupo/folhanço e o vidoeiro, na vegetação mediterrânea, a cornalheira (Figueiral e Sanches, 1998-1999: 79).

O freixo (*Fraxinus*) foi identificado em cinco das estações arqueológicas, o que parece indicar que seria espécie corrente, em contraste com o que acontece actualmente, já que tem sido gradualmente substituído por prados. No Buraco da Pala os caracteres anatómicos observados parecem ser mais próximos da espécie *Fraxinus excelsior*, que não cresce espontâneamente em Portugal.

Sobre a vegetação de ribeira poderemos estranhar a relativa escassez de salgueiros (identificados apenas nos três níveis de ocupação do Buraco da Pala e na Mamoa/Dólmen de Arcã). Nos povoados do Cunho e do Barrocal Alto, os cursos de água abundam nas proximidades, as actividades piscatórias estão bem documentadas e, no entanto, o salgueiro não foi identificado. O freixo apenas aparece em uma das amostras do Barrocal Alto (Figueiral e Sanches, 1998-1999: 79).

Também a vinha (*Vitis vinifera*) foi identificada na Mamoa da Arcã (em sementes carbonizadas umas e mumificadas outras) e no Buraco da Pala, mas tendo em conta o período em questão (IV/III milénios a.C.), tratar-se-á provavelmente da espécie selvagem, que cresce habitualmente no seio da floresta ribeirinha (Figueiral e Sanches, 1998-1999:79, 80).

As leguminosas e as urzes cobririam provavelmente as zonas mais húmidas, enquanto as estevas colonizariam terrenos mais secos. As leguminosas são identificadas em todas as estações arqueológicas, enquanto as urzes estão ausentes apenas em Casinhas. As estevas estão presentes no Buraco da Pala, Casinhas, Cemitério de Mouros e Mamoa da Pedreira. A estes elementos heliófilos poderíamos associar o trovisco (*Daphne gnidium*) reconhecido em quatro arqueossítios (Figueiral e Sanches, 1998-1999: 74-76).

Detectaram-se restos de medronhos e de pinhões, no Crasto de Palheiros, bem como bolotas e uvas silvestres (grainhas) no Castroeiro, sendo ainda possível a recolha de amoras silvestres (em ambos) e de avelãs naquele segundo (Sanches, 2008: 75).

No Crasto de Palheiros encontraram-se testemunhos de cereais (trigo de grão vestido e cevada de grão nu e vestido), de milho miúdo e de fava, bem como vestígios do cultivo de aveia. No povoado do Crastoeiro fora recuperados grãos de trigo, cevada, milho miúdo e aveia, cereais que dentro do contexto da Idade do Ferro eram bastante comuns (Sanches, 2008: 75). Há ainda a referir presença da figueira, bem como de árvores de grande porte, relacionadas tanto com meios ribeirinhos (amieiro, buxo, carpa,



sabugueiro, aveleira e pilriteiro) como meios mais secos de encostas (carvalho, carvalho alvarinho, carvalho negral e sobreiro) (Sanches, 2008: 75,76).

No coberto vegetal de Trás-os-montes e Alto Douro, existe actualmente grande diversidade de espécies faunísticas<sup>1</sup>, nomeadamente: coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), lebre (*Lepus europaeus*), esquilo (*Sciurus vulgaris*), lobo (*Canis lupus*), raposa (*Vulpes vulpes*), doninha (*Mustela nivalis*), lontra (*Lutra lutra*), gato-bravo (*Felis silvestris*), javali (*Sus scrofa*), corço (*Capreolus capreolus*), codorniz (*Coturnix coturnix*), pica-pau (*Dendrocopus major*), águia-real ou águia-dourada (*Aquila chrysaetos*), águia-de-Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*), falcão-peregrino (*Falco peregrine*), gralha (*Curvus corone*), pintassilgo (*Carduelis carduelis*), melro-preto (*Turdus merula*), pombo-comum ou pombo-das-rochas (*Columba livia*), rola (*Streptopelia turtur*), rouxinol (*Luscinia megarhynchos*), coruja (*Tyto alba*), tentilhão (*Fringilla coelbs*), corvo (*Corvidae*), tordo (*Turdus philomelos*), cuco (*Cuculus canorus*), pardal (*Passer domesticus*), estorninho (*Sturnus vulgaris*), perdiz (*Alectoris rufa*), pato-real (*Anas platyrhynchos*), pato trombeiro (*Anas clypeata*), garça-real (*Ardea cinérea*), cegonha (*Ciconia spp.*). Nos rios encontram-se a enguia (*Anguilla anguilla*), o barbo (*Barbus steindachneri*), boga (*Chondrostoma polylepis*), escalo (*Leuciscus pyrenaicus*), bordalo (*Rutilus alburnoides*), panjorca (*Rutilus arcasi*), truta (*Salmo trutta Fario*), perca-sol (*Lepomis gibbosus*), a carpa (*Cyprinus carpio*), etc...

O estudo dos restos de animais recuperados em jazidas arqueológicas é revelador das condições culturais e ambientais do passado. Na região de Trás-os-montes e Alto Douro são conhecidos alguns exemplos.

Assim, no sítio do Fariseu (V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> de Foz Côa), os restos analisados constituem o primeiro conjunto de fauna pleistocénica conservada em lugares de ocupação, ao ar livre, do Paleolítico Superior da região do Côa, ali tendo sido detectado javali (*Sus scrofa*), veado (*Cervus elaphus*), camurça (*Rupicapra rupicapra*), coelho (*Oryctolagus cuniculus*), esquilo (*Sciurus vulgaris*), sável (*Alosa alosa*), escalo/ruivaca (*Leuciscus sp./ Rutilus sp.*), assim como restos de aves de espécies não determinadas (Gabriel, 2008:31-34; Gabriel e Bearez, 2009: 331-339).

---

<sup>1</sup> Informação recolhida em <http://www.azibo.org/fauna.html>, acedido em 15 de Janeiro de 2012.

No recinto murado de Castanheiro do Vento (V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> de Foz Côa), o espólio faunístico recuperado na camada 3, atribuída ao Calcolítico, denota economia alimentar proteica baseada no consumo de bovinos e de suínos (domésticos e/ou selvagens), detendo os ovinos/caprinos pequena importância, aspecto também extensível ao veadado (Cardoso, 2005: 65-70; Cardoso e Bettencourt, 2008: 84).

No recinto murado do Crasto de Palheiros (Murça), identificaram-se nos níveis calcolíticos, restos faunísticos atribuíveis a boi doméstico (*Bos taurus*), da ovelha/cabra (*Ovis aries/Capra hircus*), a suídeo (*Sus domesticus/Sus scrofa*), desconhecendo-se se doméstico ou não (Cardoso, 2005:65-70; Cardoso e Bettencourt, 2008: 84).

A maioria daqueles testemunhos era constituída por boi doméstico, escasseando os suídeos (Cardoso e Bettencourt, 2008: 84). Nos níveis da Idade do Ferro foram identificados restos de boi doméstico (*Bos taurus*), de ovelha/cabra (*Ovis aries/Capra hircus*) e de suídeo (*Sus domesticus/Sus scrofa*). Tanto no conjunto calcolítico, como no da Idade do Ferro, é claro o domínio do boi doméstico na economia alimentar das sucessivas populações que ocuparam o local (Cardoso, 2005:65-70; Cardoso e Bettencourt, 2008: 84)

Os povoados da Vinha da Soutilha e da Pastoria (Chaves), são outros dois sítios calcolíticos transmontanos cujo registo faunístico se conhece. Na Vinha da Soutilha, o espólio é muito pobre, tendo sido identificados oito restos de ovelha/cabra e um, com incerteza, de suídeo, para além de lagomorfos e aves (Lopes, 1986). Existe predomínio do grupo dos ovinos/caprinos. No povoado da Pastoria as espécies domésticas dominantes são os ovinos, os caprinos ou os ovinos/caprinos (Cardoso e Bettencourt, 2008: 84).

No povoado do Fumo (Almendra, V. N. de Foz Côa), atribuído à Idade do Bronze, os restos de fauna recolhidos são constituídos por ovelha e/ou cabra (*Capra hircus* e/ou *Ovis áries*), boi doméstico (*Bos taurus*), porco ou javali (*Sus* sp.), veadado (*Cervus cf. elaphus*) e coelho (*Oryctolagus cuniculus*) (Valente, 2004: 221-223). A grande maioria dos testemunhos determinados pertence a espécies domésticas e as mais representadas são os ovinos e/ou caprinos, seguindo-se os bovinos (Valente, 2004: 225).

## **II.4 Recursos e antropização**

Actualmente poder-se-á afirmar que são raros os ecossistemas que não estejam alterados pela acção, directa ou indirecta, do Homem.

Para Halbwachs (1968), a marcação territorial, através de meios como a arte rupestre ou a arquitectura, tende a reproduzir mapas mentais que impõem ordem no caos de formas, cores ou sons percebidos. A organização do espaço é crucial nas sociedades, em particular nas que não possuem escrita, pois tende a corporizar as memórias colectivas (como uma mnemónica) e a promover a sua conservação (Oosterbeek, 2009: 14).

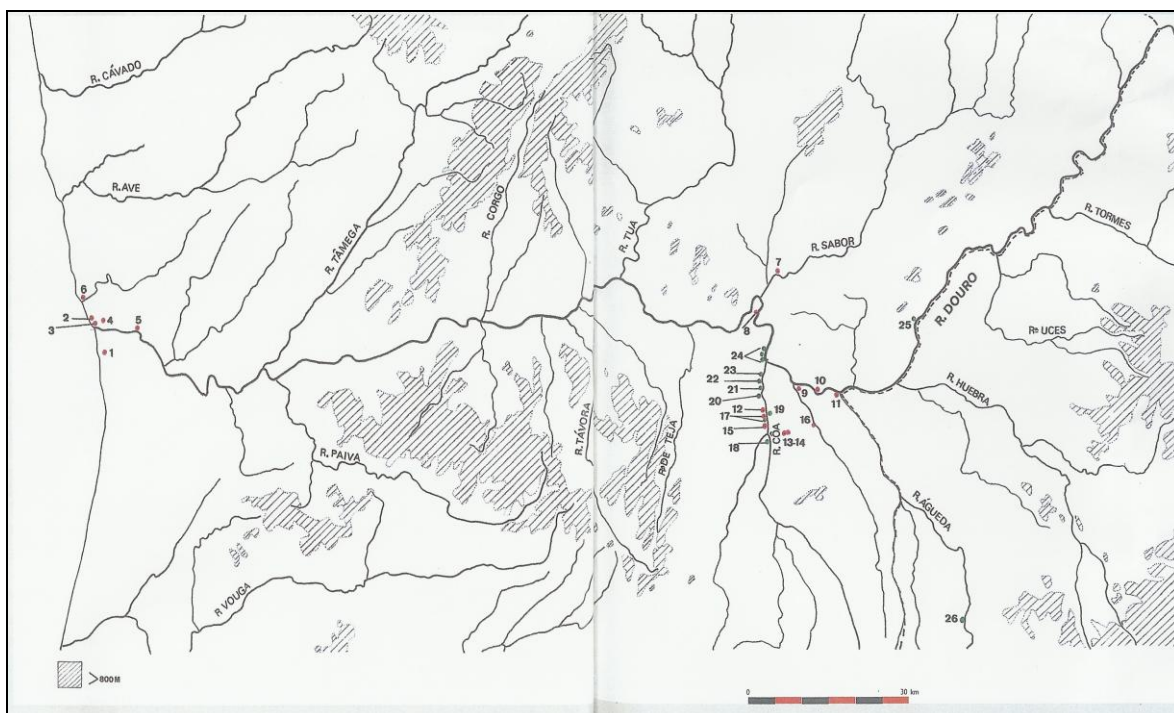
O Homem, bem como os demais agentes constituintes da biosfera, é um activo modelador/construtor da paisagem (Gomes, 2006-2007:10-27). As comunidades, como agentes, directa ou indirectamente transformadores do espaço, no contexto das mais diversas actividades realizadas quotidianamente, deixam traços da sua acção.

Pode-se considerar a paisagem como um artefacto, que é talhado a cada gesto humano, com repercussões ao nível social (com a repetição do gesto) e ao nível do ecossistema, ao alterá-lo do ponto de vista funcional e espacial no decurso da História e evolução humana (Mateus *et alii*, 2003:106).

Trás-os-Montes e Alto Douro, terá sido habitado desde muito cedo, atendendo ao registo arqueológico encontrado na região, com testemunhos de diferentes períodos, e onde certas marcas terão induzido alterações, com algum impacto na paisagem.

Há provas inequívocas de uma intensa ocupação do Vale do Douro/Côa e Sabor desde o final do Pleistocénico, patente principalmente nas produções artísticas parietais, mas também em habitats do Paleolítico Superior.

Comprovam aquela conclusão os contextos habitacionais/depósitos, contendo indústrias, de Cilhades (Moncorvo), Quinta de Monte Meão, Curral Velho, Olga Grande 2, Olga Grande 4, Cardina I, Quinta da Granja, Quinta da Barca Sul (V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> Foz Côa), Quinta da Canameira (Freixo de Espada-à-Cinta), Barca d'Alva (Figueira de Castelo Rodrigo) e Ínsula (Figueira de Castelo Rodrigo) (Sanches, 2003: 160; 2006: 44,45).



**Figura 3:** Estações mais significativas da Pré- História Antiga (Paleolítico) no Norte de Potugal (Seg. Sanches, 2006: 44,45, Mapa 1)

**Legenda:** **Vermelho :** contextos habitacionais/depósitos com indústrias; **Verde:** estações com arte rupestre (pintura e/ou gravura)

**1-** Cerro (V.N. de Gaia); **2-** Castelo do Queijo (Porto); **3-** S. João da Foz (Porto); **4-** Pasteleira (Porto); **5-** Esteiro de Campanhã (Porto); **6-** Leça (Matosinhos); **7-** Cilhades (Moncorvo); **8-** Quinta de Monte Meão (V.N. de Foz Côa); **9-** Quinta da Granja (V.N. Foz Côa); **10-** Quinta da Canameira (Freixo de Espada- à - Cinta); **11-** Barca d`Alva (Figueira de Castelo Rodrigo); **12-** Curral Velho (V.N. de Foz Côa); **13-** Olga Grande 2 (V.N de Foz Côa); **14-** Olga Grande 4 (V.N. de Foz Côa); **15-** Cardina I (V. N de Foz Côa); **16-** Ínsula (Figueira Castelo Rodrigo); **17-** Quinta da Barca Sul e conjunto rupestre de Quinta da Barca (V.N de Foz Côa); **18-** Conjunto rupestre de Faia (V.N. de Foz Côa); **19-** Conjunto rupestre de Penascosa (V.N de Foz Côa); **20-** Conjunto rupestre da Ribeira de Piscos (V.N de Foz Côa); **21-** Conjunto rupestre de Fariseu (V.N. de Foz Côa); **22-** Conjunto rupestre de Vale Figueira (V.N de Foz Côa); **23-** Conjuntos rupestres da Canada do Inferno e Rego de Vide (V.N. de Foz Côa); **24-** Conjuntos rupestres de Vale José Esteves, Vermelhusa, Vale de Cabrões e Vale da Casa (V.N. de Foz Côa); **25-** Estação Rupestre de Mazouco (Freixo de Espada- à - Cinta); **26-** Siega Verde (Conjunto rupestre de Ciudad Rodrigo); (Sanches, 2006: 44, 45).



Castelo da Adeganha (Moncorvo); **33-** Gravuras rupestres de Pedra Escrita de Ridevides e da Pedra do Poço da Moura (Alfândega da Fé); **34-** Estação de Estelas do Cabeço da Mina (Vila Flor); **35-** Mamoas de Sto. Ambrósio (Macedo de Cavaleiros); **36-** Alabardas de Carrapatas (Macedo de Cavaleiros); **37-** Conjunto megalítico de Caravelas (Miranda); **38-** Dólmen de Vilarinho da Castanheira (Carrazeda de Ansiães); **39-** Povoado de Ansiães (Carrazeda de Ansiães); **40- Povoado e pinturas rupestres de Cachão da Rapa (Carrazeda de Ansiães); 41-** Dólmen de Zedes (Carrazeda de Ansiães); **42-** Dólmen de Abreiro, alabardas de Abreiro e povoado Cemitério dos Mouros (Mirandela); **43-** Conjunto megalítico de S. Pedro de Vale do Conde (Mirandela); **44-** Conjunto megalítico de Vale de Juncal e estação de «Antas» (Mirandela); **45-** Pedras gravadas de Vale de Juncal (Mirandela); **46-** Dólmen de Lila (Valpaços); **47-** Complexo Arqueológico da Serra de Passos tendo, entre outras estações, o abrigo do Buraco e vários abrigos com pinturas rupestres (Mirandela/Valpaços); **48-** Conjunto megalítico de Zebras (Valpaços); **49-** Conjunto megalítico de Jou, incluindo a Mamoa I do Castelo (Murça); **50-** Conjunto megalítico de Valongo de Milhais (Murça); **51-** Castro de Palheiros (Murça); **52-** Dólmen de Sra. dos Montes (Murça); **53- Pinturas rupestres de Pala Pinta (Alijó); 54-**Dólmen de Fontes Coberta (Alijó); **55-** Necrópole megalítica do Pópulo/Madorras (Alijó/Murça); **56-** Necrópole megalítica de Sabrosa (Sabrosa); **57-** Conjuntos megalíticos de Justes/Lamare (Vila Real); **58-** Povoado de Castro de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar); **59-** Necrópole megalítica do Alvão (Vila Pouca de Aguiar); **60-** Conjunto megalítico de Castelo de Matos e povoado de Castelo de Matos (Baião); **61-** Complexo Arqueológico da Serra da Aboboreira tendo, além da necrópole megalítica, os povoados de Bouça do Frade, Lavra, etc. e a necrópole de Tapado da Caldeira (Baião/Amarante/Marco de Canaveses); **62-** Menir de Luzim (Penafiel); **63-** Dólmen de Sta. Marta (Penafiel) (Sanches, 2006: 84,85).

No Vale do Côa, algumas manifestações artísticas distinguem-se estilisticamente do conjunto dominante (arte paleolítica) e apresentam características próprias da arte das populações do Mesolítico e Neolítico (Sanches, 2003: 160).

É com as sociedades neolíticas, que se inicia a real transformação das paisagens, decorrendo da desflorestação, das queimadas e da agricultura (que geram novos ecossistemas), como da construção física ou arquitectónica, de novos espaços sociais, sejam estes domésticos (acampamentos ou aldeias), sejam cerimoniais (lugares de enterramento ou sítios com arte rupestre (Sanches, 2006: 80).

Do Neolítico Médio - Final, encontram-se necrópoles de sepulcros sob *tumulus*, com arquitecturas diversas e conhecem-se vários habitats neolíticos, na Serra de Passos/St.<sup>a</sup> Comba (Mirandela-Bragança), Baixo Vale do Côa, Freixo de Numão (Foz Côa), Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), Vinha de Soutinha (Chaves) e Castelo de Aguiar (V. Pouca de Aguiar) (Jorge, 2000: 8,9).

Do Calcolítico (III milénio a.C), encontram-se cistas ou monumentos sepulcrais de dimensões modestas e numerosos povoados com diferentes localizações. Identificou-se, ainda, outro tipo de monumentos, por certo plurifuncionais: sítios alcantilados, integrando recintos murados, no interior dos quais ocorrem estruturas relacionadas com actividades de uso quotidiano e/ou ritual, como Castelo Velho de Freixo de Numão, Castanheiro do Vento (V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> de Foz Côa) ou Castro de Palheiros (Murça). É neste período que vemos florescer santuários com estelas de filiação mediterrânica, como as de Cabeço da Mina (Vila Flor), cuja origem pode, no entanto, remontar ao Neolítico Final (Jorge, 2000: 8,9).

Ao longo destes milénios aparecem ainda santuários com arte rupestre dita esquemática. Estas manifestações artísticas podem encontrar-se em rochas ao ar livre, gravadas, em abrigos sob rocha, gravadas ou pintadas, surgindo também a decoração de megálitos (Sanches, 1996:55; Jorge, 2000:8,9). Estes sítios correspondem geralmente não a uma ocupação, mas a várias, que tiveram lugar ao longo de muito tempo (podem datar-se entre o Neolítico e a Idade do Bronze) (Sanches, 2006: 124).

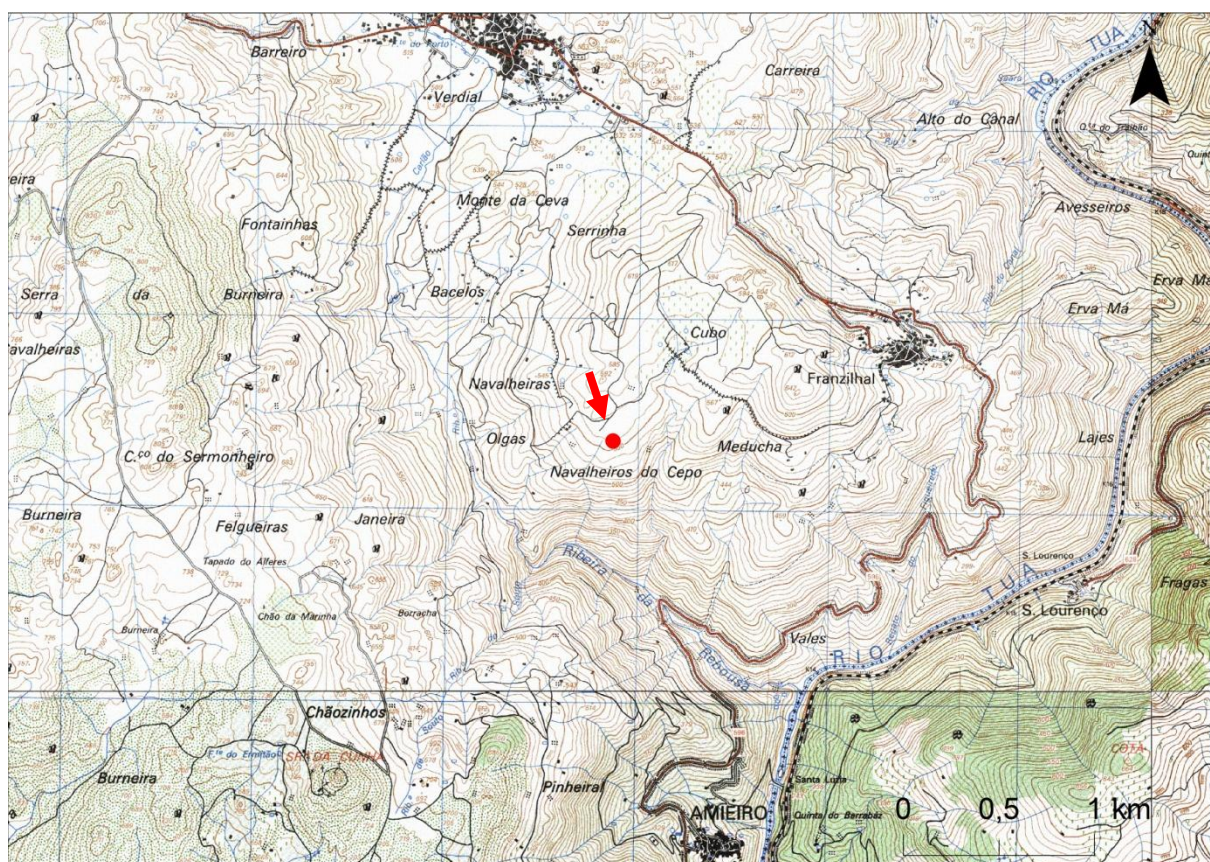
De finais do III milénio a.C. até finais do II milénio a.C., surgem estelas, depósitos de objectos metálicos e santuários com arte rupestre, quer do tipo esquemático, quer do chamado estilo galaico-português (Jorge, 2000: 8,9).



## CAPÍTULO III- PALA PINTA

### III.1 Localização

O abrigo denominado Pala Pinta, localmente conhecido pelo topónimo Navalheiros de Cepo, pertence administrativamente à freguesia de Carlão, concelho de Alijó, distrito de Vila Real. Fica situado a cerca de 400 metros para sudoeste do vértice geodésico Janianes, em encosta com acentuado declive, organizada em socalcos agrícolas, sobre a ribeira de Rebousa, perto da confluência desta com o rio Tua.



**Figura 5:** Localização do abrigo Pala Pinta (Seg. a C.M.P. folha 103, Sanfins do Douro-Alijó, S.C.E.).

As suas coordenadas geodésicas aproximadas são:  $41^{\circ} 17' 46.0$  de latitude norte e  $7^{\circ} 24' 07.8''$ , de longitude oeste de Greenwich.

O acesso ao local poderá ser feito a partir da estrada municipal 596, que liga Carlão ao Franzilhal, tomando-se caminho de terra batida à direita, a seguir ao campo de futebol, e que tem como boa referência alminhas. Fica mais ou menos a 2,5km distância da estrada municipal, os últimos cem metros fazem-se a pé, descendo a encosta. Apenas



viaturas com tração às quatro rodas devem percorrer tal trajecto, pois os acessos encontram-se em más condições.

### **III.2 Caracterização**

A Pala Pinta<sup>2</sup> corresponde a lapa de granito, com extensa abertura voltada para sul/sudoeste, medindo 12 m de comprimento, cerca de 2,50 m na parte mais alta e tendo 5 m de profundidade. A maior parte da Pala é lisa e vertical, de forma trapezoidal, mais alargada para o exterior, fazendo abóbada ou tecto. A entrada é em rampa mas, no seu interior, o chão torna-se quase horizontal. No fundo a altura do abrigo é de cerca de 1m e, em certos pontos, menos ainda.

Apenas 2,50 m da parede constitui o suporte das pinturas, não existindo quaisquer outros sinais pintados nem sequer vestígios, dentro ou fora do abrigo. Mostra, na zona pintada, manchas estriadas oblíquas, negras, dispostas da esquerda para a direita e de cima para baixo.

O suporte das pinturas são pois, painéis verticais, provocados por fractura da rocha. Na superfície vertical da pala, próximo da sua boca, há dois grupos de pinturas, dos quais o maior fica à direita e é formado por cinco sinais radiados. Um deles constituído por dois círculos concêntricos e traços asteriformes. Há, ainda, um sinal arborescente, uma cadeia de sete anéis, barras paralelas e vários agrupamentos de pontuações, além de outros sinais menos característicos. O grupo da esquerda apresenta símbolo solar, formado por dois círculos concêntricos e traços asteriformes, traços paralelos e dois pequenos sinais radiados.

### **III.3 História das investigações**

A Pala Pinta foi descoberta em 1921 por H. Mesquita, aluno de V. Correia na Universidade de Coimbra (Santos Júnior, 1933: 5).

H. Mesquita, após uma das lições sobre arte pré-histórica, lecionada por V. Correia, comunicou-lhe que, na sua terra natal, havia visto pinturas semelhantes àquelas apresentadas na aula. Após a observação das representações, facultadas por aquele, o

---

<sup>2</sup> **Ver Anexo, Estampa 1:** Planta, alçado e cortes do abrigo Pala Pinta (Seg. Orlando Sousa, 1989:197).

professor pediu-lhe que fizesse um levantamento descritivo e topográfico do abrigo (Mesquita e Correia, 1922: 7,8).

Nesse trabalho, fez-se a descrição pormenorizada do abrigo, bem como o enquadramento da paisagem envolvente. Quanto à sua interpretação não adiantou nenhuma hipótese (Mesquita e Correia, 1922: 6,7).

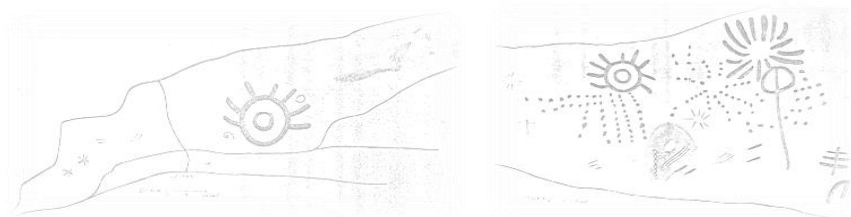
Em 1933, foi feito um estudo mais completo sobre o mesmo abrigo, da autoria de J.R. dos Santos Júnior. É este investigador que nos transmite o facto da redescoberta das pinturas rupestres do Cachão da Rapa “ (...) veio tornar mais insistente o desejo de visitar a “Pala Pinta”, visita que só pudemos realizar em Outubro de 1932” (Santos Júnior, 1933: 6).

Aquela consistiu numa sumária escavação exploradora no terreno da vinha, frente à Pala Pinta, que resultou estéril: “ (...) não tendo encontrado o mais pequeno objecto de interesse arqueológico, nem um simples fragmento de cerâmica” (Santos Júnior, 1940).

Fez então o desenho de vários sinais ali pintados e os dois clichés que publicou no referido trabalho. Para este autor o interesse desta nova notícia é, por assim dizer, apenas iconográfico, uma vez que foi a primeira vez que foram publicadas fotografias sobre o abrigo (Santos Júnior, 1933: 5-15).



**Figura 6:** Entrada da Pala Pinta (Seg. Santos Júnior, 1933).



**Figura 7:** Pala Pinta, Painel 1 e Painel 2 (Seg. Santos Júnior, 1933: 8).

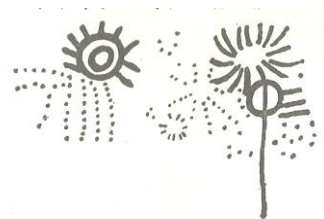
Para o arqueólogo antes referido, é possível que estejamos na presença de local escolhido para manifestações de culto, ou seja um verdadeiro santuário rupestre (Santos Júnior, 1933: 5-15).

Em 1940, Santos Júnior elabora inventário das estações de arte rupestre portuguesas com base em referências anteriores e nas suas próprias visitas aos locais, em que inclui as pinturas e gravuras em abrigos e penedos ao ar livre ou em monumentos megalíticos, utilizando, quase exclusivamente, as *Memórias Arqueológico - Históricas do Distrito de Bragança*, Vols. IX e X, do abade de Baçal (Alves, 1910), para o inventário das estações de arte rupestre do distrito de Bragança. Entre as referências coligidas, no que respeita às estações de arte rupestre localizadas em Trás-os-Montes, conta-se a Pala Pinta.

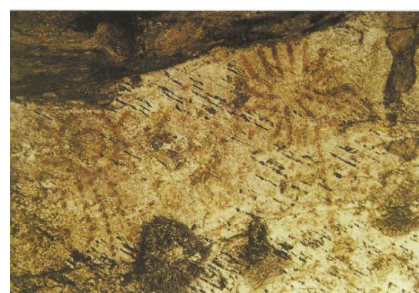
H. Breuil (1940), no seu trabalho “*Quelques observations sur les peintures schématiques de la Péninsule Ibérique*”, enquadra as pinturas da Pala Pinta no grupo dos *signes stelliformes ou rayonnés* (Breuil, 1940: 7,8).

Para J. Maringer (1956:212), nos sinais da Pala Pinta estão dois sóis em céu estrelado. Segundo o mesmo autor, o local teria significado ritual, ligado às pinturas e aos lugares onde elas se encontram, como a imagem esquemática de machado, que não podemos aceitar, dado tratar-se de antropomorfo em forma de  $\phi$ .

Em 1972, M. Farinha dos Santos, faz breve descrição da Pala Pinta, no seu trabalho *Pré-História de Portugal*, onde publicou fotografias a cores das suas pinturas (Santos, 1972: 115,116).



**Figura 8:** Pinturas da Pala Pinta, interpretadas como céu estrelado e machado ritual (Seg. Maringer, 1956: 212, a partir de Santos Júnior, 1933:8).



**Figura 9:** Pinturas do abrigo Pala Pinta (Seg. M. Farinha dos Santos, 1972).

Orlando Sousa, arqueólogo do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, realizou novo levantamento das pinturas, bem como do abrigo, entre 1 a 12 de Julho de 1985, que publicou em 1989.

Segundo aquele autor, foi utilizada uma única cor na realização das pinturas, o vermelho sanguíneo, um pouco escuro, não havendo sobreposições, o que aponta para uma só fase de execução das mesmas (Sousa, 1989).

O trabalho anteriormente citado pretendia trazer algumas novas pistas para o estudo da arte rupestre no Norte de Portugal e exemplificar a representação (em planta, alçado e corte) de abrigo com arte rupestre, com a orientação dos painéis pintados, numa altura em que novos abrigos com pinturas estavam a ser descobertos na aquela região (Sousa, 1989).

Carlos Almeida (1993), no seu trabalho intitulado o “*Aro Arqueológico de Carlão –Alijó*”, descreve a paisagem que rodeia o abrigo, caracterizando-a como agressiva e que “ (...) *somente povos norteados para actividade pastoril e, mais episodicamente, caçadora e recolectora, é que poderiam subsistir ao longo da crista dos montes e journeyar pelas encostas e quebradas que antecedem o vale*” (Almeida, 1993: 241).

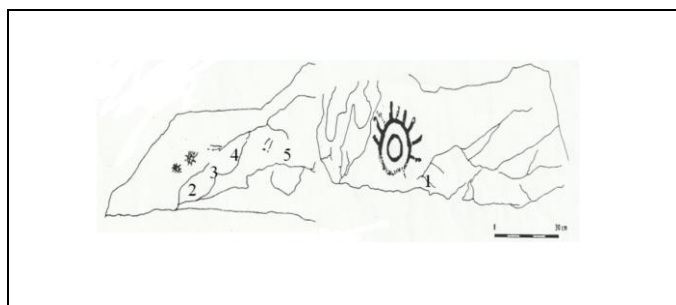
Quatro anos depois, Fernando Rodrigues (1997), na “*Memória Descritiva e Bibliográfica da Vila de Alijó, Parte Histórica*”, faz descrição pormenorizada da Pala Pinta, concluindo que foram duas as técnicas variantes utilizadas na execução das pinturas e que as pontuações, os círculos concêntricos, as faixas radiadas, os traços e barras devem ter sido feitas a dedo. Os sinais, formados por traços mais finos, seriam pintados a pincel cuidadosamente e por mão firme. Acrescenta ainda que devem ter sido dois os artistas que pintaram os sinais ali patentes, e que a ser verdade, permitira supor que as duas variantes técnicas referidas corresponderiam a dois períodos diferentes, aspecto que os agrupamentos apresentados podem justificar (Rodrigues, 1997: 9-11).

No ciclo de conferências sobre Arqueologia, que teve lugar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, nos finais de 2001, foi apresentada tabela comparativa entre símbolos solares, com tipologia dos símbolos astrais realizada por Dubal (*Astral Orbs Typology: Dubal's 10 classe*) comparando-a com os motivos solares da Pala Pinta.

Em 2002, José Costa, na sua tese de mestrado, intitulada “*Ser de Carlão: o espaço de pertença e as representações da identidade como fundamentos da tomada de*

*consciência cultural*” refere a Pala Pinta, mencionando os trabalhos ali feitos e recolhendo a informação existente sobre o mesmo.

### III.4 Catálogo dos signos



**Figura 10:** Paineis 1a e Paineis 1b (Seg. Sousa, 1989:194).

#### PAINEL 1

**PP/P1.1-** *Soliforme*. Pintado de cor vermelha escura, mostra dois círculos concêntricos e oito raios exteriores, na metade superior. Mede 220 mm de diâmetro.

**PP/P1.2-** *Soliforme*. Pintado de cor vermelha escura, mostra corpo com forma ovalada, radiado no exterior. Mede 32 mm de diâmetro.

**PP/P1.3-** *Soliforme*. Pintado de cor vermelha escura, mostra corpo de forma ovalada, radiado no exterior. Mede 26 mm de diâmetro.

**PP/P1.4-** *Duas linhas paralelas*. Pintadas com cor vermelha escura e dispostas na horizontal. Medem 45 mm de comprimento.

**PP/P1.5-** *Duas linhas paralelas*. Pintadas de com cor vermelha escura. Medem 40 mm de comprimento.



**Figura 11:** Paineis 2 (Seg. Sousa, 1989:195).

## **PAINEL 2**

**PP/P2.6-** *Soliforme*. Pintado de cor vermelha escura, mostra corpo de forma ovalada, radiado no exterior. Mede 80 mm de diâmetro.

**PP/P2.7-** *Antropomorfo esquemático*. Apresenta forma de árvore. Pintado de cor vermelha escura, mostra linha vertical, interceptada por dezassete traços horizontais. Mede 70 mm de altura e 85 mm de largura máxima.

**PP/P2.8-** *Cadeia*. Pintada de cor vermelha escura, mostra sete elementos, com contorno circular ou oval, unidos e dispostos em linha vertical. Mede 110 mm de comprimento.

**PP/P2.9-** *Três linhas paralelas*. Pintadas de cor vermelha escura e dispostas obliquamente. Mede 100 mm de comprimento.

**PP/P2.10-** *Quatro linhas paralelas*. Pintadas de cor vermelha escura e dispostas obliquamente. Mede 50 mm de comprimento.

**PP/P2.11-** *Antropomorfo esquemático*. Mostra tronco reduzido a segmento rectilíneo, interceptado por três linhas paralelas perpendiculares àquele. Foi pintado de cor vermelha escura. Mede 130 mm de altura e 90 mm de largura máxima.

**PP/P2.12-** *Antropomorfo esquemático*. Mostra duas linhas convergentes, formando arco muito fechado. Foi pintado de cor vermelha escura. Mede 120 mm de altura e 32 mm de largura máxima.

**PP/P2.13-** *Soliforme*. Pintado de cor vermelha escura, mostra oito raios. Mede 100 mm de diâmetro.

**PP/P2.14-** *Soliforme*. Pintado de cor vermelha escura, mostra dois círculos concêntricos e nove raios exteriores, na parte superior. Mede 130 mm de diâmetro.

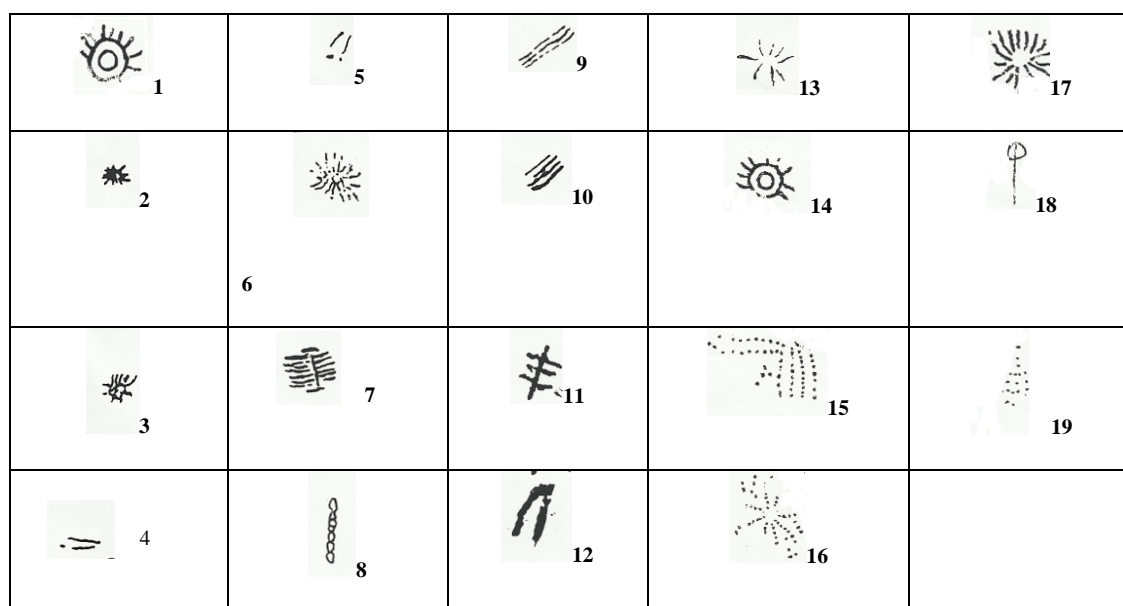
**PP/P2.15-** *Linhas de pontos*. São formadas por cinquenta e três pontos, de contorno circular ou oval, constituindo duas linhas horizontais, quatro verticais e pontos não relacionáveis com aquelas. Foram pintadas com cor vermelha escura. Mede 160 mm de comprimento máximo.

**PP/P2.16-** *Soliforme*. É formado por quarenta e nove pontos, de contorno circular ou oval, apresenta forma com corpo circular, radiado. Foi pintado com cor vermelha escura. Mede 250 mm de diâmetro.

**PP/P2.17- Soliforme.** Pintado de cor vermelha escura, apresenta quinze raios. Mede 190 mm de diâmetro.

**PP/P2.18- Antropomorfo esquemático,** em forma de *phi* ( $\phi$ ). Mostra corpo reduzido a linha vertical e braços em forma de arco, conferindo-lhe contorno oval. Foi pintado com cor vermelha escura. Mede 400 mm de altura e 90 mm de largura máxima.

**PP/P2.19- Conjunto de pontos.** Grupo de dezassete pontos, com contorno circular ou oval, pintados de cor vermelha escura. Mede 270 mm de comprimento máximo.



**Figura 12:** Pinturas do abrigo rupestre Pala Pinta, a várias escalas (Seg. Sousa, 1982:194-196).

	Painel 1	Painel 2	Total
<b>Antropomorfos</b>	-	4	4
<b>Soliformes</b>	3	5	8
<b>Cadeia</b>	-	1	1
<b>Duas linhas paralelas</b>	2	-	2
<b>Três linhas paralelas</b>	-	1	1
<b>Quatro linhas paralelas</b>	-	1	1
<b>Linhas de pontos</b>	-	1	1
<b>Conjunto de pontos</b>	-	1	1
<b>Total</b>	5	14	19

**Tabela 1:** Inventário das pinturas do abrigo Pala Pinta.





**Figura 13:** Abrigo Pala Pinta (Foto de Luísa Teixeira, 2012).



**Figura 14 e 15:** Painel 1 e Painel 2 (Foto de Luísa Teixeira, 2012).

### **III.5 Integração cronológica e cultural**

Desde a descoberta da Pala Pinta, que se tem vindo a estabelecer afinidades e possíveis relações cronológicas com locais que detêm semelhanças.



Os soliformes, ou seja os círculos radiados, são, pela maioria dos autores, considerados como símbolos solares, embora tenha havido quem os interpretasse de maneira diferente. Cabré e Hernández- Pacheco (1914), estudando certos destes sinais existentes entre as numerosas pinturas da Cueva de Tajo de las Figuras, interpretaram-nos como representações de ninhos de aves, enquanto Frankowski (1918), emite a hipótese de representarem palafitas, isto é, habitações pré-históricas construídas sobre estacas (Santos Júnior, 1933: 11).

Virgílio Correia (1922) no seu erudito aditamento no estudo da Pala Pinta afirma que “(...) o carácter estilizado e esquemático dessas figuras, mostra que se trata de pinturas neolíticas, semelhantes as que teem sido descobertas por todo o país vizinho, especialmente nas serras do Sul (...)” (Mesquita e Correia, 1922: 8).

Segundo H. Breuil e M. Burkitt (1929), os sinais radiados podem ainda ser considerados como estilizações humanas. Quase todos os sinais, senão mesmo a sua totalidade, encontram similitudes em múltiplas estações de arte rupestre peninsular (Santos Júnior, 1933: 11).

Para Santos Júnior (1933), para estabelecer uma cronologia provável para a Pala Pinta, visto que resultou estéril a escavação sumária a que ali procedeu, resta o método comparativo. No seu trabalho monográfico refere o predomínio dos sinais radiados, possíveis representações de estrelas e do Sol. Para este autor deve-se atender sobretudo a este grupo de sinais, para estabelecer afinidades e possíveis relações cronológicas. As representações solares, ou melhor, os soliformes, aparecem com grande frequência no Calcolítico, na Idade do Bronze e até na Idade do Ferro.

As pinturas de Las Batuecas que são, de todas, segundo Santos Júnior (1933:14), as que mais afinidades apresentam com a Pala Pinta, bem como os sinais radiados ou símbolos solares da cerâmica calcolítica campaniforme, permitem estabelecer para as pinturas referidas tal cronologia (Calcolítico e Idade do Bronze).

Aquele investigador também refere que o abrigo, dadas as suas escassas dimensões, sobretudo em altura, não deve ter servido de habitação ao homem que pintou os sinais ainda hoje ali patentes.

Além dos símbolos solares, nas Batuecas são numerosas, especialmente na Cueva del Cristo, daquela estação do país vizinho, as pontuações semelhantes às da Pala Pinta.

Pontuações da mesma natureza, com distribuição similares e arranjo, são de resto bastantes frequentes em muitas das estações rupestres da faixa meridional da Andaluzia e de outras regiões de Espanha, aparecendo também nas pinturas portuguesas de Valdejunco. Os sinais radiados, ou símbolos solares, como lhe temos vindo também a chamar, aparecem, e com certa frequência, na cerâmica calcolítica pré-campaniforme e campaniforme. Os símbolos solares encontram-se, também, em alguns utensílios de pedra dos dólmens de Alvão (Vila Pouca de Aguiar) e em várias estações de arte rupestre do Noroeste Peninsular (Santos Júnior, 1933: 13,14).

Para António Martinho Baptista (1986:36), a Pala Pinta poderá ter uma aparente filiação simbólica solar nas culturas calcolíticas do Sul Peninsular, o que a situaria cronologicamente numa fase ainda anterior à Idade do Bronze ou mesmo nos seus primórdios.

Orlando Sousa (1989), remete este abrigo para cronologia que se situará entre meados e fins do III milénio a.C., anterior à cronologia proposta por António M. Baptista. Justifica esta cronologia pelas evidências predominantes de motivos relacionados com o Sol (Sousa, 1989: 192).

Para Carlos Almeida (1993), nas pinturas da Pala Pinta dominam os tipos esteliformes e figurações de conotação solar, escrevendo: “ *Em presença deste tipo de simbologia é forçoso perguntar se tal temática não terá uma filiação, aparente ou não, que entronca nas Culturas Calcolíticas do Sul da Península?*” (Almeida, 1993: 226,227).

Podemos concluir que a Pala Pinta terá feito parte integrante do universo cosmológico das populações que frequentaram aquele local, produzidas durante actividade sócio-religiosa em período difícil de precisar do Calcolítico.

### **III.6 A Pala Pinta e a paisagem**

O abrigo rupestre Pala Pinta está localizado de modo relativamente isolado a meio de uma encosta de difícil acesso, em pleno vale do Tua, sobre a ribeira de Rebousa, numa zona essencialmente granítica.

O território ao qual pertence o abrigo, em termos morfológicos é um vale bem definido pelas serranias envolventes, rodeado de pequenos planaltos, ligados entre si por vales. O vale de Carlão destaca-se de todos os outros, sendo o mais extenso e o mais fértil. Este fecha-se ao colidir com dois pequenos planaltos, o da Carreira – Seara (552m), coberto por espécies florestais, e a Serrinha (627m), com os seus olivais, amendoeiras e, especialmente, vinhas plantadas em socalcos (Almeida, 1992:229,230).

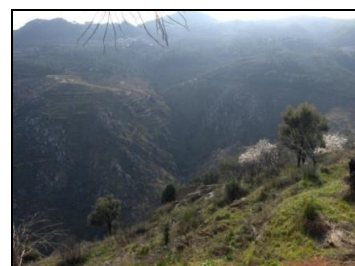
No que respeita aos recursos hídricos, a zona possui várias linhas de água, que vão desaguar no Tua e no Tinhela. O abrigo encontra-se numa encosta que está orientada no sentido NW-SE, “(...) *a mesma direcção que toma a principal linha de água que dá corpo ao ribeiro de Carlão*” (Almeida, 1992: 229,230).

Na direcção de nascente, até às margens dos rios Tua e Tinhela, seguem-se os cumes de *Janianes (641 m)*, *Alto do Canal (330m)*, *Alto da Figueirinha (312m)* e *Alto do Coro de Carlão (436m)*, afastados por pequenos vales orientados no sentido das linhas de água, como os regatos do Muro e Figueiredo ou os ribeiros do Canal, Seara e Carvalhal (Almeida, 1992: 230)

O território de Carlão, em termos geológicos, não é uniforme. Predomina o granito na área que se prolonga desde a “ (...) *nascente da sede de freguesia e*



**Figura 16:** Paisagem onde o abrigo Pala Pinta está inserido (Foto de Luísa Teixeira, 2012).



**Figura 17 e 18:** Paisagens visíveis a partir do abrigo Pala Pinta (Foto de Luísa Teixeira, 2012).

*ultrapassando a dupla Carreira- Serra, chega à vizinhança do alto do Canal e alto da Figueirinha*". A base geológica do restante território é constituída pelos xistos pré-câmbricos, xistos luzentes e argilosos, por vezes intercalados de quartzitos, abrange os terrenos situados na " (...) *vertente da Serrinha- Janianes voltada para os ribeiros de Carlão – Rebousa e dos socalcos, que a partir de Franzilhal descem até às águas do Tua, bem como os terrenos a nascente e nordeste do Alto do Seara se inclinam sobre a ponte que atravessa o Tinhela*" (Almeida, 1992: 230-232).

Do ponto de vista geomorfológico o abrigo insere-se na sub-região natural da Padrela, à qual correspondem superfícies graníticas aplanadas ou de encostas suaves a moderadas, alterando com outras mais penhascosas, inclinando-se gradualmente para sul até ao contacto com a plataforma de xistos e grauvaques da região duriense (Agroconsultores e Coba, 1991: 29).

Zona de clima quente e seco, protegida dos ventos dominantes e com boa exposição solar, a vegetação predominante é o zimbro e a carqueja - vegetação natural de paisagem mediterrânica. De assinalar ainda a presença de espécies como o pinheiro, a amendoeira e a vinha.

Através do abrigo Pala Pinta podemos observar a existência de conjunto de elevações em todo o seu redor. Algumas destas têm porte considerável, destacando-se, entre elas, o monte da Nossa Senhora da Cunha.

A sua altitude não é verdadeiramente relevante mas antes o ambiente em que se implanta, correspondendo a vertente formando espécie de anfiteatro sobre o vale do Tua.

A partir do abrigo tem-se grande visibilidade, dando-nos a impressão que se domina todo o horizonte, percorrendo-se com o olhar montanhas e vales. Local de elevada paz, o silêncio apenas é quebrado pelo barulho da força da água do ribeiro e dos animais que ali habitam, levando a nossa imaginação a recuar milénios.

A estratégia de visibilidade poderá ter assumido particular importância para as comunidades pré-históricas, na escolha do local de implantação dos povoados como dos santuários rupestres.

Dali se domina troços do ribeiro de Carlão e do Tua, a SSE, embora a percepção actual seja apenas uma imagem amputada do que sucederia aquando da frequência antiga deste sítio (Sousa, 1996: 56).

Um dos factores de fixação e de vida são as nascentes de água e/ou as linhas de água. Em torno do abrigo, são visíveis diversas linhas de água, sobressaindo várias nascentes e ribeiros nas áreas envolventes.

Em redor do abrigo a paisagem é actualmente constituída por pequenas propriedades rurais. Alguns terrenos são utilizados para pastagem do pouco gado existente, assim como o aproveitamento de mato para a corte dos animais. Muitos dos terrenos em seu redor estão abandonados, sobressaindo os socalcos que outrora terão sido meio de subsistência de muitas famílias.

### **III.7 Interpretações.**

Os sinais pintado existentes na Pala Pinta são frequentes em outras estações de arte rupestre peninsulares.

Segundo Santos Júnior, é possível que estejamos na presença de local especialmente escolhido para manifestações do culto astral (Santos Júnior, 1933: 15). Para António Martinho Baptista, são evidentes as figurações com conotações solares e os construtores de mégalitos terão sido mesmo alguns dos difusores de tal temática, quase certamente vinda de sul para norte (simbolismo solar do dólmen de Chã de Parada, a norte do Douro, por exemplo). Para o mesmo autor, não deixa de ser curiosa a conceptualização de dois motivos esteliformes com círculos concêntricos, formas aproximadas da arte rupestre atlântica e que na própria arte do Noroeste poderiam entretanto sintetizar, já sem a presença dos raios exteriores ou utilizando tão só combinações derivadas do círculo, as próprias representações do Sol (Baptista, 1986: 36).

Também para Orlando Sousa (1989:192), os sinais da Pala Pinta, mostram evidências predominantes de motivos relacionados com o Sol, a par de motivos antropomórficos. De facto, o simbolismo solar deste abrigo, onde soliformes foram concebidos integrando círculos concêntricos permite afinidades como os círculos concêntricos, comuns na arte megalítica, embora gravados. Foi identificado em Baião,

na Mamoa 3 de Chã de Parada, conjunto de cinco círculos, dois dos quais concêntricos, também pintados. Devemos juntar a esta ocorrência, motivo esteliforme do Dolmen 1 de Chã de Parada, publicado por E.S.Twohig (1981), relevando a sua semelhança quer com figura presente na Pala Pinta quer com dois motivos da rocha gravada do Poço da Moura, Vila Flor (Sousa, 1989:192).

H. Breuil interrogava-se mesmo se representação esteliforme da Pala Pinta não figuraria, em simbiose imagética, a cabeça de personagem, o que tornaria este abrigo em curioso precedente das personagens solares divinizados, melhor documentadas nas civilizações históricas da bacia mediterrânica, nomeadamente as ligadas ao mundo romano orientalizante (Baptista, 1986:36).

Segundo Carlos A. Brochado de Almeida (1993:227), a carga simbólica patente nas pinturas da Pala Pinta poder-nos-ão conduzir até ao mundo da religiosidade solar, no que segue Santos Júnior e H. Breuil.

Na tabela de Dubal, as pinturas da Pala Pinta podem estar associadas ao tipo dos eclipses solares, ou cometas/explosões, como podem simplesmente representar as benesses que o Sol concede àquela região, representadas na forma de chuva, ou de raios solares que fecundam a terra (Costa, 2002:12).

Uma das representações gráficas que aparecem na Pala Pinta tem correspondência com a classe 10 (conjunções), da tabela de Dubal, dando a ideia, que ali se representaria mapa celeste.

Fernando Rodrigues (1997) interpreta os círculos com faixas radiais como representações solares, os sinais radiados como representações de estrelas e os sinais ramiformes como estilizações esquemáticas da figura humanas. Em relação aos outros sinais da Pala Pinta, considera-os difícil, se não impossível, de definir (Rodrigues, 1997: 11).

Segundo Costa (2002:129), a Pala Pinta, “(...) no seu conjunto pictográfico representará uma espécie de mapa universal, formado por elementos que associam o céu à terra, em que a função fecundadora do Sol torna a Terra fértil e prenhe” .

O primeiro contacto objectivo do homem com a figura geométrica do círculo decorreu da visualização de corpos celestes: A Lua e o Sol. A Lua, proposta em círculos concêntricos ou círculos sequenciais, unidos, permite a ideia de ciclos temporários. O

Sol, segundo Durand (1989), significa a força, a ascensão, o poder, a lucidez, o imutável e imperioso (Carvalho, 2003: 42-44).

No abrigo rupestre Pala Pinta, a grande maioria dos símbolos são representações do Sol. Este é muitas vezes figurado a partir de círculos concêntricos, que tendem a transformar-se em espirais. “ *O que não admira, na medida em que esta estrela se associa à vida e a espiral simboliza o movimento que preside à expansão cósmica e ao crescimento dos seres vivos, (...) o círculo é sem dúvida o mais importante. A luz emanada do Sol/círculo significando o princípio primordial e criador que unifica o ser humano com o Cosmos ou o espírito com a matéria* (Vergani, 2001:9).

Inúmeros templos ou santuários manifestam a sua função “solar” através de construções redondas. Circulares são também as auréolas de luz que coroam as cabeças dos anjos ou dos santos, segundo a tradição cristã. “ *Era através do poder do Sol Cíclico que o deus grego Chronos conseguia vencer as trevas e o Caos, realizando a união vitoriosa do tempo com a vida*” (Vergani, 2001: 9-18).

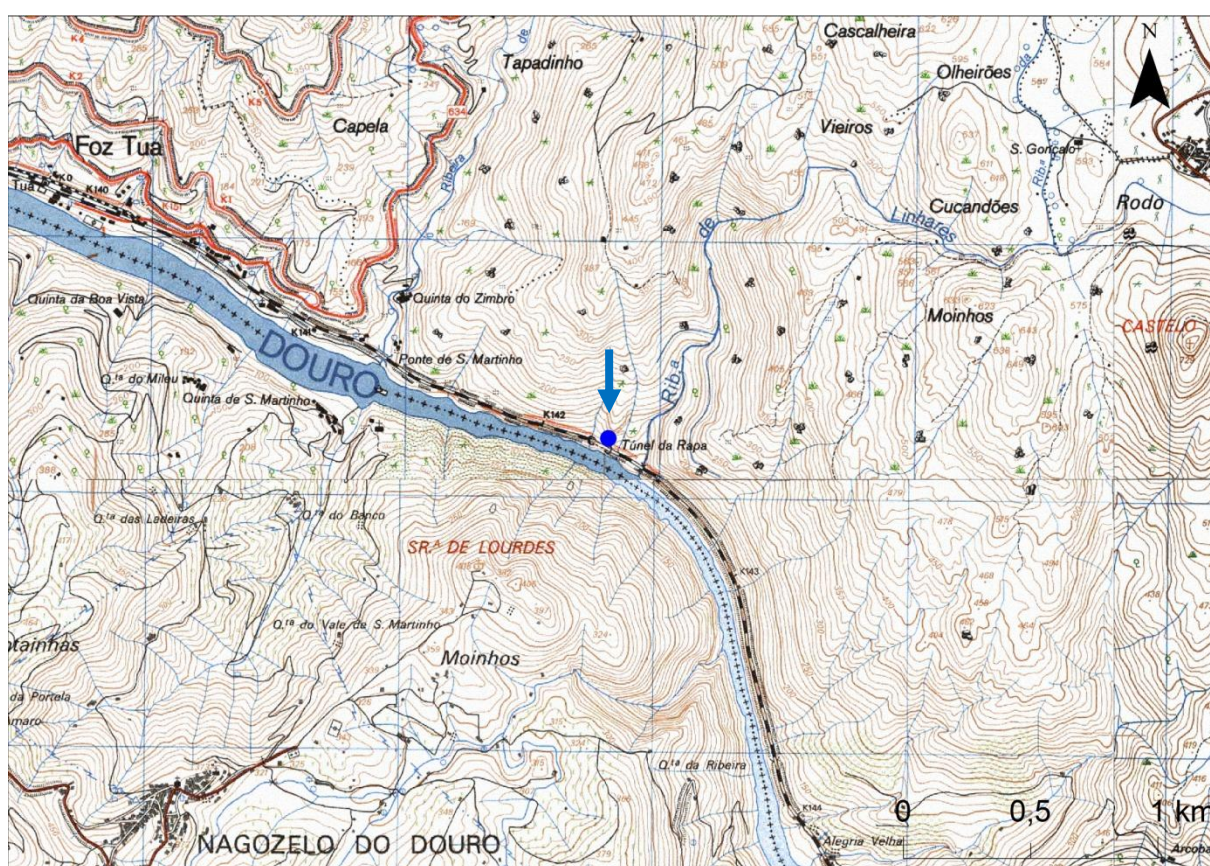
A Pala Pinta, pela simbologia presente nos seus painéis, terá sido local de culto solar, podendo ter estado ligada às celebrações dos dias dos equinócios e dos solstícios, tornando-se num espaço mágico-religioso. O culto à Deusa Mãe e ao Sol encontra-se relacionado com os ritmos da Natureza e da sua constante renovação, articulando-se com os cultos da fecundidade e da fertilidade em geral. A importância do Sol, na agricultura e pastorícia, foi fulcral no quotidiano das populações pré-históricas, pelo que o conhecimento do calendário das estações foi, e ainda hoje é, essencial para se poderem fazer as sementeiras e as colheitas.



## CAPÍTULO IV- CACHÃO DA RAPA

### IV.1 Localização

O abrigo Cachão da Rapa, na tradição oral popular conhecido por Curral das Letras, localiza-se no termo da freguesia de Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães, distrito de Bragança. Fica a poucas centenas de metros a leste da confluência do rio Tua com o Douro, quase sobre o curso actual daquele segundo rio, acima do túnel da Alegria, ao quilómetro 142,200, e a pouco mais de 2 km, a montante, da estação de caminho-de-ferro do Tua.



**Figura 19:** Localização do abrigo Cachão da Rapa (Seg. a *C.M.P.* folha 116- Alijó, folha 128- São João da Pesqueira, *S.C.E.*).

As suas coordenadas geodésicas aproximadas são: 41° 11' 54,5" de latitude norte e 7° 23' 28,3" de longitude oeste de Greenwich.

O acesso ao local poderá ser feito pelo lugar do Zimbro, seguindo-se pela linha de caminho-de-ferro, mais ou menos 2 km até se chegar ao túnel acima mencionado.



Um pouco antes do túnel sobe-se pequeno carreiro, muito íngreme e travessa-se pequenas parcelas, para depois descer junto ao paredão ou seja ao abrigo, que está no meio da penedia agreste. Um outro caminho possível é partindo da Ribalonga, em direcção à ribeira de Linhares, passando-se por autênticos desfiladeiros e labirintos.

#### **IV.2 Caracterização**

O abrigo é constituído por superfície lisa e vertical de enorme rochedo granítico. Quatro fissuras dividem aquela superfície contendo pinturas.

Os sinais pintados distribuem-se por área medindo cerca de 2,5 m de altura por 2 m de maior largura, existindo no topo da superfície área com mais de 1 metro de altura sem qualquer imagem. A parede decorada é mais larga na parte média, onde mede pouco mais de dois metros. A superfície referida olha para poente, lado onde corre o rio Douro. Constitui protecção natural saliência no recanto cimeiro (Santos Júnior, 1933:29-42)

Se algumas pinturas podem-se tocar com a mão, grande parte delas situa-se a maior altura. A pintura mais alta encontra-se a pouco mais de 3 metros de altura em relação ao solo. A superfície onde se observam pintados os diversos símbolos não mostra qualquer preparação prévia àquela intervenção.

As cores utilizadas nas pinturas foram o vermelho-vinhoso e o azul-escuro. Predominam as figuras quadrangulares com o interior seccionado regularmente, em xadrez, combinando aquelas duas cores. Estes motivos são encimados por duas fiadas paralelas de traços vermelhos, com algumas variantes de figura para figura, o que lhes confere formalismo compositivo sem paralelo na pintura esquemática. Existem ainda motivos quadrangulares, com os interiores segmentados, circulares ou ovais, possuindo um ou dois diâmetros cruzados, tal como traços ou barras paralelas, etc... (Baptista, 1986: 37).

#### **IV.3 História das investigações**

A primeira notícia sobre o abrigo do Cachão da Rapa apareceu em 1706 na “*Corografia Portuguesa*”, do P.<sup>e</sup> António Carvalho da Costa (Santos, 1972: 112; Alves, 1975:667).

As suas pinturas foram mencionadas pelo P.<sup>e</sup> João Pinto de Moraes e António de Sousa Pinto, em manuscrito de 1721, intitulado “*Memórias de Anciães*”, que com outros manuscritos, foi encadernado no volume “*Relação de Vila Real*”. Ali se faz a descrição do sítio e reproduziram alguns dos seus símbolos (Santos Júnior, 1933:9).

Todavia, coube ao ilustre erudito do século XVIII, D. Jerónimo Contador de Argote, a honra de publicar ilustração com as pinturas do Cachão da Rapa. Inicialmente fê-lo no tomo II das suas “*Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispo de Braga Primaz das Hespanhas*”, editada em Lisboa, no ano de 1734 (Santos

Júnior, 1933:11-12). Trata-se das mais antigas reproduções de arte rupestre a nível mundial, embora “ (...) parece que Contador de Argote, não chegou a ver as pinturas. Não foi ele quem as copiou, nem tão pouco quem as examinou, visto que a primeira vez que delas nos fala o faz sobre elementos que João Pinto de Moraes e António de Sousa Pinto enviaram, elementos que a seguir compara com a descrição que delas lhe fez o P.<sup>e</sup> Joseph de Macedo Rosales” (Santos Júnior, 1933:12,13).



**Figura 20:** Abrigo do Cachão da Rapa sinalizado pela seta (Foto de Luísa Teixeira, 2012).



**Figura 21:** Abrigo do Cachão da Rapa (Foto de Luísa Teixeira, 2012).

Em 1738, aquele mesmo eclesiástico publicou “*De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*”, voltando-se a ocupar das mesmas pinturas, no capítulo VIII, subordinado ao título “*De outras minas, e huma notável gruta*”. Argote reedita as informações que dera antes, mas acresce-as de uma ou outra nota. Ele considerou as pinturas obra não dos romanos, mas de gentilidades no tempo deles, todavia sem excluir a possibilidade de serem anteriores (Santos Júnior, 1933:12,13).

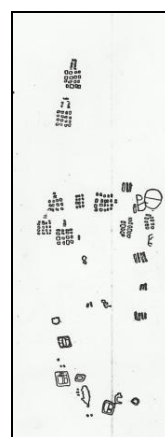
De ambas as vezes que se ocupou das pinturas do Cachão da Rapa, fez acompanhar os seus textos, com uma gravura de Debrrie, procurando representar a composição pictográfica do Cachão da Rapa (Santos Júnior, 1933:12).

Nove anos depois (1747), as pinturas do Cachão da Rapa voltam a ser referência. Desta vez é ainda um clérigo que o faz, o P.<sup>e</sup> Luís Cardoso (1747:469), no seu “*Dicionário Geográfico*”, ao tratar da Vila de Ansiães (Santos Júnior, 1933:17,18).

O distinto arqueólogo e etnólogo José Leite de Vasconcellos (1897:363), no vol. I de “*Religiões da Lusitânia*”, relata «*que em sessão da*



**Figura 22:** Pinturas do abrigo Cachão da Rapa representadas em gravura sobre cobre, datada de 1735 (Seg. D. Jerónimo Contador de Argote).



**Figura 23:** Pinturas do abrigo Cachão da Rapa (Seg. José Félix, 1853).



**Figura 24:** Pinturas do abrigo Cachão da Rapa (Seg. Possidónio da Silva, 1886:78).

*Câmara dos Pares, 5 de Março de 1853, o Visconde de Seabra, num discurso patriótico, chamou a atenção do Ministro das Obras Públicas para este monumento (o Cachão da Rapa), e em virtude disso, na ocasião em que se construiu a linha férrea do Douro, o monumento foi respeitado mandando-se tirar uma cópia dos sinais», cópia que o mesmo ilustre professor reproduz na fig.77 no volume da obra citada (Santos Júnior, 1933:18).*

A dificuldade de acesso ao Cachão da Rapa é manifesta, sabendo-se que a cópia mandada tirar pelo Ministério das Obras Públicas foi feita pelo condutor José Felix Alves, «amarrado com uma corda» (Santos Júnior, 1933:18).

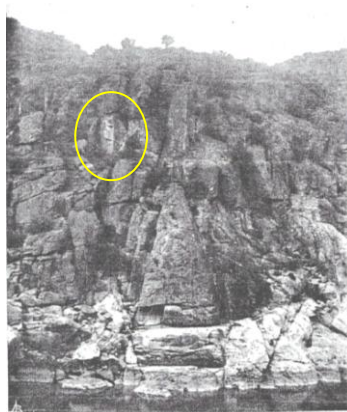
Em 1876, o Visconde de Vilar Maior, faz ligeira referência às pinturas do Cachão da Rapa, na obra “*O Douro Ilustrado*” (Santos Júnior, 1933:18).

Possidónio da Silva, em 1886, cita aquelas pinturas em artigo do “*Boletim da Real Associação dos Architetos Civis e Archeólogos Portuguezes*”, tendo enviado ao Congresso da Associação Francesa para o Progresso das Ciências, celebrado em Grenoble em 1885, desenho das mesmas (Vasconcellos, 1897:363).

Alguns anos depois, torna o monumento pictográfico do Cachão da Rapa a ser objecto de estudo, desta vez por parte de José Leite de Vasconcellos, que dele se ocupa largamente, revendo o que sobre aquele se escrevera e emitindo opinião acerca da sua provável cronologia. Tal acontece depois de estudar as gravuras rupestres da Pedraça,



**Figura 25:** As Pinturas do Cachão da Rapa (Seg. Cabré, 1946:23).



**Figura 26:** Abrigo do Cachão da Rapa visto da outra margem do Douro (Seg. Santos Júnior, 1933: Est. IV).

em Senhorim (Beira Alta), e da Orca dos Amiais, onde aparecem símbolos que compara com os sinais em xadrez do Cachão da Rapa (Vasconcellos, 1897: 364,365).

Amílcar de Sousa considerou as pinturas do Cachão da Rapa como desaparecidas, num artigo que publicou em 1907, sobre S. Salvador do Mundo (Santos Júnior, 1933: 22)

Em 1916, Vergílio Correia, em Portugal, e J. Cabré, em Espanha, ocupam-se também das pinturas do Cachão da Rapa, dando-as ambos como desaparecidas, admitindo que com a construção da linha do caminho-de-ferro do Douro, tivesse sido demolido o penedo onde elas se encontravam (Santos Júnior, 1933: 22,23).

Para o segundo arqueólogo as pinturas do Cachão da Rapa, representariam uma dança ritual (Cabré, 1916: 23).

H. Obermaier, em 1925, no trabalho que faz sobre as gravuras rupestres do Noroeste Peninsular, refere-se às pinturas do Cachão da Rapa, considerando igualmente duvidosa a sua existência. Durante algum tempo, vários autores citaram as pinturas do Cachão da Rapa, dando-as quase todos como um documento pré-histórico valioso, mas já destruído. Entre esses autores citam-se o Prof. Mendes Corrêa, Amorim Girão, H. Breuil, L. Cuvillas e F. Bouza-Brey (Santos Júnior, 1933:23).

Henri Breuil, numa publicação sobre as pinturas rupestres esquemáticas da Península Ibérica, refere largamente o Cachão da Rapa, nos seguintes termos: “(...) *en 1907, la roche passait pour détruite et cette opinion s'accrédita (...) Mais voici que, dans le quotidien O Primeiro de Janeiro du 4 novembre 1930, M. Santos Júnior nous a annoncé la résurrection et nous en donne une première description sommaire*” (Santos Júnior, 1933:23,24).

A partir de 1930, o Prof. Dr. Santos Júnior voltou a trazê-las à actualidade, acabando por tornar público uma sugestão, para que fossem classificadas como Monumento Nacional.

Em Outubro 1931, aquele mesmo investigador, voltou ao Cachão da Rapa para novas observações,



**Figura 27:** Desenho de fragmento de machado de pedra polida (reduzido a 2/3) (Seg. Santos Júnior, 1933:32).

nomeadamente para tirar fotografias. Ali encontrou, à superfície da pouca terra duma plataforma existente na base do rochedo pintado, pequeno fragmento de cerâmica manual, ornamentado por incisões onduladas. Tal levou-o a proceder à escavação cuidada do sítio, que lhe forneceu



**Figura 28:** Desenhos do material cerâmico (reduzido a 2/3) do abrigo Cachão da Rapa (Seg. Santos Júnior,

numerosos fragmentos de cerâmica manual grosseira, muitos deles com incisões e, ainda, pequeno machado de pedra polida, por acabar (Santos Júnior, 1933:8). Em 1933, publicou estudo monográfico sobre as pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa, onde incluiu o espólio recolhido.

Escavações realizadas próximas do abrigo Cachão da Rapa, ocorreram segundo D. Jerónimo Contador de Argote, no princípio do século XVIII: “(...) vierão homens deste Reyno, cuja terra não se sabe, com instrumentos, e rompendo a gruta com homens, que pagarão bem, conduzidos do lugar de Nogarelo, cavarão e descobrirão vasos de barro, de que ainda se achão fragmentos, e só ficou entre os jornaleiros noticia que levarão uma grande cruz de prata (...)” (Santos Júnior, 1933: 35).

As pinturas do Cachão da Rapa, são também referência na obra monumental de Francisco Manuel Alves, abade de Baçal “*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*”, publicadas em 1938.

Em 1972, M. Farinha dos Santos, faz breve descrição das pinturas do Cachão da Rapa, no seu trabalho *Pré-História de Portugal* (Santos, 1972:112) e em 1997, Maria de Jesus Sanches, em “ *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)* ”, efectuou breve caracterização do abrigo e do seu material, bem como a possível articulação deste com outros abrigos pintados.



#### IV.4 Catálogo dos signos



**Figura 29:** Painel das pinturas do abrigo do Cachão da Rapa (Seg. Santos Júnior, 1933).

**CR/P.1.1- *Idoliforme*.** Pintado de cor vermelha e azul escura, mostra contorno quadrangular, segmentado por linhas rectas, formando xadrez, antropomorfizado por apêndice na parte superior, constituído por cinco traços verticais e dezasseis horizontais. Mede 260 mm de altura.

**CR/P.1.2- *Idoliforme*.** Foi pintado de cor vermelha e azul escura, mostra contorno quadrangular, segmentado por linhas rectas, formando xadrez, antropomorfizado por apêndice na parte superior, constituído por rectângulo, interceptado por onze traços horizontais e quatro verticais. Mede 230 mm de altura.

**CR/P.1.3- *Nove linhas paralelas*.** Pintadas de cor azul escura e dispostas horizontalmente. Medem 180 mm de altura.

**CR/P.1.4- *Oval contendo diâmetros cruzados*.** Pintada de cor azul escura, encontra-se incompleta. Mede 160 mm de altura.

**CR/P.1.5- *Linha recta*.** Pintada de cor azul escura e disposta na horizontal. Mede 200 mm de comprimento.

**CR/P.1.6-** *Semi-oval*. Pintada de cor azul escura, mostra pequena linha no seu interior. Mede 120 mm de altura.

**CR/P.1.7-** *Oval contendo diâmetros cruzados*. Pintada de cor azul escura. Mede 190 mm de altura.

**CR/P.1.8-** *Oval contendo diâmetro transversal*. Pintada de cor azul escura. Mede 100 mm de altura.

**CR/P.1.9-** *Oval contendo apêndices*. Pintada de cor azul escura, mostra dois apêndices verticais na parte superior. Mede 140 mm de altura.

**CR/P.1.10-** *Três linhas paralelas*. Pintadas de cor vermelha escura e dispostas na vertical. Medem 70 mm de comprimento.

**CR/P.1.11-** *Oval contendo diâmetro transversal*. Pintada de cor azul. Mede 160 mm de altura.

**CR/P.1.12-** *Oval contendo diâmetros cruzados*. Pintada de cor azul escura. Mede 190 mm de altura.

**CR/P.1.13-** *Retângulo com diâmetros cruzados*. Mede 170 mm de altura.

**CR/P.1.14-** *Idoliforme*. Pintado de cor vermelha e azul escura, mostra contorno quadrangular, segmentado por linhas rectas, formando xadrez, antropomorfizado por apêndice na parte superior, constituído por quadrado reticulado, nas cores assinaladas. Mede 200 mm de altura.

**CR/P.1.15-** *Reticulado*. Pintado de cor vermelha escura, mostra doze pequenos quadrados dispostos em quatro linhas horizontais. Mede 110 mm de altura.

**CR/P.1.16-** *Reticulado*. Pintado de cor vermelha escura, mostra vinte quadrados, dispostos em quatro linhas horizontais. Mede 140 mm de altura

**CR/P.1.17-** *Linha recta*. Pintada de cor vermelha escura e disposta na vertical. Mede 60 mm de comprimento.

**CR/P.1.18-** *Conjunto de reticulados*. Pintado de cor vermelha escura, é constituído por elementos de contorno quadrangular, dispostos em linhas horizontais. Mede 90 mm de altura e 130 mm de largura.

**CR/P.1.19-** *Conjunto de linhas*. Pintadas de cor vermelha escura, com contorno rectangular, dispostas em duas linhas verticais. Mede 150 mm de altura.



**CR/P.1.20- Antropomorfo esquemático.** Mostra tronco retilíneo e curta linha perpendicular àquele. Foi pintado de cor azul escura. Mede 170 mm de altura.

**CR/P.1.21- Antropomorfo esquemático.** Mostra cabeça, tronco retilíneo e duas curtas linhas perpendiculares àquele. Foi pintado de cor azul escura. Mede 350 mm de altura

**CR/P.22- Conjunto de linhas.** Pintadas de cor vermelha e azul escura, com contorno rectangular, dispostas em duas linhas verticais. Mede 150 mm de altura.

**CR/P.1.23- Idoliforme.** Pintado de cor vermelha e azul escura, mostra contorno quadrangular, segmentado interiormente por linhas rectas, formando xadrez, antropomorfizado por apêndice, na parte superior, constituído por traços horizontais. Mede 200 mm de altura.

**CR/P.1.24 Idoliforme.** Pintado de cor vermelha e azul escura, mostra contorno rectangular, segmentado interiormente com linhas rectas, formando xadrez, e antropomorfizado por apêndice na parte superior, constituído por traços horizontais. Mede 250 mm de altura.

**CR/P.1.25- Conjunto de reticulados.** Pintados de cor vermelha escura, mostra elementos de contorno quadrangular e rectangular, dispostos em linhas horizontais e verticais. Mede 210 mm de altura e 170 mm de largura.

**CR/P.1.26- Quadrado segmentado.** Pintado de cor vermelha e azul escura, segmentado interiormente por linhas paralelas, dispostas na vertical. Mede 90 mm de altura.

**CR/P.1.27- Conjunto de linhas.** Pintado de cor vermelha escura. Mede 170 mm de comprimento.

**CR/P.1.28- Linha ondulada.** Pintado de cor vermelha escura e disposta na horizontal. Mede 280 mm de comprimento.

**CR/P.1.29- Quadrado segmentado.** Pintado de cor vermelha escura, segmentado por linhas rectas, formando xadrez. Mede 100 mm de altura.

**CR/P.1.30- Reticulado.** Pintado de cor vermelha escura, mostra dez quadrados, dispostos em três linhas horizontais Mede 100 mm de altura.

**CR/P.1.31- *Oval reticulada.*** Pintada de cor azul escura, mostra linha vertical no seu interior, interceptada por três linhas horizontais. Mede 110 mm de altura.

**CR/P.1.32- *Quadrado segmentado.*** Pintado de cor vermelha e azul escura, segmentado por linhas rectas paralelas, dispostas na horizontal. Mede 100 mm de altura.

**CR/P.1.33- *Linha recta.*** Pintada de cor vermelha escura e disposta na vertical. Mede 60 mm de comprimento.

**CR/P.1.34- *Cinco linhas paralelas.*** Pintadas de cor vermelha e azul escura, dispostas na vertical. Medem 40 mm de comprimento.

**CR/P.1.35- *Quadrado reticulado.*** Pintado de cor azul escura, segmentado por linhas rectas, formando xadrez. Mede 150 mm de altura.

**CR/P.1.36- *Quadrado segmentado.*** Pintado de cor azul escura, segmentado por linhas paralelas, dispostas na vertical. Mede 90 mm de altura.

**CR/P.1.37- *Quadrado reticulado.*** Pintado de cor vermelha escura. Mede 30 mm de altura.

**CR/P.1.38- *Linha ondulada.*** Pintada de cor vermelha escura e disposta obliquamente. Mede 120 mm de comprimento.

**CR/P.1.39- *Quadrado segmentado.*** Pintado nas cores vermelha e azul escura, segmentado por linhas paralelas, dispostas na vertical. Mede 90 mm de altura.

**CR/P.1.40- *Idoliforme.*** Pintado de cor vermelha escura, mostra contorno quadrangular, segmentado por linhas rectas, antropomorfizado por apêndice na parte superior, constituído por traços verticais e horizontais. Mede 100 mm de altura.

**CR/P.1.41- *Três linhas paralelas.*** Pintadas de cor vermelha escura, dispostas na vertical. Mede 40 mm de altura.

**CR/P.1.42- *Semi- oval.*** Pintada de cor vermelha escura. Mede 50 mm de altura.

**CR/P.1.43- *Quadrado com diâmetro cruzado.*** Pintado de cor vermelha escura. Mede 90 mm de altura.

**CR/P.1.44- *Quadrado segmentado.*** Pintado de cor vermelha escura, segmentado com linhas paralelas, dispostas na horizontal. Mede 90 mm de altura.

**CR/P.1.45-** *Linha recta.* Pintada de cor vermelha escura e disposta na horizontal. Mede 50 mm de comprimento.

**CR/P.1.46-** *Quadrado segmentado.* Pintado de cor vermelha escura, segmentado interiormente por linhas paralelas, dispostas na vertical. Mede 100 mm de altura.

**CR/P.1.47-** *Quadrado reticulado.* Pintado de cor vermelha escura. Mede 30 mm de altura.

**CR/P.1.48-** *Conjunto de reticulados.* Pintados de cor vermelha escura, mostra elementos de contorno quadrangular e rectangular, dispostos em duas linhas verticais. Mede 70 mm de altura e de largura.

**CR/P.1.49-** *Quadrado segmentado.* Pintado de cor vermelha escura, mostra contorno quadrangular, segmentado por linha vertical, interceptada por três traços horizontais. Mede 90 mm de altura.

**CR/P.1.50-** *Rectângulo.* Pintado de cor vermelha escura. Mede 50 mm de altura.

**CR/P.1.51-** *Rectângulo.* Pintado de cor vermelha escura. Mede 50 mm de altura.

**CR/P.1.52-** *Linha curva.* Pintada de cor vermelha escura. Mede 60 mm de comprimento.

**CR/P.1.53-** *Quadrado contendo diâmetro cruzado.* Pintado de cor vermelha escura. Mede 100 mm de altura.

**CR/P.1.54-** *Linha recta.* Pintada de cor vermelha escura e disposta na vertical. Mede 60 mm de comprimento.

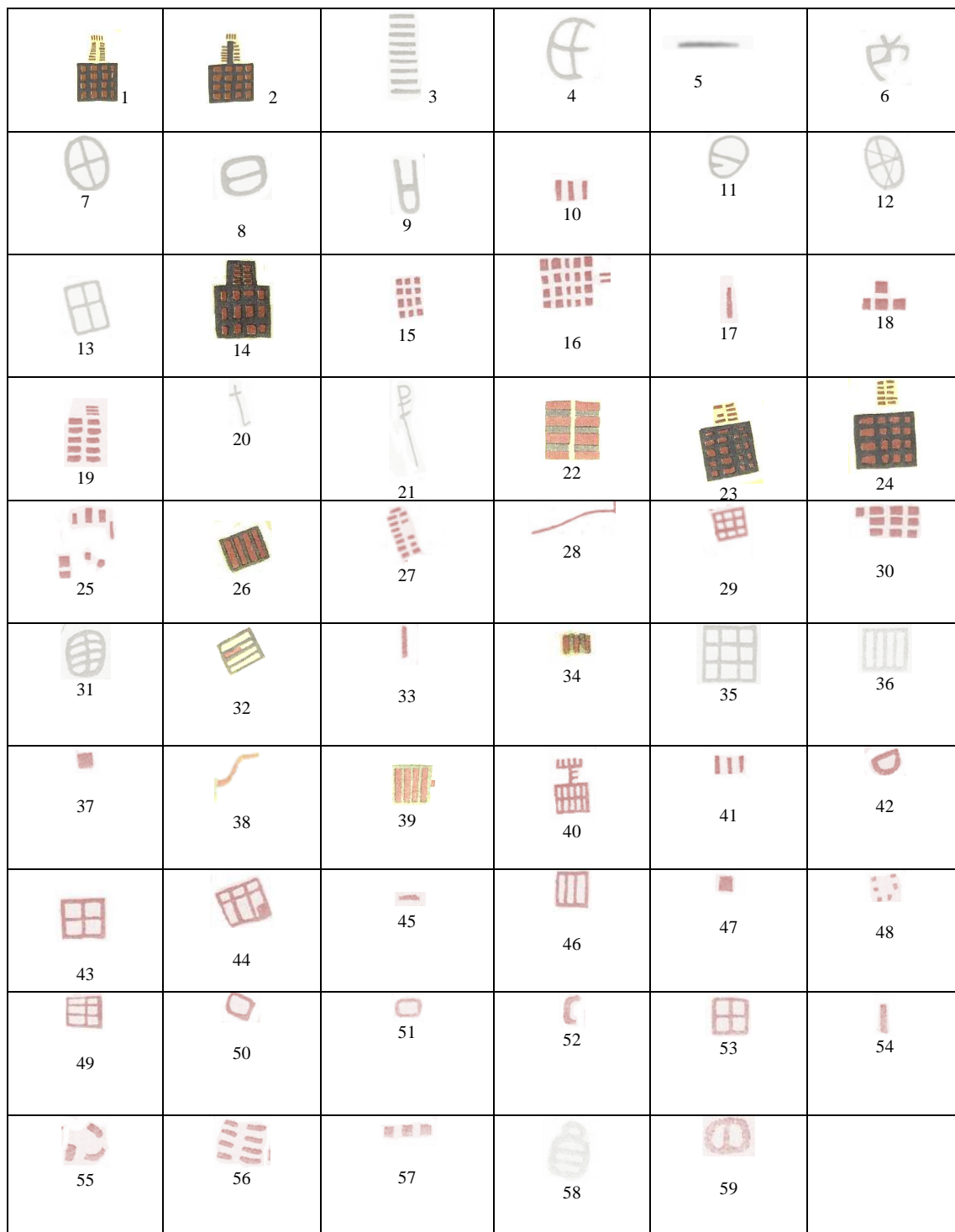
**CR/P.1.55-** *Conjunto de linhas.* Pintadas de cor vermelha escura, com contorno rectangular. Mede 50 mm de altura.

**CR/P.1.56-** *Conjunto de linhas.* Pintadas de cor vermelha escura, com contorno rectangular, dispostas em duas linhas verticais. Mede 90 mm de altura.

**CR/P.1.57-** *Conjunto de reticulados.* Pintados de cor vermelha escura, é constituído por elementos de contorno quadrangular, dispostos em linha na horizontal. Mede 20 mm de altura e 110 mm de largura.

**CR/P.1.58-** *Oval segmentada.* Pintada de cor azul escura, mostra no seu interior duas linhas horizontais e exhibe apêndice oval na parte superior. Mede 110 mm de altura.

**CR/P.1.59-** *Oval com diâmetro longitudinal.* Pintada de cor vermelha escura.  
Mede 70 mm de altura.



**Figura 30:** Pinturas do abrigo do Cachão da Rapa, a várias escalas (Seg. Santos Júnior, 1933).

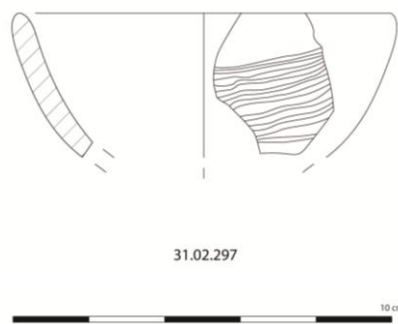
Formas	Cores:	Vermelho	Azul	Vermelho e azul	Total	%
Idoliformes		1	-	5	6	10,17%
Três linhas paralelas		2	-	-	2	3,39%
Cinco linhas paralelas		-	-	1	1	1,70%
Nove linhas paralelas		-	1	-	1	1,70%
Oval contendo diâmetros cruzados		-	3	-	3	5,08%
Oval contendo diâmetro longitudinal		1	-	-	1	1,70%
Oval contendo diâmetro transversal		-	2	-	2	3,39%
Oval reticulado		-	1	-	1	1,70%
Oval com apêndice		-	1	-	1	1,70%
Semi-oval		1	1	-	2	3,39%
Oval segmentado		-	1	-	1	1,70%
Linha recta		4	1	-	5	8,47%
Linha ondulada		2	-	-	2	3,39%
Linha curva		1	-	-	1	1,70%
Rectângulo		2	-	-	2	3,39%
Rectângulo contendo diâmetro cruzado		-	1	-	1	1,70%
Quadrado contendo diâmetro cruzado		2	-	-	2	3,39%
Quadrado segmentado		4	1	3	8	13,56%
Quadrado reticulado		2	1	-	3	5,08%
Reticulado		3	-	-	3	5,08%
Conjunto de reticulados		4	-	-	4	6,78%
Conjunto de linhas		4	-	1	5	8,47%
Antropomorfo esquemático		-	2	-	2	3,39%
<b>Total:</b>		33	16	10	59	100,02%
<b>%:</b>		55,93	27,12	16,95	100	

**Tabela 2:** Inventário das pinturas do Cachão da Rapa.

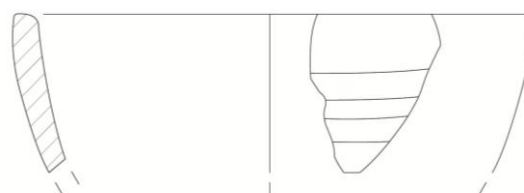
#### IV.5.1 Espólio

Além do fragmento de machado de pedra polida, contendo porção do gume e do volume mesial, publicado por J.R. dos Santos, provém da plataforma existente junto do painel pintado do Cachão da Rapa, o importante conjunto cerâmico que, a seguir, se descreve.

**Taça hemisférica (31.02.297).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo oblíquo e lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha (5YR 6/4) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons alaranjados (5YR 6/6). Exibe, na superfície exterior, decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas onduladas, dispostas em sequências horizontais, quase paralelas ao bordo. Media 100 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 6 mm.



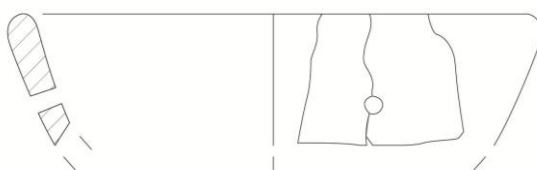
**Taça hemisférica (31.02.299).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo vertical e lábio de secção plana. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos e micáceos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha com tons alaranjados (10YR 6/3) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons acinzentados (10YR 6/4). Exibe, na parede exterior, decoração incisa, constituída por quatro linhas, dispostas horizontalmente e paralelas ao bordo. Media 135 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 7 mm.



31.02.299



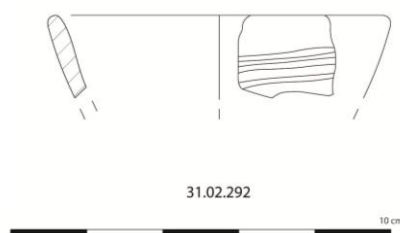
**Taça hemisférica (31.02.298).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo oblíquo e lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos e micáceos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons acinzentados (10YR 6/3) e ambas superfícies mostram cor castanha escura, com tons acinzentados (10YR 6/4). Contém perfuração, por certo devido a “gato”. Media 140 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 8 mm.



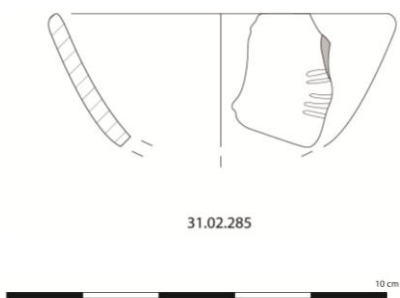
31.02.298



**Taça hemisférica (31.02.292).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo oblíquo e lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha (7.5YR 6/2) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons alaranjados (7.5YR 6/4). Exibe decoração incisa, feita a pente, constituída por faixa formada por seis linhas onduladas, dispostas em sequências horizontais, quase paralelas ao bordo. Media 90 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 5 mm.

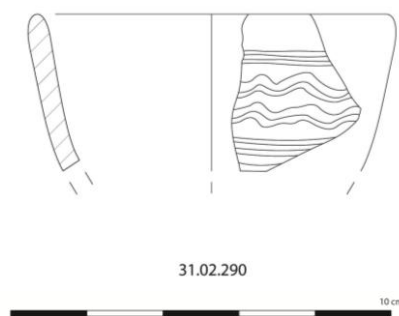


**Taça hemisférica (31.02.285).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo oblíquo e lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com pequenas zonas avermelhadas (5YR 6/2) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons avermelhados (5YR 6/4). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por cinco pequenas linhas rectas, disposta em sequência horizontal. Media 90 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 5 mm.

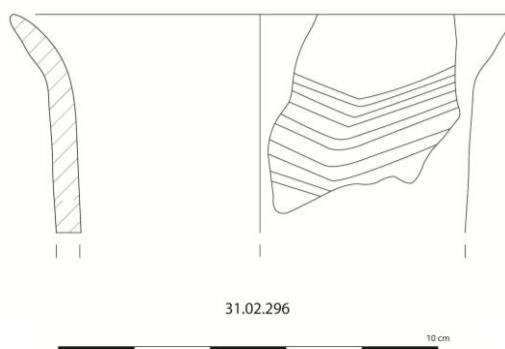


**Taça hemisférica (31.02.290).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo oblíquo com lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura (5YR 5/8) e ambas superfícies mostram cor castanha escura, com manchas de cor cinzenta e avermelhadas (5YR 5/1). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por duas sequências de linhas rectilíneas, no interior das quais se observam séries de linhas onduladas, paralelas ao bordo. Media 90 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 5 mm.

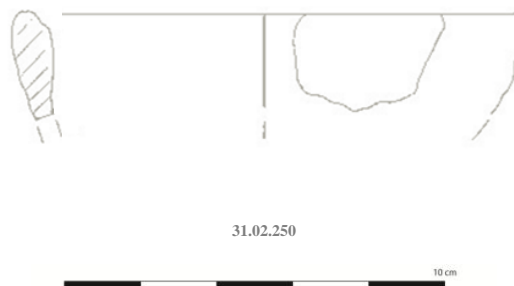




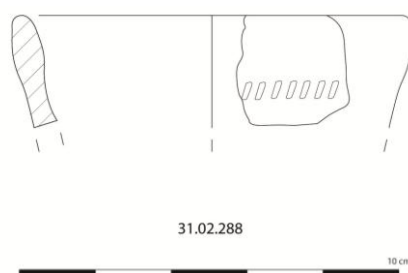
**Copo (31.02.296).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Este era cilíndrico. Apresentava bordo extrovertido e lábio afilado, de secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea e semi-compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão grosseiro. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura (5YR 6/1) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons acinzentados (5YR 6/3). A superfície exterior é extremamente rugosa. Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por linhas incisas, quebradas que deveriam formar zigue-zagues, paralelas ao bordo. Medida 130 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 8 mm.



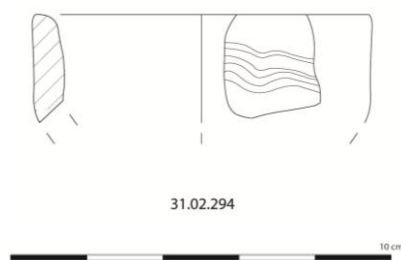
**Taça Hemisférica (31.02.250).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo algo oblíquo e lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos e micáceos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons cinzentos (5 YR 6/2) e ambas superfícies mostram cor castanha escura, com tons cinzentos (5 YR 6/2). Mede 140 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é 5 mm.



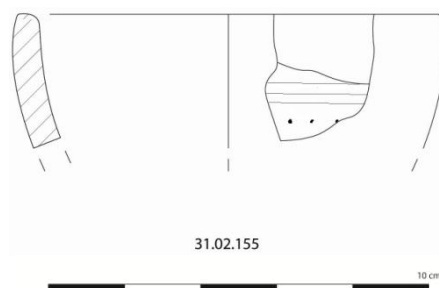
**Taça hemisférica (31.02.288).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo espessado, algo oblíquo, com lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio a grosseiro. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura e zonas avermelhadas (5YR 6/2). Ambas superfícies mostram cor castanha escura e zonas avermelhadas (5YR 6/4). A superfície exterior é rugosa. Exibe decoração, constituída por série de pequenas impressões verticais dispostas em linha horizontal, abaixo do bordo. Medida 105 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 8 mm.



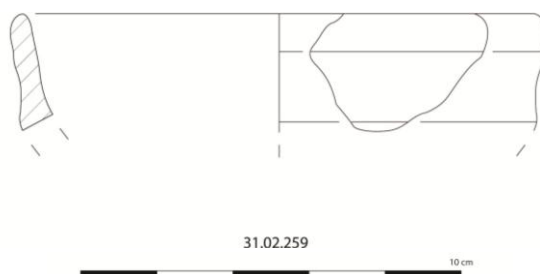
**Taça carenada (31.02.294).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresentava bordo vertical e lábio de secção plana. A carena seria baixa. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons cinzentos (5YR 6/2) e ambas superfícies mostram cor castanha escura, com tons avermelhados (5YR 6/4). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por linhas onduladas, horizontais e quase paralelas ao bordo. Medida 90 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 8 mm.



**Taça hemisférica (31.02.155).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo vertical e lábio plano. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara, com tons alaranjados (5 YR 7/4) e ambas superfícies mostram cor castanha clara com zonas alaranjadas (5 YR 7/4). Exibe decoração, constituída por três linhas rectas e pequenas impressões circulares dispostas em linha horizontal, paralela ao bordo. Media 110 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 8 mm.



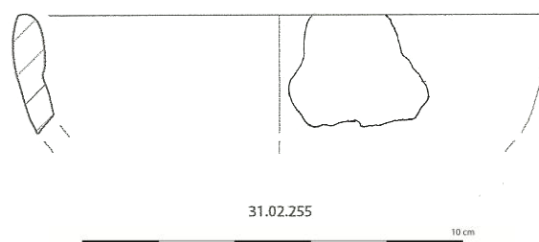
**Taça carenada (31.02.259).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo algo oblíquo e lábio de secção semicircular. Possuía carena baixa. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara, com manchas acinzentadas e alaranjadas (7.5 YR 7/4) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons cinzentos (7.5 YR 7/4). Media 135 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 7 mm.



**Taça hemisférica (31.2.257).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo oblíquo e lábio em bisel. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha, com tons cinzentos (5 YR 6/2) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, de tom alaranjado (5 YR 6/4). Exibe decoração incisa, constituída por linhas verticais, paralelas ao bordo. Media 170 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 9 mm.



**Taça hemisférica (31.02.255).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo espessado internamente, vertical e com lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara, com tons alaranjados (7.5 YR 7/3) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons alaranjados (5 YR 6/4). Media 140 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 7 mm



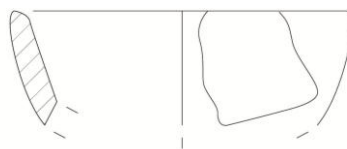
**Taça hemisférica (31.02.248).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo vertical e lábio plano. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura (5 YR 5/49) e ambas superfícies mostram cor castanha escura, com tons alaranjados (5 YR 6/4). Media 100 mm de diâmetro no bordo e a espessura das paredes é de 7mm.



31.02.248

10 cm

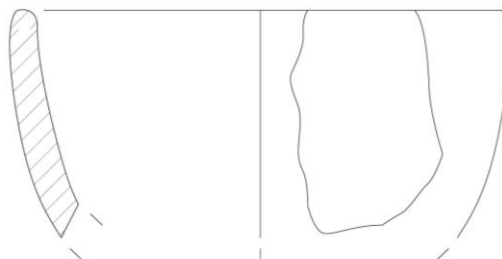
**Taça hemisférica (31.02.249).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo oblíquo e lábio em bisel. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons avermelhados (5 YR 5/8). A superfície exterior mostra cor alaranjada ou acastanhada (5 YR 6/6) e a interior cor castanha escura, com tom acinzentado (5 YR 6/2). Média 90 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 5 mm.



31.02.249

10 cm

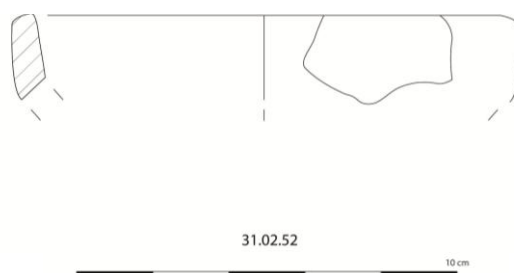
**Taça hemisférica (31.02.213).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo vertical e lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos e micáceos, de grão médio. Superfície exterior é muito rugosa. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons alaranjados (5 YR 6/3). A superfície exterior mostra cor castanha clara e tons alaranjados (5 YR 6/4) e a interior cor castanha, um pouco escura, com tom acinzentado (5 YR 6/2). Média 130 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 9 mm.



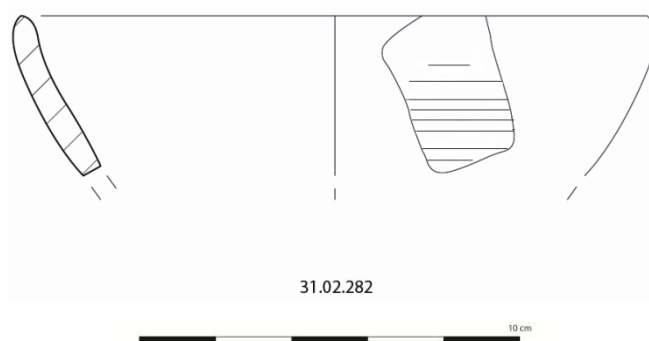
31.02.213

10 cm

**Taça carenada (31.02.52).** Fragmento correspondente a porção do bordo. Este era algo inclinado e possuía lábio plano. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara e tons alaranjados (7.5 YR 7/3). Ambas superfícies mostram cor castanha clara e manchas alaranjadas (7.5 YR 6/4). Media 125 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 6 mm.

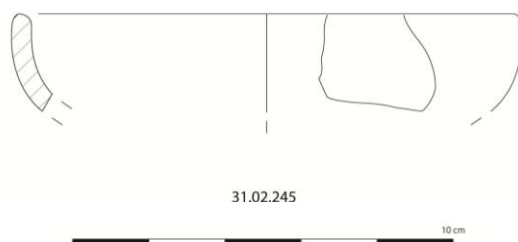


**Taça hemisférica (31.2.282).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo vertical e lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura (7.5 YR 6/4) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons alaranjados (7.5 YR 8/8). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas rectas, disposta horizontalmente a paralelas ao bordo. Media 150 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 6 mm.

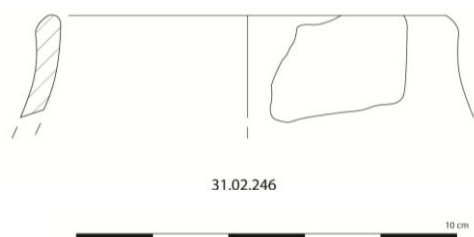


**Taça hemisférica (31.02.245).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo vertical, com lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura (7.5 YR 6/4) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons

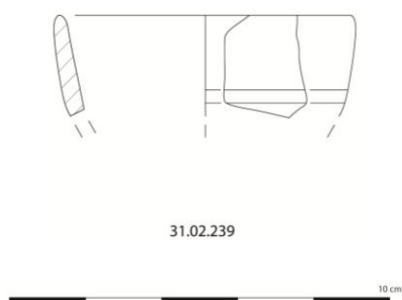
alaranjados (2.5 YR 6/7). Media 110 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 7 mm.



**Vaso esférico (31.02.246).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo vertical e lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara, com tons alaranjados (7.5 YR 8/8), e ambas superfícies mostram cor castanha clara, igualmente com tons alaranjados (7.YR 8/8). Media 100 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 8 mm.



**Taça hemisférica (31.02.239).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo quase vertical e lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara com tons alaranjados (5 Y 6/7) e ambas superfícies mostram cor castanha clara com tons alaranjados (7.5 YR 8/8). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa, de que se conservam duas linhas horizontais. Media 80 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 5 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.281).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara, com tons avermelhados e acinzentados (5YR 6/2) e ambas as superfícies apresentam cor castanha clara, com tons alaranjados (5YR 6/4). Exibe decoração incisa, a pente, constituída por linhas arrastadas que seriam, muito possivelmente, paralelas ao bordo. A espessura média das paredes é de 8 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.273).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. Tanto o núcleo das paredes como ambas superfícies oferecem cor castanha escura, com tons avermelhados (10R 6/3). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas onduladas, disposta em sequência possivelmente horizontal. A espessura média das paredes é de 5 mm.



**Vaso indeterminado (30.02.232).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons cinzentos (10 YR 6/1) e ambas superfícies mostram cor castanha escura, com tons acinzentados (10 YR 6/2). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por linhas rectas, dispostas em sequência horizontal, possivelmente paralela ao bordo. A espessura média das paredes é de 8 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.254).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara, com tons





acinzentados (10 YR 7/1) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, igualmente com tons acinzentados (10 YR 7/1). Exibe, na parede exterior, decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas onduladas, dispostas em sequência horizontal, que seria paralela ao bordo. A espessura média das paredes é de 8 mm.

**Vaso indeterminado (31.02.268).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara, com tons avermelhados e acinzentados (5 YR 7/4) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons acinzentados e avermelhados (5 YR 7/4). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por linhas arrastadas. A espessura média das paredes é de 10 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.18).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos, quartzosos de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara, com tons alaranjados (7.5 YR 8/8) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons alaranjados (7.5 YR 8/8). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por linhas rectas, possivelmente dispostas na horizontal. A espessura média das paredes é de 9 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.295).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio a grosseiro. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons avermelhados (5 YR 6/3) e ambas superfícies mostram cor castanha escura (10 YR 5/1). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas onduladas, dispostas horizontalmente. A espessura média das paredes é de 6 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.284).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons cinzentos e avermelhados (5 YR 6/2). A superfície exterior mostra cor castanha, com tons avermelhados e cinzentos (5 YR 6/3), enquanto a interior tem cor cinzenta a castanho claro ou escuro (5 YR 7/1). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas onduladas, dispostas horizontalmente. A espessura média das paredes é de 11 mm.



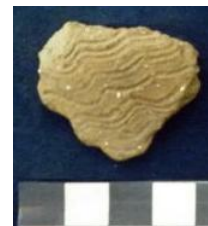
**Vaso indeterminado (31.02.289).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão Médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons avermelhados (5 YR 6/3). A superfície exterior mostra cor castanha escura, com tons avermelhados e cinzentos (5 YR 7/1), enquanto a interior tem cor castanha escura de tom acinzentado (5 YR 6/4). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas encurvadas. A espessura média das paredes é de 10 mm



**Vaso indeterminado (31.02.293).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara, de tom cinzento (7.5 YR 7/4) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons alaranjados (7.5 YR 7/3). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas onduladas. A espessura média das paredes é de 7 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.280).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons alaranjados (5 YR 6/3) e ambas superfícies mostram cor castanha escura, de tons avermelhados (5 YR 6/6). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas onduladas, possivelmente horizontais. A espessura média das paredes é de 6 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.287).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tom cinzento (7.5 YR 6/4) e ambas superfícies mostram cor castanha escura, com tons alaranjados e cinzentos (7.5 YR 6/6). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas onduladas, possivelmente disposta na horizontal. A espessura média das paredes é de 8 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.279).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons avermelhados (5 YR 6/3) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, de tom avermelhado (5 YR 6/6). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas onduladas, talvez dispostas horizontalmente. A espessura média das paredes é de 6 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.291).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo oferece cor castanha escura, com tons alaranjados (7.5YR 6/4) e ambas superfícies apresentam cor castanha escura, com tons alaranjados (7.5YR 6/4). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa de linhas onduladas, possivelmente dispostas na horizontal. A espessura média das paredes é de 8 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.283).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos e micáceos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons cinzentos (7.5YR 6/3). A superfície exterior apresenta cor castanha clara, com tons alaranjados e acinzentados (7.5YR 6/6). A superfície interior mostra cor castanha escura, com tons acinzentados (7.5YR 7/3). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada de linhas onduladas. A espessura média das paredes é de 8 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.187).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta nem muito homogênea nem compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons avermelhados (5YR 7/3) e ambas superfícies mostram cor castanha, com tons avermelhados e cinzentos (7.5YR 7/4). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por linhas onduladas, possivelmente na horizontal. A espessura média das paredes é de 11 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.183).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta nem muito homogênea nem compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons alaranjados e cinzentos (7.5YR 6/3). A superfície exterior apresenta cor castanha um pouco clara, com tons alaranjados e cinzentos (7.5YR 7/6). A superfície interior mostra cor castanha escura, com tons cinzentos (7.5YR 7/1). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa de linhas rectas e onduladas, muito possivelmente, dispostas na horizontal. A espessura média das paredes é de 10 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.182).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta nem muito homogênea nem compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons alaranjados e escuros (7.5YR 6/3). Ambas superfícies apresentam cor castanha escura, com tons alaranjados e cinzentos (7.5YR 7/4). A superfície exterior é um pouco rugosa. Apresenta decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa de linhas onduladas, possivelmente horizontais. A espessura média das paredes é de 8 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.185).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons alaranjados e cinzentos (7.5YR 6/3). Ambas superfícies apresentam cor castanha escura, com tons alaranjados e cinzentos (7.5YR 6/4). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por linhas rectas. A espessura das paredes é de 13 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.191).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta nem muito homogênea nem compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons acinzentados (7.5YR 6/3). Ambas superfícies apresentam cor castanha, com tons alaranjados e cinzentos (7.5YR 6/6). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por linhas rectas. A espessura média das paredes é de 9 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.186).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta nem muito homogênea nem compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio a grosseiro. O núcleo das paredes apresenta cor castanha escura, com tons alaranjados (7.5YR 6/4) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons alaranjados (7.5YR 6/6). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por linhas onduladas. A espessura média das paredes é de 8 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.192).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta nem muito homogênea nem compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio a grosseiro. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons cinzentos (5YR 6/2). A superfície exterior cor castanha escura com tons avermelhado e escuros (5YR 6/3). A superfície interior mostra cor castanha escura (5YR 6/1). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada de linhas onduladas, possivelmente dispostas na horizontal. A espessura média das paredes é de 10 mm.





**Vaso indeterminado (31.02.189).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta nem muito homogênea nem compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons avermelhados (5YR 5/8). A superfície exterior apresenta cor castanha escura, algo avermelhada (5YR 6/4) e a interior mostra cor castanha escura, com tons avermelhados e acinzentada (5YR 6/2). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixas de linhas rectas e onduladas, muito possivelmente dispostas na horizontal. A espessura média das paredes é de 7 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.188).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta pouco homogênea pouco compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio a grosseiro. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons alaranjados (5YR 5/8). A superfície exterior mostra cor castanha clara, com tons alaranjados (7.5YR 6/6). A superfície interior apresenta cor castanha escura, com tons prateados (7.5YR 7/2). A espessura média das paredes é de 7 mm.



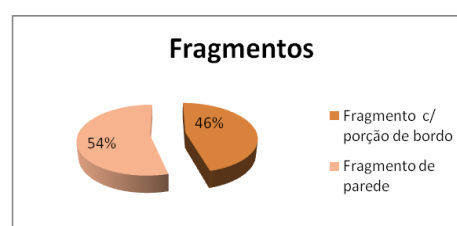
**Vaso indeterminado (31.02.184).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta pouco homogênea e pouco compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão médio a grosseiro. O núcleo das paredes oferece cor castanha escura, com tons alaranjados escuros (7.5YR 6/3). A superfície exterior apresenta cor castanha escura, com tons alaranjados escuros (7.5YR 6/6). A superfície interior mostra cor castanha escura e tons cinzentos (7.5YR 6/2). Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por faixa formada por várias linhas onduladas, possivelmente horizontais. A espessura média das paredes é de 9 mm.



**Vaso indeterminado (31.02.265).** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara (7.5YR 8/8) e ambas superfícies mostram cor castanha clara, com tons alaranjados (7.5YR 8/8). Contém perfuração, talvez correspondendo a “gato”. A espessura média das paredes é de 9 mm.

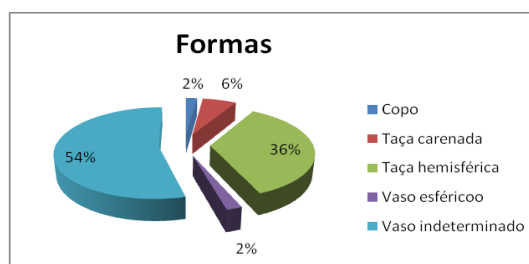


O conjunto cerâmico anteriormente descrito é constituído por 48 fragmentos, 46 % dos quais contendo porção do bordo e, portanto, permitiram classificação formal. Outros ainda possuem decoração.



**Gráfico 1:** Distribuição do tipo de fragmento

Foi possível determinar a presença de quatro formas: copo, taça carenada, taça hemisférica e vaso esférico, sendo mais comum aquela terceira.



**Gráfico 2:** Distribuição das formas dos recipientes cerâmicos.

Os vasos indeterminados são a categoria mais expressiva das formas dos recipientes cerâmicos, traduzindo-se em 54% do conjunto. Seguem-se as taças hemisféricas, com 36% do espólio, as taças carenadas com 6%, estando menos representados os copos e os vasos esféricos, ambos com 2%.

O espólio cerâmico procedente do Cachão da Rapa é constituído por conjunto de recipientes, genericamente, tanto aptos para o armazenamento, em pequenas quantidades e sobretudo de sólidos, como para o processamento e consumo de bens alimentares, ainda que não seja possível estabelecer com os meios que dispomos, de correspondência exacta entre forma e funcionalidade. Importa mencionar que não detectámos formas fechadas nem grandes recipientes.

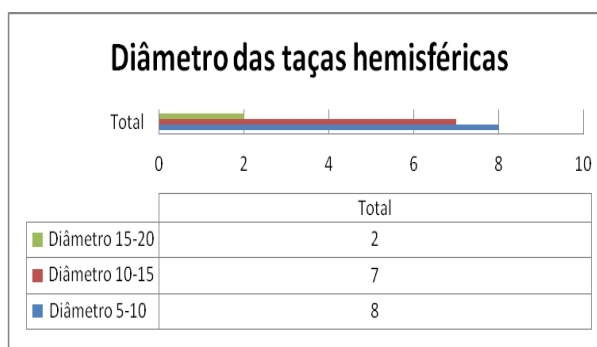


Dentro do espólio em estudo, as taças hemisféricas constituem maior percentagem, variando o diâmetro do bordo daquelas entre 80 mm e 170 mm.

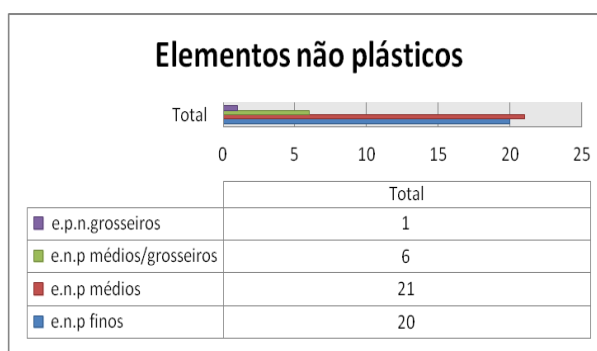
Os fragmentos chegados até nós apresentam, na sua maioria, pastas compactas, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, micáceos e quartzosos, finos e/ou médios.

De facto os elementos não plásticos oferecem, granulometria de calibre médio em 21 peças, grão fino em 20, sendo em menor quantidade aqueles que apresentam grão médio a grosseiro e os que integram grão grosseiro.

Não parece ter existido nenhum processo particular de selecção de tipos específicos de argilas, para a produção de grupos concretos de recipientes, no essencial, trata-se de conjunto relativamente homogéneo, produzido com pastas finas através de meios idênticos.



**Gráfico 3:** Distribuição dos diâmetros das taças hemisféricas do Cachão da Rapa.



**Gráfico 4:** Distribuição dos elementos não plásticos da cerâmica do Cachão da Rapa.

As cozeduras dadas as tonalidades apresentadas, indicam que terão decorrido em ambientes oxidantes, oferecendo tanto o núcleo como as superfícies cor castanha clara com tons alaranjados e avermelhados.

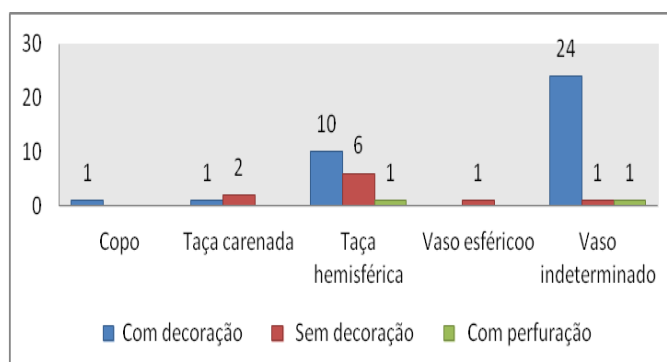
Dos fragmentos analisados, 36 apresentam decoração, constituindo percentagem elevada, em relação ao total da amostra (75%).

A técnica decorativa apresentada na maioria dos fragmentos é incisão, feita com pente. O conjunto, das ornamentações incisadas é, sobretudo, constituído por várias linhas onduladas, ou grupos de linhas rectas dispostas em sequências horizontais. Também se detectaram linhas verticais e linhas angulares ou quebradas. São mais raras as decorações impressas, ainda com pente.

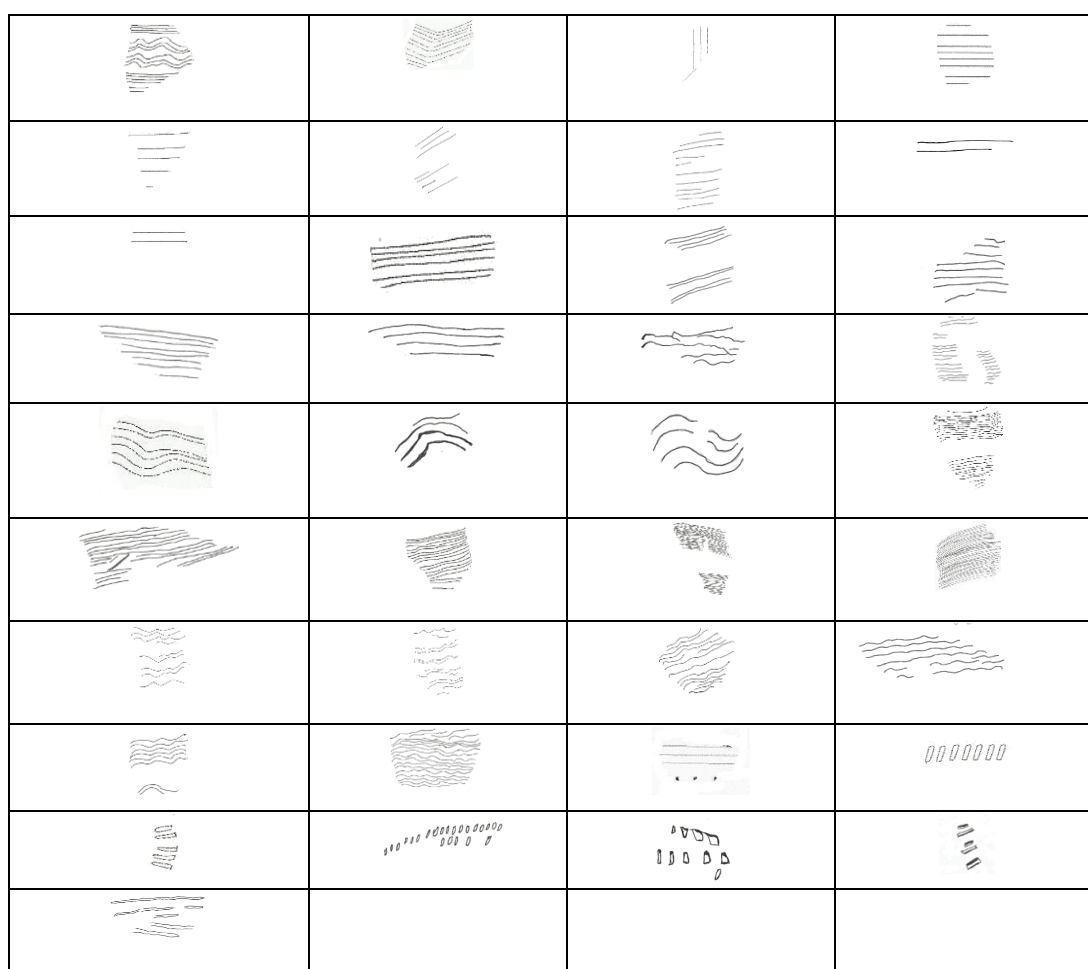
A decoração realizou-se, por norma, sobre a superfície externa dos recipientes, abaixo dos bordos, a meio das paredes, desenvolvendo-se, paralelamente àquela.

Dois fragmentos contêm perfurações de reparação, vulgarmente designadas por “gatos”, aspecto que não é incomum em contextos tardo-neolíticos e calcolíticos.

Além do material em estudo, segundo Maria de Jesus Sanches (1997), existe outro conjunto, pertencente a colecção particular. Esta autora identificou as formas e as organizações decorativas de recipientes cerâmicos provenientes das diferentes camadas estratigráficas do abrigo Buraco da Pala, quase idênticas às do Cachão da Rapa (Sanches, 1997:102-119).



**Gráfico 5:** Distribuição de cerâmica com/ sem decoração e com perfuração do Cachão da Rapa.



**Figuras 31:** Tipo de decorações incisadas e impressas das cerâmicas do abrigo do Cachão da Rapa.

#### IV.6 Integração cronológica e cultural

Para Cabré (1916), as pinturas do Cachão da Rapa, teriam ligação com as placas de xisto do Neolítico do Sul de Portugal, podendo relacionar-se, ao mesmo tempo, com esculturas antropomorfas e com os ídolos-falanges. Segundo aquele autor, as placas de xisto são representativas da deusa feminina funerária “ (...) y como a la vez los ídolos de Siret se encontraron en ajuares del Neolítico final, probablemente las pictografías de Cachão pertenecerán a la misma edad”(Cabré, 1916:17-22).

Por outro lado, segundo Santos Júnior, as cerâmicas do Cachão da Rapa têm afinidades com as de Vimioso, pelo seu aspecto geral, pelos motivos ornamentais e pela técnica seguida na obtenção dos mesmos, atribuindo àquele espólio cronologia mais evolucionada, colocando-o no Calcolítico Final ou, possivelmente, mesmo na Idade do

Bronze, não pondo de parte a hipótese do mesmo, naquele território, poder previver até aos tempos proto-históricos (Santos Júnior, 1933:37).

Um outro paralelismo, segundo o mesmo autor, é dado pela semelhança, entre o fragmento de cerâmica representado na fig.14, no seu trabalho sobre Cachão da Rapa e fragmento de vaso campaniforme descoberto na mamoa galega de Gándaras de Budiño, Porriño (Pontevedra), publicado na fig.15 do trabalho dos investigadores Cuevillas e Bouza- Brey, sobre a civilização neo-eneolítica galega (Júnior, 1933: 37,38). Existiria, ainda segundo Santos Júnior, sem dúvida, um ar de parentesco entre os sinais em xadrez do Cachão da Rapa e os sinais do mesmo tipo existentes na Eira dos Mouros e em outras estações com gravuras rupestres do Noroeste Peninsular. Também não esquece que as relações com as placas e ídolos do Sul de Portugal são muito flagrantes. Assim, os sinais rectangulares axadrezados seriam representações de ídolos e, consequentemente, o conjunto pictográfico constituiria santuário rupestre do Calcolítico ou da Idade do Bronze (Santos Júnior, 1933: 40).

Henri Breuil (1933), interpretou igualmente as figuras quadrangulares do Cachão da Rapa como representando idoliformes, relacionáveis com as placas de xisto dos dólmens do Sul de Portugal, tal como havia feito J. Cabré (Gomes, 2002: 148). Elas seriam, há luz dos conhecimentos actuais, neolíticas, cronologicamente situadas no IV milénio a.C.

A importância do local, segundo Ferreira (1986) seria mesmo anterior ao Calcolítico e resultaria do rio Douro ter sido sempre considerado como de grande valor estratégico.

A. M. Baptista remete as pinturas do Cachão da Rapa, para a Idade do Bronze, pela *“sua própria localização, já no contexto das gravuras simbólicas do grupo II do Noroeste, e pela singularidade dos seus motivos pintados com cores que vão desde o vermelho –vinhoso ao raríssimo azul-escuro e figurando tipos de difícil enquadramento tipológico e em aparente sentido compositivo, poderão ligar simultaneamente (...) a uma dupla tradição: à tradição da pintura esquemática e aos moldes geométrico-simbólicos das insculpturas do grupo II do Noroeste ”* (1986:35).

Maria de Jesus Sanches atribui a cronologia do abrigo a finais do III inícios do II milénio a.C., pelo facto de exhibir pinturas esquemáticas e de conter cerâmica decorada com a técnica de incisão penteada (Sanches, 1992: 84).

No que respeita à cerâmica penteada, do Cachão da Rapa, ela tem paralelos em Penas Róias, nos abrigos da Serra de Passos, povoado de Mairos (Chaves), bem como nos exemplos acima citados por Sanches (1992), “*na última fase de ocupação do abrigo Buraco da Pala datada pelo C14 do último milénio do quartel do III milénio a.C., numa das ocupações de Castelo de Aguiar II, datada pelo C14 dos inícios do II milénio a.C.*” (Sanches, 1990: 353; 1992: 84).

Apresentando semelhanças com representações datadas do III e II milénio a.C. e havendo cerâmica idêntica em vários locais de Trás-os-Montes datada do III milénio a.C., podemos concluir que as pinturas do abrigo do Cachão da Rapa poderão remontar ao III milénio a.C.

#### IV.7 O Cachão da Rapa e a paisagem

O território do concelho ao qual pertence o abrigo rupestre do Cachão da Rapa é detentor de paisagem muito diversificada. Numa reduzida área geográfica identificam-se “*vectores ecológicos que integram entidades de ordenamento físico completamente diferentes dos rios Tua e Douro e a zona Planáltica, onde se situa a sede concelhia*” (Pereira e Lopes, 2008:7).

No vale do Tua, aqui mais do que em qualquer lugar, é a paisagem que molda o Homem, obrigando-o a adaptar-se às características agrestes que os processos de formação geológica geraram. “*Os rios Douro e Tua, respectivamente a Sul e Oeste, constituíram, desde sempre, os limites de área de acentuada descontinuidade natural, que se revela em curtos espaços pela paisagem, pelo clima e por alternância geológica. O afloramento xistento do vale do Douro é interrompido pelo granito do Planalto de Ansiães, criando-se mancha de cantaria que se dirige para a margem meridional deste rio,*



**Figuras 32,33,34:** Paisagens que rodeiam o abrigo (Foto de Luísa Teixeira, 2012).

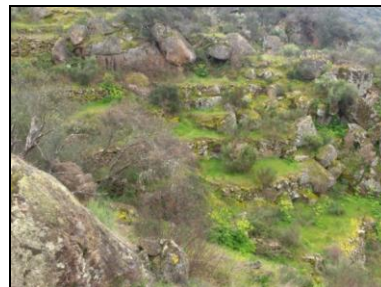
*no sentido de S. Salvador do Mundo (S. João da Pesqueira), dando origem ao Cachão da Valeira”* (Pereira e Lopes, 2008:6).

O abrigo rupestre Cachão da Rapa está bem disfarçado pela paisagem envolvente. A presença de mão humana, apenas é visível por baixo da rocha na qual se encontra o túnel, bem como a linha do comboio. A implementação da linha férrea do Douro, a inserção da ferrovia, não induziu a uma ocupação das suas margens, não formando assim núcleos habitacionais localizados e preservando as principais características naturais do local.

É de realçar a aridez e a aspereza da paisagem em que está inserido o abrigo. Encostas íngremes, de difícil acesso, maciços rochosos e mato, são as principais características. Esta imagem muda mais ou menos a 1,5 km na direcção do Tua, onde as encostas foram arroteadas e ocupadas por vinhas, estando aí localizadas grandes quintas do Douro.

Um factor importante de referir é a função do solo e a ocupação que terá tido, ao longo dos tempos, para as comunidades que frequentaram aquele local.

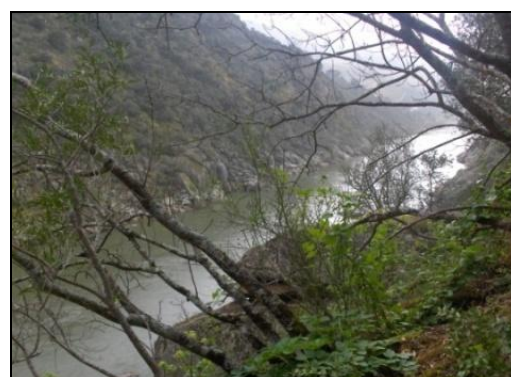
Uns metros acima e além do abrigo, encontram-se pequenas plataformas de terras, que outrora foram utilizadas para cultivo. A justificar está o relato de Santos Júnior (1933) aquando da



**Figura 35:** Pequenas plataformas de terra (Foto de Luísa Teixeira, 2012).



**Figura 36 e 37:** Paisagem em que o abrigo está inserido (Foto de Luísa Teixeira, 2012).



**Figura 38:** Paisagem observável do abrigo (Foto de Luísa Teixeira, 2012).

sua visita ao abrigo “*para se chegar ao Túnel até às pinturas, sobe-se a ladeira um pouco antes da boca do Túnel e, atravessando uma pequena horta e vinha, baixa-se, procurando no meio de uma penedia agreste e passagem que leva acima do túnel*” (Santos Júnior, 1933: 25). A ocupação do solo, também terá sido feita por olival, sendo visíveis várias oliveiras ao longo da encosta. A pastagem terá sido uma outra actividade corrente destas paisagens, aquando da visita ao abrigo, evidenciou-se um rebanho nas encostas da montanha.

Pela encosta corre pequeno riacho, que vai desaguar ao rio Douro. De cada lado do riacho, encontram-se as pequenas plataformas de terra, delimitadas por muretes. A uns metros do túnel corre a ribeira de Linhares que vai desaguar ao rio Douro.

Junto do abrigo o espaço de manobra para uma pessoa se movimentar é limitado, estando rodeado de rochas e mato, como é possível ver nas figuras 37 e 38. Deste avista-se o rio Douro e o vale em direcção ao Tua, o que pode ter correspondido a estratégia de visibilidade.

A zona do rio onde se implanta o abrigo, actualmente no Verão e no Inverno é navegável, mas outrora não o era “ (...) *só em tempos de águas baixas no Verão o Cachão da Rapa dá passagem aos barcos impedindo-lha no Inverno, onde resulta ser êle o extremo navegável no Douro*” (Alves, 1975:672). A corrente seria muito forte, o que poderia levar a que este local fosse temido pelas comunidades. Além da estratégia de visibilidade que o rio permite, em épocas em que a corrente não fosse tão forte, este seria uma excelente via de acesso ao abrigo, para quem viesse de outras bandas.

Em suma, o abrigo e a paisagem envolvente comprovam uma inter-relação entre sociedade *versus* ambiente. Pelas características que aquele apresenta poderá ter sido alvo de diferentes estratégias de visibilidade, adaptabilidade e universo simbólico-cultural (Fagundes, 2009: 305), levando-nos a concluir que não terá sido eleito por mero acaso, mas claramente seleccionado, podendo estar o seu isolamento relacionado com “ (...) *a necessidade afastar de um lugar consagrado tudo o que pertence ao mundo profano*” (Caillois, 1988:21).

O local tem como características primordiais o isolamento e o silêncio, encontrando-se junto de importantes elementos naturais, como as montanhas, capazes de provocarem exaltação espiritual (Gomes, 2010:121).

A proximidade das águas, do rio Douro, e dos seus afluentes, em relação ao abrigo, leva-nos a pensar em cultos relacionados com aquelas. “*As águas constituem elemento com forte poder regenerador, fundamentais nas iniciações e nos rituais de passagem. Imensos testemunhos, em diferentes contextos civilizadores e cronológicos, evidenciam a atracção ou a necessidade de lugares húmidos, a higrofilia nas práticas sócio-religiosas*” (Gomes, 2010:118).

As relações Céu-montanha-água encontram-se bem visíveis naquele local, onde os três elementos cósmicos se unem e liga o mundo dos homens com os deuses, ou com os antepassados, tornando-se locais singulares para o desenvolvimento de actividades religiosas (Gomes, 2010:114).

#### **IV.8 Interpretações**

Segundo Contador de Argote (1734) “ (...) *Estes caracteres, diz a gente daquellas terras, que se reformam todas as manhãs de S. João, e António de Sousa Pinto, na Relação, que mandou à Academia affirma assim (...)*” (Santos Júnior, 1933:14).

Cabré vê nas pinturas do Cachão da Rapa uma dança litúrgica de mulheres vestidas em torno de um homem despido. Virgílio Correia interpreta-os como uma consagração ao rio Douro. O Abade de Baçal avança a hipótese de as *Letras* do Cachão da Rapa obedecerem à mesma grafia simbólica gravada em madeira (Tala do Gado, Tala do Fôro de Calabor, etc.) ainda usada em muitas aldeias bragançanas nos negócios comerciais, tributários, pecuários, etc (Alves, 1975:675). Teófilo Braga alude ao arqueosítio asseverando que sob as *Letras* se oculta “*O thesouro do Luso, se guarda na caverna das inscripções ogmicas; a rocha que domina essa caverna é a Pedra Virgem, o penedo que fala, porque tem na face lisa um Peravana, os sons fan, phone, ou vene, que traduzem as Sagas venerandas das Edades passadas (...) Repara para estes quadrados: uma linha figura o tronco da árvore de Orgham, e como ramos dela, cruzam-se outras linhas que se distinguem umas das outras apenas pela posição e agrupamento (...) esses quadrados que vês, são como letras runicas, que os nossos antepassados deixaram gravadas em muitos rochedos do norte*” (Braga, 1904: 271-274).

Para Santos Júnior (1933), o abrigo poderá estar relacionada com manifestações de culto. O autor, questiona se terá “ (...) *antes um carácter funerário em relação com*



*inumações feitas próximas daquele sítio? É possível. Não haverá relações causais entre as pinturas e a existência das anfractuosidades subjacentes que o povo designa por Cova da Moura? A resposta que com mais probabilidades de acerto se pode dar, é que se trata de um Santuário” (1933:42).*

Segundo M. de Jesus Sanches (1997), o Cachão da Rapa, pode ter tido um importante significado a nível regional, associado a um santuário rupestre, inserindo-se na mesma rede do povoamento do Castelo de Ansiães, ou na de outros povoados similares. Para a autora o abrigo não oferece condições ecológicas para suportar uma longa permanência de populações (Sanches, 1997: 197).

A semelhança das pinturas do abrigo do Cachão da Rapa com vários sítios levamos a acreditar que seriam obra do mesmo grupo e que estariam em constantes andanças e contactos, deixando o testemunho das suas crenças religiosas, o que poderá justificar a sua presença em diversos locais (Nunes e Pereira, 2004:23).

A composição das pinturas levou-nos a recorrer à teoria dos símbolos por forma a compreendermos um pouco o seu simbolismo. *O xadrez é, por conseguinte “(...) uma representação do mundo manifestado, tecido de sombra e luz (...) é portanto o campo de acção das forças cósmicas (...) simboliza também a aceitação e o domínio da alternância” (Chevalier e Gheerbrant, 1997:703).*

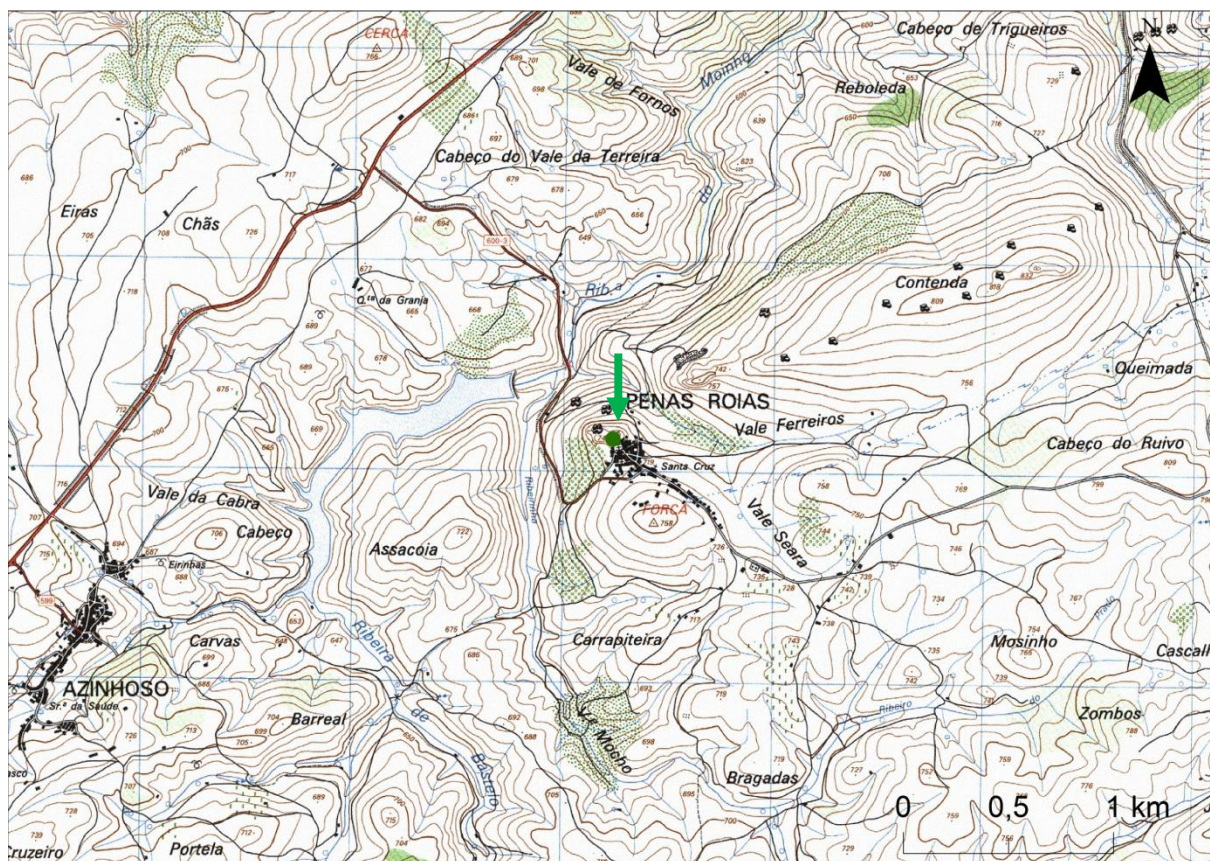
*“O traje dos arlequins (divindades ctónicas) com motivos em xadrez, quer com losangos, quer com quadrados, confirma a sua relação com as divindades do destino (...) estas figuras geométricas, em alternância, simbolizam as forças contrárias que se opõem na luta pela vida. O xadrez insinuando a alternância da vida e da morte permite conjecturar a evocação de idêntico espírito” (Rodrigues, 1986b:39).*

O abrigo poderá ter sido utilizado como local de ocupação temporária, levando-nos a concluir que estaremos perante um lugar relacionado com o sagrado, local de culto de manifestação divina, visitado em ocasiões tidas como especiais dentro das crenças das comunidades que o frequentariam, seria um *“espaço simbólico vinculado ao apego sentimental (local dos ancestrais)” (Fagundes, 2009: 306).*

## CAPÍTULO V- PENAS RÓIAS

### V.1 Localização

O abrigo de Penas Róias, na tradição popular conhecido por Penas das Letras, localiza-se em Penas Róias, concelho de Mogadouro, distrito de Bragança.



**Figura 39:** Localização do abrigo de Penas Róias (Seg. a *C.M.P.* folha 93- Lagoa-Macedo de Cavaleiros, *S.C.E.*).

Situa-se na vertente sudoeste das falésias quartzíticas do Castelo de Penas Róias, a cerca de 15 m abaixo do topo do morro. As suas coordenadas geodésicas, aproximadas, são: 41° 23' 23'' de latitude norte e 2° 28'47'' longitude este de Greenwich.

O acesso ao local poderá ser feito pela EN 219, de Mogadouro para Vimioso, durante 10 Km, virando-se depois à direita para a estrada municipal e percorrendo-se cerca de 3 Km. O castelo fica a cerca de 80 m da aldeia.

## **V.2 Caracterização**

O abrigo é uma fenda horizontal na rocha quartzítica, a meio da falésia. Não ultrapassa 0,50 m de altura máxima, e tem cerca de 3 m de largura por 1,5 m de profundidade.

O suporte rochoso é de cor esbranquiçada, pontuada por manchas ou veios alaranjados, decorrentes da oxidação dos seus componentes ferrosos, o que por vezes torna difícil distinguir estes das pinturas. Além disso, há casos em que parece que tais ocorrências foram aproveitadas na definição dos motivos pretendidos (Sanches, 1997:48).

As cores utilizadas nas pinturas foram os vermelhos e alaranjados, elas têm carácter esquemático e as suas dimensões variam entre os 40 mm e os 180 mm de altura.

## **V.3 História das investigações**

O abrigo de Penas Róias foi divulgado, em primeira-mão, no Encontro do Património, de Tomar, em 1979 e em 1981, por Carlos A. Ferreira de Almeida e António M. Mourinho, onde publicam artigo sobre as suas pinturas esquemáticas.

Susana Oliveira Jorge, (1986), na sua Tese de Doutoramento, intitulada “*Povoados da Pré-História recente da região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar*”, faz referência ao abrigo, no capítulo sobre as estações com cerâmica decorada no Norte de Portugal.

Dois anos depois, Marco D. dos Santos (1988), em colaboração com o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, iniciou a prospecção exaustiva do território administrativamente incluído nos concelhos do Vimioso, Miranda do Douro, Mogadouro e Freixo de Espada-à-Cinta, daí resultando o “*Catálogo dos Monumentos e Sítios do Planalto Mirandês*”, publicado pela *Revista Brigantia*, onde faz nova alusão ao abrigo de Penas Róias.

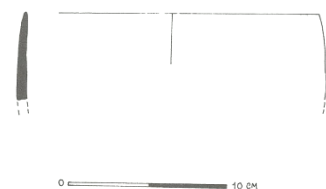
Em 1992 e 1997, Maria de Jesus Sanches, nos seus trabalhos intitulados “*Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*” e “*Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*”, aborda este abrigo segundo vários aspectos,

desde a sua caracterização ao espólio encontrando-se próximo, à sua possível articulação com outros abrigos.

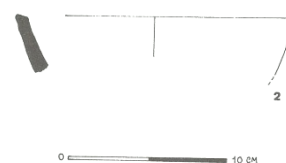
Toda a documentação existente sobre este arqueossítio resultou da prospecção realizada em diferentes épocas e por diversas pessoas (Sanches, 1997:286).

Na estampa XXIV inserida no trabalho “*Pré-História recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, ” da arqueóloga acima citada (1992), estão representados três desenhos de fragmentos de recipientes cerâmicos de Penas Róias, recolhidos à superfície. Segundo a autora, foram fabricados com pastas compactas e mostram cor castanha avermelhada.

**Taça (3A).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo vertical e lábio de secção semicircular. Media 190 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é 7 mm (Sanches, 1992:XXIV).



**Taça (4A).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo oblíquo e lábio em bisel. Media 178 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 11 mm (Sanches, 1992:XXIV).

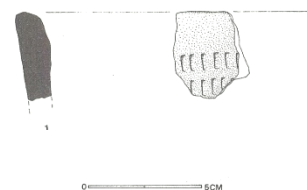


**Taça (4B).** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo algo extrovertido e lábio de secção semicircular. Media 197 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 7 mm (Sanches, 1992:XXIV).



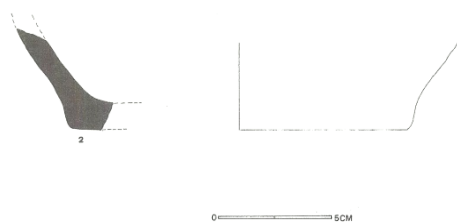
A estampa XXV do trabalho acima citado de M. de Jesus Sanches é constituída por seis fragmentos de Penas Róias, obtidos também por recolha de superfície.

**Taça.** Fragmento correspondente a porção do bordo. Apresenta bordo espessado internamente, vertical e com lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta compacta, mostra na superfície exterior cor castanha clara e cor negra na superfície interior. Exibe decoração, constituída por série de pequenas impressões verticais dispostas em linha horizontal. Media 130 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 13 mm (Sanches, 1992:XXV).



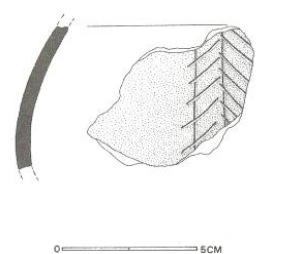
**Vaso de forma indeterminada.**

Fragmento correspondente a fundo plano. Foi fabricado com pasta compacta, mostra na superfície exterior cor castanha avermelhada e na superfície interior cor negra. Media 146 de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 16 mm (Sanches, 1992:XXV).

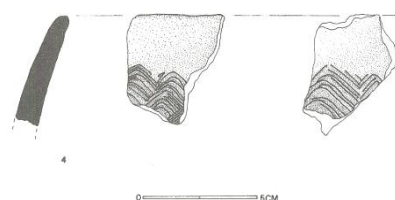


**Vaso de forma indeterminada.**

Fragmento correspondente a parede do corpo. Foi fabricado com pasta compacta, mostramos cor castanha avermelhada. Exibe decoração incisa, constituída por faixa formada por várias linhas rectas, dispostas vertical e obliquamente. A espessura média das paredes é de 5 mm (Sanches, 1992:XXV)

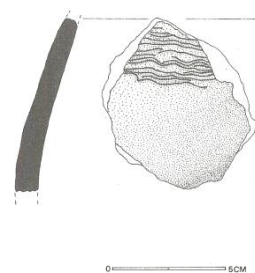


**Vaso esférico.** Fragmento correspondente a porção de bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo oblíquo e lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta compacta e mostra cor castanha avermelhada. Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por linhas quebradas, que deveriam formar zigue-zagues, paralelas ao bordo. Media 150 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 10 mm (Sanches, 1992:XXV).

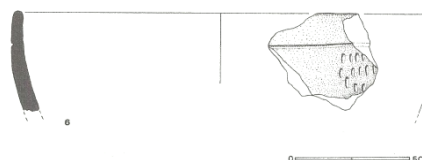




**Vaso de forma indeterminada.** Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricado com pasta compacta e mostra cor castanha avermelhada. Exibe decoração incisa, feita com pente, constituída por linhas onduladas, dispostas em sequências horizontais. A espessura média das paredes é de 10 mm (Sanches, 1992:XXV).



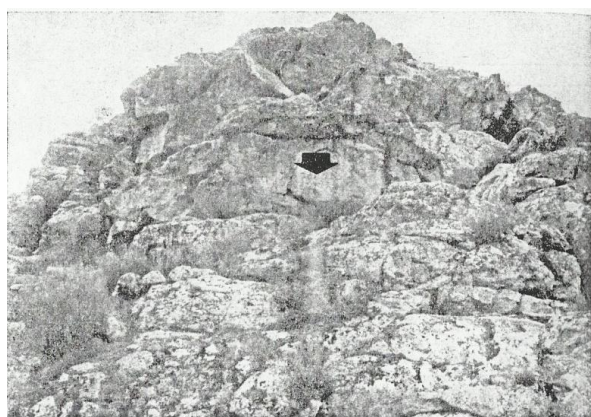
**Taça hemisférica.** Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo. Apresenta bordo vertical e lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta compacta, mostrando na superfície exterior cor castanha avermelhada e na superfície interior cor negra. Exibe decoração incisa e impressa, constituída por duas linhas, dispostas horizontalmente e série de pequenas impressões em linha vertical e horizontal. Medida 183 mm de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 6 mm (Sanches, 1992:XXV).



#### V.4 Catálogo dos signos



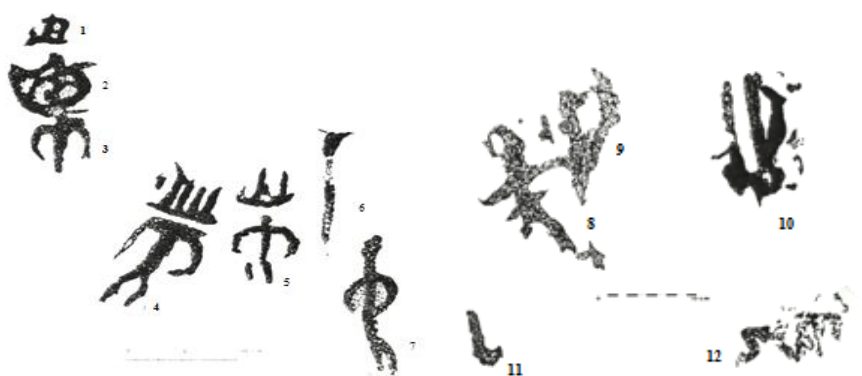
**Figura 40:** Corte do abrigo de Penas Róias (Seg. Almeida e Mourinho, 1981:3).



**Figura 41:** Aspecto do maciço rochoso onde se localiza o abrigo de Penas Róias (Seg. Almeida e Mourinho, 1981:4).



**Figura 42:** Abrigo de Penas Róias e **Figura 43:** Núcleo das pinturas de Penas Róias (Foto de Luísa Teixeira, 2012)



**Figura 44:** Penas Róias painel 1 e painel 2 (Seg. Almeida e Mourinho, 1981:5,6).

**PR/P1.1-Quadrado segmentado.** Pintado de cor vermelha escura, segmentado por duas linhas perpendiculares entre si. Mede 36 mm de altura e 39 mm de largura máxima.

**PR/P1.2-** *Meandro*. Pintado de cor vermelha escura. Mede 73 mm de altura e 78 mm de largura máxima.

**PR/P1.3-** *Antropomorfo esquemático*. Mostra corpo reduzido a pequena linha vertical e exibe braços em asa. Mede 60 mm de altura e 55 mm de largura.

**PR/P1.4-** *Antropomorfo esquemático*. Pintado de cor vermelha escura, mostra corpo reduzido a linha vertical, braços e pernas em forma de arco. Na parte superior encontram-se cinco penachos. Mede 170 mm de altura e 76 mm de largura máxima.

**PR/P1.5-** *Antropomorfo esquemático*. Pintado de cor vermelha escura, mostra cabeça, corpo reduzido a linha vertical, braços e pernas em forma de arco. Na parte superior encontram-se três penachos. Foi pintado de cor vermelha escura. Mede 130 mm de altura e 61 mm de largura máxima.

**PR/P1.6-** *Antropomorfo esquemático*. Pintado de cor vermelha escura, mostra corpo reduzido a linha vertical e cabeça com dois apêndices. Mede 130 mm de altura e 35 mm de largura máxima na cabeça.

**PR/P1.7-** *Antropomorfo esquemático*. Pintado de cor vermelha escura, mostra cabeça unida ao corpo através de longo pescoço, braços e pernas em forma de arco. Mede 159 mm de altura e 50 mm de largura máxima.

**PR/P1.8-** *Antropomorfo esquemático*. Pintado de cor vermelha escura, mostra cabeça unida ao corpo e braços abertos, na horizontal. Na parte superior parece mostrar gorro ou cabeleira. À altura da cinta, apresenta um pequeno traço horizontal. Mede 183 mm de altura e 145 mm de largura máxima.

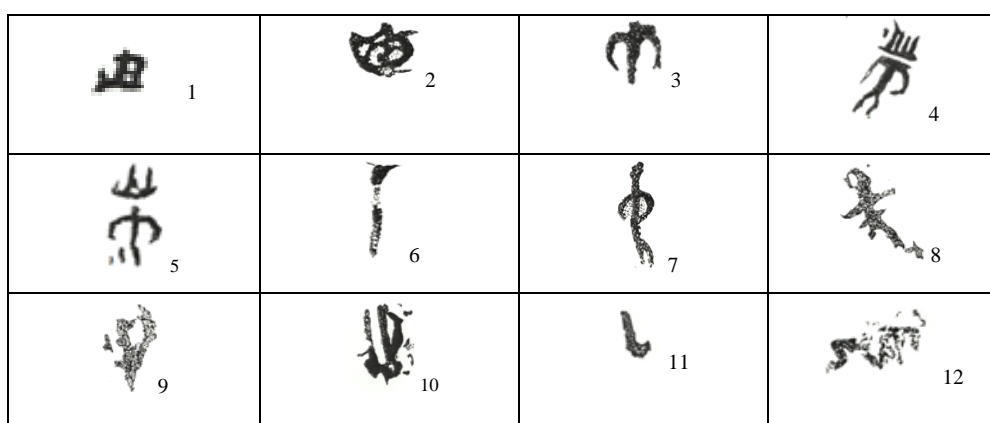
**PR/P1.9-** *Linha em V*. Pintada de cor vermelha escura. Mede 137 mm de altura e 60 mm de largura máxima.

**PR/P1.10-** *Mancha*. Pintada de cor vermelha escura, mostra três traços distintos. Mede 135 mm de altura e 93 mm de largura.

**PR/P1.11-** *Linha curva*. Pintada de cor vermelha escura. Mede 41 mm de comprimento.

**PR/P1.12-** *Serpentiforme*. Pintado de cor vermelha escura. Mede 112 mm de comprimento.





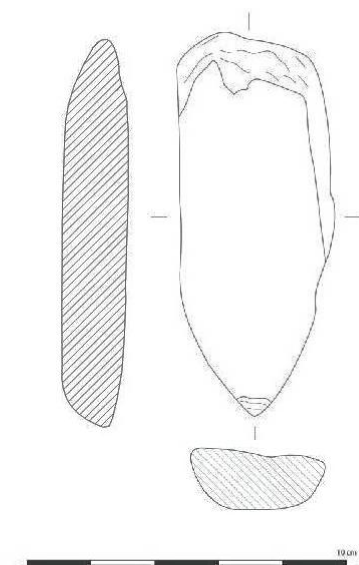
**Figura 45:** Pinturas do abrigo rupestre de Pena Róias, a várias escalas (Seg. Almeida e Mourinho, 1981:5,6).

Formas	Total
Antropomorfo esquemático	6
Meandro	1
Quadrado segmentado	1
Linha em V	1
Linha curva	1
Serpentiforme	1
Mancha	1
Total	12

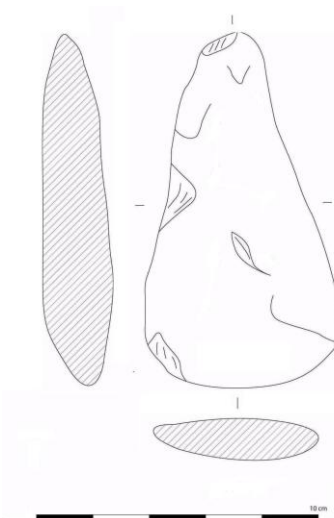
**Tabela 3:** Inventário das pinturas do abrigo de Penas Róias.

## V.5 Catálogo do espólio

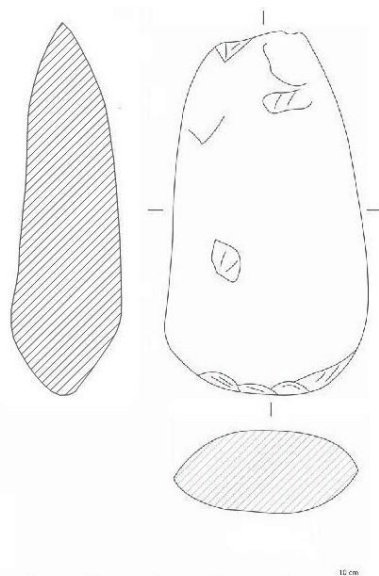
**1-Machado.** Afeiçãoado em anfibolito, com cor cinzenta escura (5BP 6/1), apresenta as superfícies picotadas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. A secção transversal é trapezoidal. Mede 120 mm de comprimento, 47 mm de largura e 19 mm de espessura máxima.



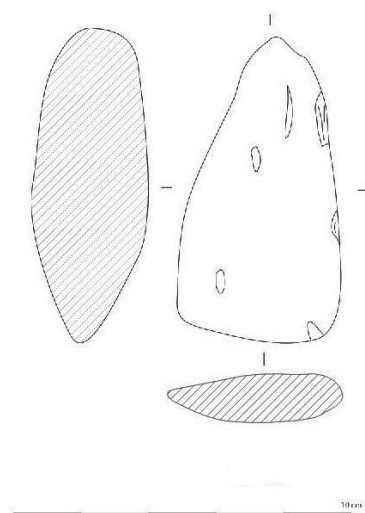
**2-Enxó.** Afeiçãoada em anfibolito, com cor castanha clara (7.5Y 8/2), apresenta as superfícies picotadas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. A secção transversal é oval. Mede 125 mm de comprimento, 69 mm de largura e 29 mm de espessura máxima.



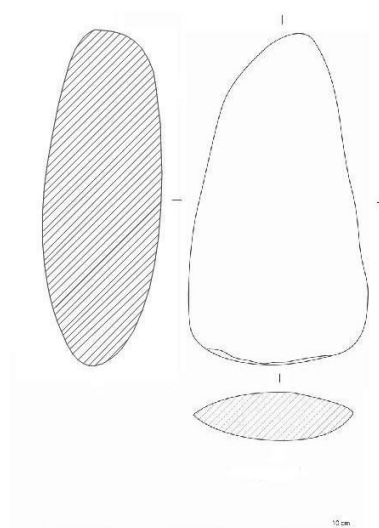
**3-Machado.** Afeiçãoado em anfibolito, com cor castanha clara (7.5Y 8/2), apresenta as superfícies picotadas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. A secção transversal é oval. Mede 114 mm de comprimento, 60 mm de largura e 28 mm de espessura máxima.



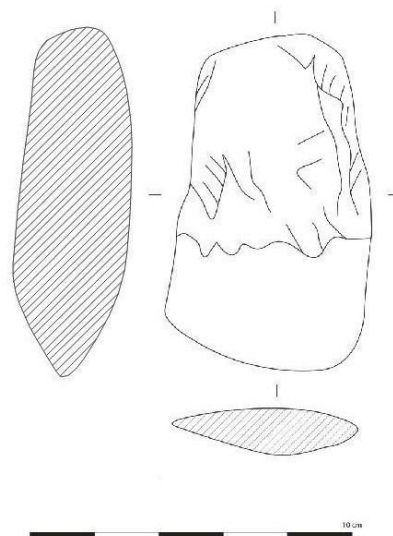
**4-Machado.** Afeiçãoado em anfibolito, com cor castanha escura (7.5Y 6/1), apresenta as superfícies picotadas, oferecendo ligeiro polimento, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma ligeiramente convexa. A secção transversal é oval. Mede 93 mm de comprimento, 51 mm de largura e 36 mm de espessura máxima.



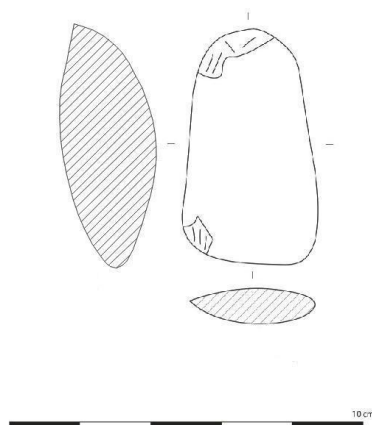
**5-Machado.** Afeiçãoado em anfibolito, com cor cinzenta escura (5BP 6/1), apresenta as superfícies picotadas, bem como o gume. Este mostra com sinais de utilização e tem forma convexa. A secção transversal é secção oval. Mede 113 mm de comprimento, 59 mm de largura e 40 mm de espessura máxima.



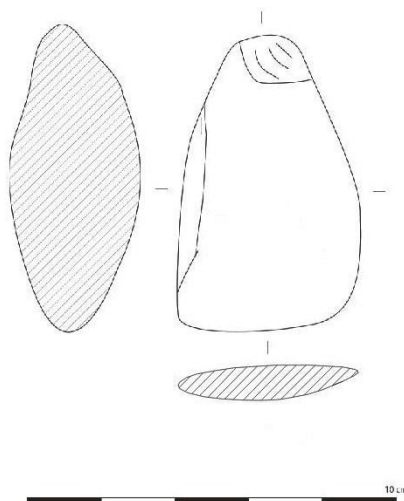
**6- Machado.** Afeiçãoado em anfibolito, com cor cinzenta escura com tons alaranjados (5BP 4/1), apresenta superfícies picotadas e polidas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. A secção transversal é oval. Mede 106 mm de comprimento, 65 mm de largura e 37 mm de espessura máxima.



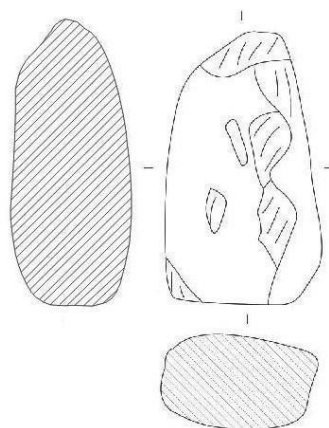
**7- Machado.** Afeiçoado em anfibolito, com cor castanha escura (5Y 5/4 ), apresenta as superfícies picotas e polidas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma ligeiramente convexa. A secção transversal é oval. Mede 69 mm de comprimento, 36 mm de largura e 24 mm de espessura máxima.



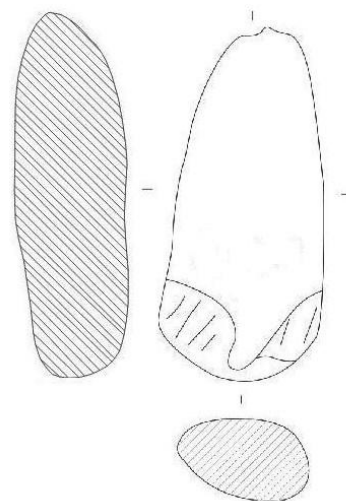
**8-Machado.** Afeiçoado em anfibolito, com cor castanha clara com tons cinzentos (10Y 7/1), apresenta as superfícies picotadas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. A secção transversal é oval. Mede 83 mm de comprimento, 54 mm de largura e 34 mm de espessura máxima.



**9-Enxó.** Afeçoada em anfibolito, com cor cinzenta escura com tons alaranjados (5BP 4/1), apresenta as superfícies picotadas e polidas. A secção transversal é rectangular. Mede 84 mm de comprimento, 48 mm de largura e 37 mm de espessura máxima.

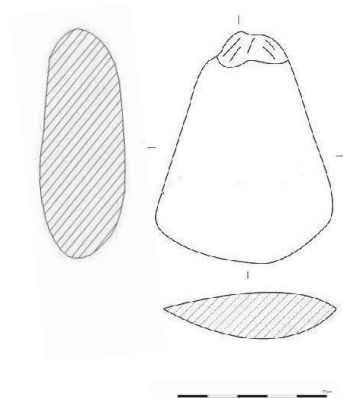


**10-Machado.** Afeçoado em anfibolito, com cor cinzenta clara (5BP 7/1), apresenta as superfícies picotadas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. A secção transversal é oval. Mede 103 mm de comprimento, 50 mm de largura e 38 mm de espessura máxima.

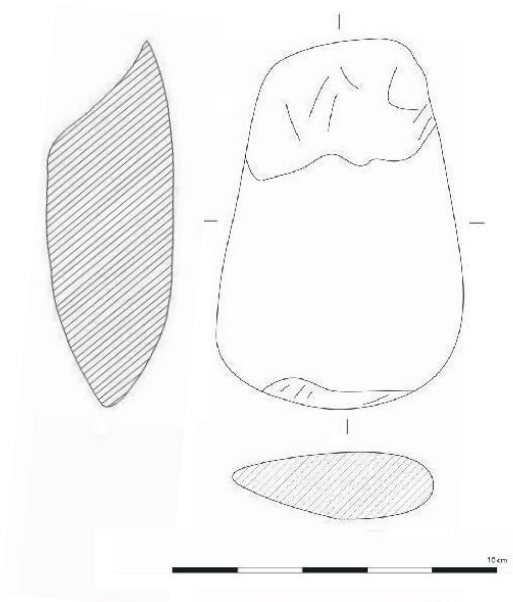




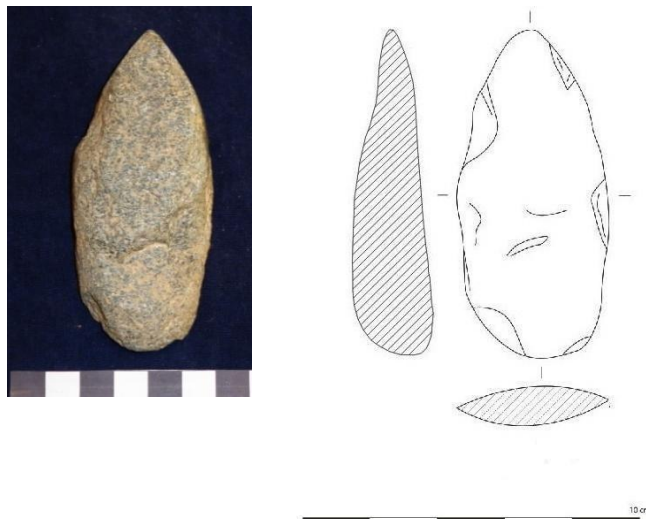
**11-Machado.** Afeiçãoado em anfibolito, com cor castanha escura e tons prateados (7.5Y 5/1), apresenta as superfícies picotadas, oferecendo ligeiro polimento, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. A secção transversal é oval. Mede 65 mm de comprimento, 48 mm de largura e 25 mm de espessura máxima.



**12-Machado.** Afeiçãoado em anfibolito, com cor cinzenta clara (5BP 7/1), apresenta as superfícies picotadas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. A secção transversal é oval. Mede 115 mm de comprimento, 78 mm de largura e 44 mm de espessura máxima.



**13-Machado.** Afeïoado em anfíbolito, com cor cinzenta clara (5BP 7/1), apresenta as superfícies picotadas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. A secção transversal é oval. Mede 98 mm de comprimento, 43 mm de largura e 21 mm de espessura máxima.



**14-Enxó.** Afeïoada em anfíbolito, com cor castanha escura e tons prateados (7.5Y 5/2), apresenta as superfícies picotadas oferecendo ligeiro polimento. O gume tem forma ligeiramente convexa. A secção transversal é oval. Mede 66 mm de comprimento, 52 mm de largura e 32 mm de espessura máxima.





**15-Machado.** Afeiçãoado em anfíbolito, com cor cinzenta escura com pequenos tons alaranjados (5BP 6/1), apresenta polimento na totalidade as superfícies, bem como no gume. Este tem forma convexa. Encontra-se amputada a mais de metade do volume original. A secção transversal é rectangular. Mede 83 mm de comprimento, 50 mm de largura e 31mm de espessura máxima.



**16- Enxó.** Afeiçãoado em anfíbolito, com cor cinzenta clara (5BP 7/1), apresenta as superfícies picotadas, oferecendo ligeiro polimento, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma quase recta. Encontra-se amputada em metade do volume original. A secção transversal é oval. Mede 100 mm de comprimento, 32 mm de largura e 38 mm de espessura máxima.



**17- Machado.** Afeiçãoado em anfíbolito, com cor cinzenta clara (5BP 7/1), apresenta as superfícies oferecendo ligeiro polimento e picotadas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. Encontra-se amputada em metade do volume original. A secção transversal é rectangular. Mede 96 mm de comprimento, 40 mm de largura e 31 mm de espessura máxima.



**18- Machado.** Afeiçãoado em anfíbolito, com cor castanha clara com tons cinzentos (10Y 6/1), apresenta as superfícies picotadas, bem como o gume. Este mostra sinais de utilização e tem forma convexa. Encontra-se amputada em metade do volume original. A secção transversal é trapezoidal. Mede 87 mm de comprimento, 52 mm de largura.



**19- Machado.** Afeiçãoado em anfíbolito, com cor castanha escura com tons prateados (5Y 5/1), apresenta as superfícies picotadas. A secção transversal é oval. Mede 72 mm de comprimento, 43 mm de largura e 38 mm de espessura máxima.



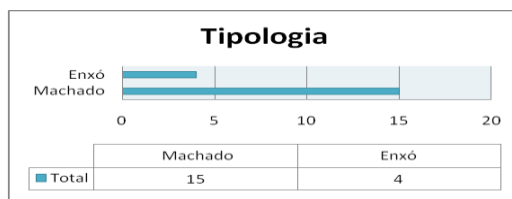
O conjunto artefactual de pedra polida/picotada do abrigo Penas Róias é constituído por um número diminuto, 19 utensílios. Apresenta, no entanto, tipologicamente e funcionalmente, reduzida diversidade. O material em análise pertence a colecção particular, tendo sido encontrado no campo, abaixo do abrigo.

Dos materiais identificados podemos destacar quinze machados e quatro enxós.

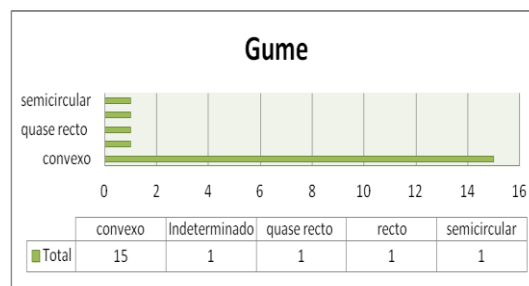
No conjunto, catorze peças encontram-se inteiras, correspondendo cinco a fragmentos. Os gumes mostram sinais de utilização, tendo, na sua maioria gumes, forma convexa. No domínio da secção transversal, destaca-se a secção oval com catorze peças. A quase totalidade dos artefactos apresenta picotagem.

A matéria-prima utilizada foi o anfibolito, cuja importância na produção do instrumental de pedra polida, se justifica dadas as suas propriedades, de dureza e resistência.

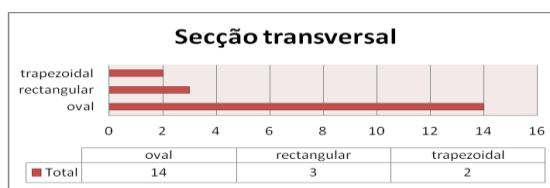
O estado de conservação dos artefactos de pedra polida/picotada pode estar relacionado com a intensidade e/ou com o tipo de utilização que lhes foi dado. Alguns terão sofrido uso intenso, uma vez que se encontram fragmentados ou com sinais evidentes de utilização



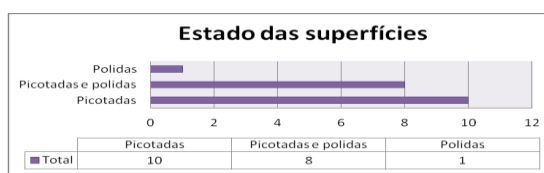
**Gráfico 6:** Distribuição dos artefactos de pedra polida/picotada.



**Gráfico 7:** Distribuição do gume nos artefactos em pedra polida/picotada



**Gráfico 8:** Secção transversal dos artefactos em pedra polida/picotada



**Gráfico 9:** Picotagem nos artefactos em pedra polida/picotada.

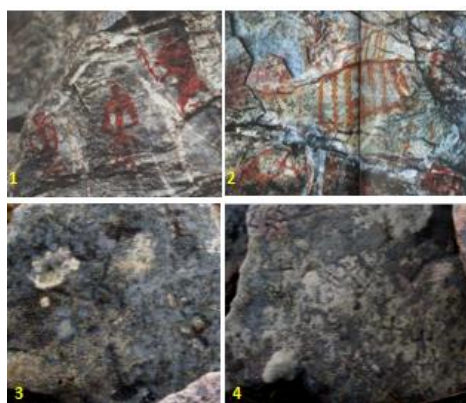
## V.6 Integração cronológica e cultural

No abrigo de Penas Róias, existem, maioritariamente, figuras humanas esquemáticas, com de braços em asa, simples, com penachos ou barrete/cabeleira e de tipo barra. Estas características já foram apontadas por Almeida e Mourinho (1981:4). Para M. de Jesus Sanches “*entre estes antropomorfos e aqueles dos abrigos da Meseta (como Palla Rubia- Perena, Salamanca, geograficamente muito próximos de Penas Róias) particularmente as figuras de braços em asa, assim como aquelas providas de penachos ou barrete/cabeleira, são tema quase permanente em abrigos da Serra Morena e da Baixa Andaluzia*” (Sanches, 1997: 84).

Segundo, D. dos Santos Marcos (1993: 210), “ (...) desenvolveu-se aqui um povoado pré-histórico que poderia correlacionar-se com o abrigo pintado, (...) uma vez que quer a tipologia dos motivos pintados, quer das cerâmicas encontradas à superfície, podem situá-los, a ambos, nos finais do III, início do II milénio a.C.”.

Na serra de Passos, no regato das Bouças, os abrigos 2 e 3 (Figura 1 e 2), exibem figuras similares às de Penas Róias- antropomorfos de braços abertos, em asa, antropomorfos tipo barra e ainda um com penacho. Encontra-se também no conjunto rupestre do Tripe (Mairos-chaves), gravuras de influências meridional- antropomorfos em *phi* e antropomorfos encimados por penachos, etc., (figura 3 e 4). Estas situam-se nas proximidades da Vinha da Soutilha (Mairos, chaves), povoado do III milénio a.C. (Sanches, 1997: 174-178).

Em território espanhol, junto à fronteira portuguesa de Quintanilha, o abrigo gravado de El Pedroso apresenta pequenas gravuras também de inspiração meridional, tal como Penas Róias. Estão presentes antropomorfos esquemáticos variados-tipo *phi*



**Figura 46:** Pinturas do regato das Bouças, abrigos 2 e 3 e gravuras do conjunto rupestre do Tripe (Mairos-chaves) a várias escalas (Seg. Valdez, 2010:est. 36, 37; Sanches, 2006: 122-127).

grego, tipo barra, de braços em asa, entre outros (Sanches, 1997: 148). Segundo Esparza-Arroyo, “ (...) *podríamos concluir que el castro del Pedroso se ocupa durante el Eneolítico o Bronce Inicial* ” (Arroyo, 1977: 39).

Segundo A.M. Baptista, “(...) *os tipos antropomórficos em phi ou duplo phi ou com membros arqueados, certos atributos (possíveis toucados?) por sobre a cabeça de alguns tipos em phi, pintados em Penas Róias, gravados nas rochas 24 e 25 do Tripe e até mesmo de alguns antropomorfos de braços rectos, podem descender de idênticos modelos pintados, por exemplo abrigos de Fresnedo Teverga, Astúrias*” (Baptista, 1983/1984:76,77).

Nas proximidades do abrigo de Penas Róias (Mogadouro) encontraram-se cerâmicas decoradas mediante a técnica de incisão penteada. Este tipo de cerâmica também está presente em abrigos que exibem pinturas esquemáticas, o que leva a apontar para uma cronologia situada adentro dos finais do III milénio, início do II milénio a.C. As cerâmicas deste tipo são dominantes em Trás-os-Montes numa das ocupações de Castelo de Aguiar II- datada pelo C14 dos inícios do II milénio a.C., assim como na última fase de ocupação do abrigo Buraco da Pala Mirandela (o qual contém também pintura esquemática), datada dos finais do III milénio a.C. (Sanches, 1997: 84).

As formas cerâmicas encontradas no terreno abaixo do abrigo de Penas Róias (segundo os tipos morfológicos do Barrocal Alto e Cunho) parecem conjugar-se com a 2ª fase de ocupação do Barrocal Alto já que é aí que, pela primeira vez, surgem fundos planos. As restantes formas são de mais larga pervivência. Segundo M. de Jesus Sanches (1997:146,147), os dados apontados mas correspondentes a recolhas de superfície indicam que o abrigo poderá ser contemporâneo da 2ª fase de ocupação do Barrocal Alto, nos finais do IIIº milénio, bem como, provavelmente, do Cunho.

Para a autora citada, as pinturas do abrigo de Penas Róias poderiam ter sido genericamente contemporâneas das Fragas da Lapa, isto é, aquele “*incluir-se-ia nas manifestações artístico/simbólicas formuladas, produzidas e inseridas, no contexto social de populações que no Calcolítico/Bronze Inicial povoaram o Planalto Mirandês*” (Sanches, 1997:84).

## V.7 Penas Róias e a paisagem

A freguesia de Penas Róias situa-se na metade sul do Planalto Mirandês, num trecho mais ondulado deste, em que se erguem as cristas quartzíticas conhecidas pela designação genérica de Cimos de Mogadouro (Lemos, 1995: 125).

Aquele integra no Planalto Mirandês ou Planalto das Terras de Miranda e a sub-região natural Miranda-Mogadouro; região em correspondência com superfície planáltica, pertencente à Meseta Ibérica e profundamente entalhada pela incursão dos rios Douro e Maças-Sabor, respectivamente nos seus limites Leste e Oeste, em qualquer caso marcando desníveis da ordem dos 300/400m. O extenso planalto desenvolve-se a altitudes médias de 750/850 m, sendo de assinalar em alguns locais, a frequência de relevos residuais encimados por quartzitos, devendo destacar-se, pela sua continuidade, os da área de Mogadouro, que por vezes marcam desníveis da ordem do 200 m (Agroconsultores Coba: 1991: 29-35).

O abrigo de Penas Róias está localizado num morro delimitado por dois cursos de água, os quais desaguam, ainda na sua base, num terceiro. Integram-se na rede hidrográfica do Sabor (Sanches, 1997:47, 48).

Actualmente as linhas de água que se avistam do abrigo, são a barragem de Bastelos e a ribeira de Peso ou Ribeirinha, afluente do rio Maças que passa no vale do planalto. A separação do vale é feita por via alcatroada, a E.N. 219.

Em redor do abrigo são visíveis terrenos agrícolas, ocupados por vários tipos de culturas, destacando-se olivais. Estes campos também são utilizados para pastagens.

O abrigo, virado ao vale de um ribeiro, possui condições naturais de defesa, permitindo-lhe uma boa visibilidade, um verdadeiro domínio perante um anfiteatro de vales e planaltos.



**Figura 47 e 48:** Paisagens visíveis a partir do abrigo (Fotos de Luísa Teixeira, 2012).

O lugar onde se implanta o abrigo, pode ter correspondido a estratégia de visibilidade, assumindo particular importância não só para as comunidades pré-históricas, como para ulteriores, tendo como exemplo o Castelo de Penas Róias, implantado sobre o maciço rochoso onde aquele se encontra.

A partir de diferentes pontos, o abrigo é disfarçado pela paisagem envolvente, tornando-se invisível ao observador, apenas sobressaindo o maciço o rochoso.

## V.8 Interpretações

A construção histórica que incide na ocupação do abrigo e da sua envolvente espacial está patente nas ocupações humanas arqueologicamente comprovadas que aí se identificaram.

Para M. de Jesus Sanches e Dulcineia Pinto (2002: 63), a extraordinária posição do painel do abrigo de Penas Róias sobre a paisagem, leva a por de parte a hipótese de se tratar de uma pintura casual, feita num momento de inspiração por um “simples” cidadão do passado.

C.A.F. de Almeida e A. Mourinho não conseguiram atribuir qualquer significado à forma distinta da posição dos braços e da parte inferior do corpo visível nas imagens 4,5,7 e 8. Segundo os autores, talvez se possa interrogar, em primeiro lugar, a razão porque penachos e barrete/cabeleira se separam do corpo. Supõem que para além de uma razão técnica de pintura, na verdade a sua base consta dum primeiro traço horizontal, contínuo, acreditam que ela é fruto duma intencionalidade significativa que lhes escapa. Podem se ver também em pinturas de Cógul, de Tajo de las Figuras e de Fuente de los Molinos. “ *O cuidado e o relevo dados às representações do barrete/cabeleira e dos penachos são tão notórios que indicam a importância simbólica desses atributos, pertençam eles a deuses ou a quaisquer outros personagens. Mas mais do que em qualquer outro paralelo, seja na Cueva de la Graja (Jaén), seja em Mediano ou em Pena Escrita de Fuencaliente, é em Penas Róias que a representação destes penachos melhor se evidencia, atingindo proporções estranhas*” (Almeida e Mourinho, 1981:6)

Os possíveis penachos ou tiaras de penas podem corresponder a atributos definidores de divindades.

*“Adornos de cabeça, semelhantes, terão eventualmente servido de protótipo para os penachos ou tiaras emplumadas, encontrando-se, por vezes de forma diferente, associados a outras representações do deus da guerra e da tempestade, senhor do raio, da luz e da montanha, no Mediterrâneo Oriental”* (Gomes, 1990: 38,39).

O abrigo Penas Róias dada a sua posição topográfica e as características que apresenta, poderia estar ligado a posições de observação. Para além dessa funcionalidade, as pinturas apresentam temática e organização, que nos levam a interpretar aquele local como um santuário, local de culto e de manifestação de divindade(s).

## CAPÍTULO VI- OS ABRIGOS E A PAISAGEM

Neste capítulo pretendemos analisar assuntos relacionados com as paisagens onde se inserem os abrigos, tentando ligar os naturais e os culturais, na tentativa de determinarmos possível padrão de inserção daqueles, assim como das suas características, o que deve reflectir escolha específica por parte dos autores das pinturas rupestres.

A arquitectura natural e a localização topográfica, assumiram-se, desde há muito, como elementos significantes da paisagem, repletos de valores que os integra em semântica paisagística, sendo estruturantes das leituras espaciais e mentais do território (Perfeito, 2004). A carga simbólica, essencial aos elementos caracterizadores de uma entidade paisagística, impregna-os de visibilidade mental que se pode, ou não, associar à visibilidade física e real; este facto acaba por lhes atribuir função de marcadores e organizadores diacrónicos da paisagem (Mataloto, 2007:123-140)

Apresentando-se como reflectindo um sistema de ideias de natureza sociocultural, visíveis através da sua estrutura (Perfeito, 2004), os abrigos aparecem como “*lugares de negociação*”, de uma tensão básica entre sistemas de representação e de afirmação da identidade. O imaginário é mais rico que as objectivações histórico-culturais, adaptando estas a ideais cujo fim é conceder um sentido social (mental) às variedades das coisas apresentadas pela realidade. Pode-se considerar a identidade cultural como um “fenómeno” de índole cognitiva (Costa, 2002:8).

O estudo das paisagens é fulcral, não somente na abordagem duma ocupação humana, como o meio ambiente não é somente o espaço natural onde os diferentes grupos realizaram actividades destinadas à sua sobrevivência imediata. É, antes, um território, na sua primeira forma bruta, no qual o Homem se inscreve e desenvolve espacial e temporalmente, na complexa vida cultural (Sanches, 1992).

Partimos do pressuposto que os factores naturais condicionam e influenciam, de diversas formas, a fixação e os comportamentos humanos em uma dada área. Para compreender a dependência com o meio, deve-se ter em conta a proximidade de recursos economicamente variados em função do custo relativo imposto às



comunidades aí estabelecidas, em uma determinada época. Há todavia, um princípio lógico que rege a utilização do espaço pelo Homem, que consiste em maximizar a utilização de uma região e dos respectivos recursos, com um mínimo de esforço (Binford, 1988:210). Todavia, a função do espaço não deve ser reduzível a um nível meramente consumista, dependente da exploração de recursos directo ou indirectamente relacionados com as necessidades de subsistência.

O quadro natural de uma região constitui, de facto, o suporte espacial da sociedade, “ (...) *cada comunidade explora vários espaços, organizou-os funcional e conceptualmente (...)*” (Vilaça, 1994: 66). Aquela, pela sua acção, vai transformá-lo à medida que dele se apropria, continuando e reconstruindo-o, isto é, à medida que o humaniza (Vilaça, 1994:66). Cada região é uma realidade válida sujeita a mutações, o espaço físico ou um palco onde se vão recriando cenários, transformando-se num “*espaço válido*” (Fremont, 1980), onde podem ser concebidos espaços diversos de diferente natureza (económica, social, funerária, etc) (Sanches, 1992).

As paisagens em que se inserem os abrigos rupestres devem ser entendidas como ambientes que ultrapassam os atributos de uma entidade física, mas existindo uma relação intrínseca com a dinâmica cultural, compreendida como construção social (Oliveira, 2007).

## **VI.1 Implantação**

Conforme anteriormente propusemos, as realidades ambientais são de elevada importância para fim a contextualização das inter-relações entre o Meio e o Homem, pelo que tentaremos a sua abordagem, para os três abrigos a partir das seguintes cinco vertentes.

- **Orientação das Encostas (*ASPECT*)**<sup>3</sup>

A análise da orientação de encostas permite identificar a maior ou menor exposição solar. O grau de incidência da luz nas vertentes, e nos abrigos, irá depender da orientação destas.

---

<sup>3</sup> Ver Anexo: Estampas 2, 3 e 4.

A posição dos abrigos, manifesta uma tendência para a abertura a Sul/ Sudoeste, o que significa, que eles recebem a maior quantidade possível de luz do Sol directa, durante cada dia.

- **Pendente (*SLOPE*)** <sup>3</sup>

O acesso aos abrigos e tipo de implantação também se constitui enquanto uma variável de análise, tendo como objectivo avaliar a percentagem de inclinação das zonas onde aqueles se encontram. Seguindo o exemplo de alguns estudos efectuados neste sentido (Fairen, 2004a *citado por* Valdez, 2010:100), optou-se por reclassificar o resultado da obtenção da inclinação das vertentes, nos intervalos constantes na tabela a seguir apresentada:

1	Plano	<2 %
2	Suave	2 % - 2,5 %
3	Mediano	2,5 % - 15 %
4	Acentuado	15 % - 40 %
5	Muito Acentuado	>40 %

**Tabela 4:** Definição de intervalos consoante a inclinação percentual do terreno (Valdez, 2010:100).

Ainda que determinadas práticas, como o tipo de cultivo ou a simples necessidade (vontade) humana possam matizar esta classificação, geralmente considera-se que as pendentes superiores a 20% são apenas aptas para aplicação de actividades pastoris ou florestais (Garcia 1999; Fairen 2004, *citado por* Valdez, 2010:100).

As zonas de declive óptimo para as práticas agrícolas situam-se entre os 0° e os 12° de inclinação (Garcia 1999; Fairen 2004, *citado por* Valdez, 2010:100).

Os abrigos Pala Pinta e Penas Róias encontram-se em terrenos com declive acentuado (15% - 40%), o abrigo do Cachão da Rapa, localiza-se em declive mediano (2,5 % - 15 %).

- **Altitude Relativa.** <sup>4</sup>

A análise da altitude dos abrigos (em relação ao nível das águas do mar), tem como <sup>4</sup> ponto de referência o curso de água mais próximo destes. <sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Ver Anexo: Estampas 5, 6 e 7.

<sup>5</sup> Ver Anexo: Estampas 8, 9 e 10.

O abrigo Pala Pinta está localizado a 563 m de altitude, a 291 m de altitude está a ribeira da Rebousa, afluente do rio Tua e subafluente do rio Douro. A ribeira neste pont encontra-se a 600 m a sul do abrigo.

O abrigo Cachão da Rapa está localizado a 117 m de altitude, a 120 m de altitude está a ribeira de Linhares, afluente do rio Douro. A ribeira neste ponto encontra-se 52 m a este do abrigo, estando o rio Douro a cerca de 40 m mais baixo que o abrigo.

O abrigo Penas Róias está localizado a 739 m de altitude, a 600 m de altitude está a ribeira de Macedo, subafluente do rio Maças que, por sua vez, vai desaguar ao rio Sabor. A ribeira neste ponto encontra-se a 670 m a norte do abrigo.

- **Visibilidade<sup>6</sup>**

De uma forma geral as análises de visibilidade caracterizam-se como sendo cálculos efectuados a partir de determinado local e cujo objectivo é avaliar o domínio visual sobre a envolvente, procurando determinar se esta foi um factor determinante na eleição para a implantação dos sítios (Valdez, 2010:101-103).

A análise da visibilidade ao ser um dos atributos que podem caracterizar a implantação dos sítios arqueológicos, permitindo que nos aproximemos do contexto social que os enquadra, pode compreender-se como reflexo de actos cognitivos passados, que afectariam tanto a localização dos elementos culturais como a própria organização das práticas sociais que teriam lugar dentro e em torno daqueles (Tilley 1994, citado por Valdez, 2010:101-103).

Os resultados obtidos a partir da análise cartográfica, demonstram que os abrigos são detentores de uma boa visibilidade, aspecto que poderá ter constituído factor determinante na eleição dos mesmos, tendo em conta o desenvolvimento de actividades sócio-religiosas.

- **Rede hidrográfica<sup>7</sup>**

A análise da rede hidrográfica, tem por objectivo verificar se havia uma ligação entre a inserção do abrigo e a posição da drenagem em relação àquele. Sendo a

---

<sup>6</sup> Ver Anexo: Estampas 11, 12 e 13.

<sup>7</sup> Ver Anexo: Estampas 14, 15 e 16.

proximidade de recursos de água um dos elementos fundamentais para escolha de um lugar com arte rupestre.

Os abrigos encontram-se próximos de recursos de água.

A comprovar esta forte relação entre sítios com arte rupestre (pintura e/ou gravura), rios e seus afluentes, estão os conjuntos rupestres de Vila Nova de Foz Côa (onde se destacam em 18 km do Côa); Siega Verde (Ciudad Rodrigo); abrigo Rupestre da Fraga do Gato (Freixo de Espada- à- Cinta); abrigo da Fraga d'Aia (S. João da Pesqueira); Pedra do Poço da Moura (Alfândega da Fé); pedras gravadas de Vale de Juncal (Mirandela); Fraga de Rebolhão (M. do Douro); abrigo Fragas da Lapa (M. do Douro); abrigo Vale de Espinheiros (M. do Douro); abrigos das Aguçadeiras (M. do Douro); abrigos da ribeira de Vale de Palheiros (M. do Douro); Fragas do Prado da Rodela (M. do Douro); Fraga das Cruzes (M. do Douro); gravuras do Vale do Tejo e do Vale do Guadiana.

Os cursos de água funcionaram como elementos atractivos para a caça, para o gado e ainda para a pesca. Para além das motivações ligadas à subsistência, o rio como ecossistema rico e diversificado, também a água foi importante na formulação e construção cosmológica (Sanches, 2003: 92). Ela foi considerada elemento vital para todas as culturas, onde não só constituiu objecto de veneração ( Piterman e Greco, 2005:152).

A água compõe o imaginário dos povos e também é um elemento fundamental na formação e organização das sociedades desde a Pré-História. Os valores simbólicos desta, *“estão presentes em todas as culturas desde as mais antigas tradições e formam combinações imaginárias. Considerada fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência”* (Chevalier; Gheerbrant, 1997:41-46; Piterman e Greco, 2005:153).

Para Mircea Eliade, todas as religiões atribuem um valor sagrado às águas. Para este autor as *“ águas são como fonte de matriz de toda a existência, tudo nasce e tudo volta à água, sempre num acto de regeneração. A água tem um forte contexto purificador e regenerativo”* (Eliade,1993:158-171). Considerada *“(…) mediadora entre Céu e Terra, símbolo das emoções e da alma, é vista como o elemento feminino por excelência”* (Garcia, 2007:18).

Os rios são considerados extensões das divindades, *“ o seu simbolismo e a fluência das suas águas seriam, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o*

*movimento das formas, fertilidade, morte e renovação (...) a travessia das águas é visto como um obstáculo que separa dois domínios, dois estados: o mundo fenomenal e o estado incondicionado, o mundo dos sentidos e o estado de não-vinculação” (Piterman e Greco, 2005:153).*

É possível que, para o Homem Pré-histórico, quase tudo o que os rodeava teria carácter simbólico, desde os montes, vales, rios, etc..., constituindo sociedades tipicamente animistas que sustentavam a crença de que todas as coisas com vida possuem alma ou espírito (Adock, 2001:8).

A escolha dos abrigos, em sítios quase inacessíveis, isolados, afastados do quotidiano, apresentariam características que os faziam singulares e, por isso, requisitados para actividades de carácter sócio-religioso.

O acesso ou a frequência àqueles locais poderia ser socialmente restringida, apenas autorizada e reservada a certos membros da comunidade, xamãs ou outros oficiantes (Sanches, 2003: 96).

Os xamãs teriam papel integrante nas suas culturas, desempenhando funções diversas, mas específicas. Como actuar como intermediários entre o mundo terreno e o espiritual, dos antepassados e dos espíritos da Terra. Os seres humanos sentiam-se extremamente dependentes da Natureza e dos seres que aprovavam, pelo que comunicar com eles era visto como forma de prever problemas ou de para eles encontrar solução (Adcock,2001: 8,9).

## CAPÍTULO VII- ARTE RUPESTRE E CULTURA MATERIAL

A arte rupestre é uma arte universal, constituindo a mais importante fonte de informação sobre as origens intelectuais e artísticas da Humanidade (Oliveira, 2009:296).

Portugal, a nível Europeu será um dos países que possui maior quantidade de testemunhos pré e proto-históricos, assim como um dos mais ricos em produções artísticas, que vão desde o Paleolítico Superior aos inícios da Romanização, presentes em “(...) pinturas, gravuras, com diferentes técnicas, ou relevos, e tendo como suportes, consoante as épocas, as superfícies de rochas ao ar livre, as paredes de grutas e abrigos, mas também, monumentos megalíticos (dólmenes e menires)” (Gomes, 2002:139).

Trás-os-Montes e Alto Douro é a região portuguesa que possui um maior número de abrigos, e/ou palas de xisto quartzítico e em menor número de granito, com pintura esquemática (Sanches, 1992: 220).

Apesar da variedade de abrigos e de rochas de ar livre desta região com motivos gravados, é ainda de destacar o facto de os motivos característicos dos abrigos com pintura, serem os que se encontram com mais frequência gravados em rochas de ar livre e mesmo em monumentos megalíticos (Sanches, 1992:223).

No que se relaciona com os “santuários” de arte rupestre, observa-se uma grande continuidade da chamada “arte esquemática” em todo o território português, particularmente no interior. Segundo Susana Oliveira Jorge, a posição e localização daquela teria como intuito “(...) ostentar a representação de símbolos conectados com elites emergentes em áreas de grande tensão social. O universo simbólico da arte galaico-portuguesa teria, a função estruturante de promover e sustentar o prestígio, em ascensão, de novos chefes locais” (Jorge,1999: 91,92).

O esquematismo “ originou códigos complexos, tendo em vista o seu reconhecimento e significado, aspectos na conceptualização do mundo dos antepassados, de divindades ou seres sobrenaturais” (Gomes (2010: 189).

A produção de arte ajuda a caracterizar o Homem Moderno e a demarcar a nossa espécie dos restantes seres vivos (Gomes, 2002: 178).

Sendo a arte, expressão do pensamento simbólico, provavelmente seguiu a evolução do Homem, “ (...) *houve necessidade de uma evolução da mente, para que se expressasse, criasse símbolos representativos do seu pensamento*” (Dolzan, 2006: 35, 36).

A interpretação destes universos simbólicos pode ajudar a compreender o comportamento humano das comunidades do passado, já que se tratam de representações mentais do indivíduo e dos seus grupos (Netto, 2001: 68).

A arte rupestre será uma expressão cultural, a maneira de retratar o mundo e as suas relações, no tempo e no espaço. É uma forma de materialização dos padrões culturais dos seus produtores. Seria uma forma de representação, de carácter místico, religioso, educativo, ou de outra qualquer natureza, sendo, portanto composta por signos que se inter relacionariam (Netto, 2001:18,19).

Produzida pelos indivíduos que compõem um determinado grupo cultural, ela é concebida a partir de um conjunto de signos, socialmente compartilhadas. Esse compartilhar, necessariamente não implica uma manipulação desses signos por todos os membros do grupo, mas sim no seu entendimento. A arte rupestre passa a ser vista como um registo informacional, inserida num determinado contexto sócio-cultural, possível de fornecer informações sobre a situação e função desses signos, como suporte para a sua interpretação (Netto, 2001: 15-20).

Segundo Bradley e Fábregas (1999:103), “*El arte rupestre puede considerarse como una forma especializada de cultura material, con un potencial de variación equivalente al de los monumentos y otras clases de artefactos*”.

Formas	Pala Pinta	Cachão da Rapa	Penas Róias	Total	%
<b>Idoliformes</b>	-	6	-	6	6,68%
Duas linhas paralelas	2	-	-	2	2,22%
Três linhas paralelas	1	2	-	3	3,33%
Quatro linhas paralelas	1		-	1	1,11%
Cinco linhas paralelas	-	1	-	1	1,11%
Nove linhas paralelas	-	1	-	1	1,11%
Linhas de pontos	1	-	-	1	1,11%
Linha em V		-	1	1	1,11%
Conjunto de pontos	1	-	-	1	1,11%
Oval com diâmetros cruzados	-	3	-	3	3,33%
Oval com diâmetro longitudinal	-	1	-	1	1,11%
Oval com diâmetro transversal	-	2	-	2	2,22%
Oval reticulado	-	1	-	1	1,11%
Oval com apêndice	-	1	-	1	1,11%
Semi-oval	-	2	-	2	2,22%
Oval segmentado	-	1	-	1	1,11%
Linha recta	-	5	-	5	5,57%
Linha curva	-	1	1	2	2,22%
Linha ondulada	-	2	-	2	2,22%
Rectângulo	-	2	-	2	2,22%
Rectângulo com diâmetro cruzado	-	1	-	1	1,11%
Quadrado com diâmetro cruzado	-	2	-	2	2,22%
Quadrado segmentado	-	8	1	9	10,00%
Quadrado reticulado	-	3	-	3	3,33%
Reticulado	-	3	-	3	3,33%
Conjunto de reticulados	-	4	-	4	4,44%
Conjunto de linhas	-	5	-	5	5,57%
Antropomorfo esquemático	4	2	6	12	13,34%
<b>Soliformes</b>	8	-	-	8	8,89%
Cadeia	1	-	-	1	1,11%
Serpentiforme	-	-	1	1	1,11%
Mancha	-	-	1	1	1,11%
Meandro	-	-	1	1	1,11%
<b>Total:</b>	19	59	12	90	100%
<b>%</b>	21%	66%	13%	100%	

**Tabela 5:** Pinturas dos abrigos em estudo.



As representações artísticas presentes nos abrigos estudados são caracterizadas por constituírem pinturas, de cor vermelha, alaranjada e azul escura. Os motivos representados em maior número nos abrigos são os antropomorfos esquemáticos, seguindo-se os idoliformes, os soliformes e os quadrados segmentados, entre outros motivos.

Em relação à iconografia, os três abrigos mostram antropomorfos. Para além destas ocorrências, na Pala Pinta e no Cachão da Rapa existem linhas paralelas. Também a parte superior do antropomorfo da Pala Pinta apresenta alguma afinidade com as ovas contendo diâmetro longitudinal do Cachão da Rapa, podendo indicar tratar-se de representação antropomórfica.

No abrigo Pala Pinta estão presentes antropomorfos ramiformes, um deles com oito pares de membros e outro com três pares e cabeça assinalada. Existem exemplares no Chão da Velha Montante (CHVM. 6.20) e no Cachão do Algarve (CA. 72.1). Poderão “ (...) *estar relacionados com a força mística das árvores sagradas e a sua ligação a diferentes divindades e cosmogonias é constante universal, unida a conceito de renovação, ascensão e potência, etc...*” (Gomes, 2010:211). Os antropomorfos ramiformes, os Homens-divindades podem estar relacionados com antigos mitos. Também está presente antropomorfo em forma de V invertido e antropomorfo em *phi* ( $\phi$ ), existem exemplos daquele em abrigos pintados da zona de Cádiz e da Serra Morena, ou do curso médio do Guadiana. Mostra contorno circular, atravessado central e longitudinal por linha vertical. Segundo F. Jordá Cerdá (1983:10,11) “*constitui exponente de divindade fálica*” (Gomes, 2010: 210). Sendo que a imagem que representa a letra suplementar no alfabeto grego *phi*( $\phi$ ) “ *pode estar conotada com a forma do órgão gerador feminino (μήτρα.= útero) e não seria casualidade que o grande*



**Figura 49:** 1- antropomorfos da Pala Pinta; 2- antropomorfos do Cachão da Rapa; 3- antropomorfos de Penas Róias.



**Figura 50:** Motivos semelhantes nos abrigos, 1-antropomorfo esquemático (Penas Róias); 2- Idoliforme ( Cachão da Rapa; 3-parte superior de antropomorfo (Pala Pinta); 4 e 5- oval com diâmetros transversal e longitudinal (Cachão da Rapa).

*Santuário de Delfos se localiza-se junto a gruta sagrada* (Eliade, 1974: 21, citado por Gomes, 2010: 210). *Será que o antropomorfo em forma de Phi( $\phi$ ) representava originalmente entidade feminina?* (Gomes, 2010: 210).

No Cachão da Rapa estão presentes dois antropomorfos, um em forma de barra. Corpo figurado através de linha vertical e os membros muito curtos, horizontalmente, na extremidade daquele e um outro antropomorfo com cabeça circular. Trata-se de antropomorfo esquemático muito simples, reduzido a linha, observando-se pequeno estrangulamento na zona distal, demarcando a cabeça. Também estão presentes antropomorfos com forma de círculo ou de oval, contendo septo central no Vale do Tejo (Gomes, 2010: 205-208).

Em Pena Róias foram figurados antropomorfos em forma de andorinha, segmento recto ou elemento em forma de V invertido, figurando corpo e braços, em geral arqueados ou ovais. Encontram-se exemplos em rochas de Fratel (F.129.70), Gardete (G.11.160) e Lomba da Barca (B.37.6). Esta forma é bem conhecida nas pinturas dos abrigos do Sul da Península Ibérica, embora predominando na região correspondente à margem esquerda do Guadiana, subindo até zonas bem setentrionais, como ilustram as pinturas de Las Batuecas. Antropomorfo em forma de barra e ou alfinete, também está presente nas pinturas de Penas Róias (Gomes, 2010: 205).

Tanto em Penas Róias como no Cachão da Rapa, surgem conjuntos de linhas com afinidades em apêndice na parte superior de idoliforme do Cachão da Rapa (CR/P.1.37) e antropomorfo esquemático de Penas Róias (PR/P.1.4), que mostra cinco penachos. Aqueles também podem figurar pentes, conforme sugere a presença de tal utensílio sobre idoliforme no esteio de cabeceira do dólmen de Antelas (Oliveira de Frades) (Gomes, 2010: 207).

Entre a Pala Pinta e Penas Róias, além dos antropomorfos, não existem outras pinturas semelhantes.

### **VII.3 Interpretação**

Vários tipos de significados podem ser construídos a partir do contexto no qual os artefactos se encontram inseridos.

Segundo Hodder (1994:18) “ *Em última instância a cultura material pode ser considerada como um produto de adaptação ao meio, tanto físico como social*”.

Os utensílios de pedra polida foram produzidos e utilizados, entre os inícios do Neolítico (ainda dentro do 6º milénio a.C.), e o final da Idade do Bronze. O seu aparecimento ocorreu num período de profundas transformações da vida das comunidades produtoras. Estas mudanças aparecem ligadas a novas formas de relacionamento do Homem com o território, levando ao surgimento de novas actividades e estas estimulam a produção de utensilagens adaptadas às novas necessidades (Valera, 2006: 341).

Os artefactos de pedra polida aparecem ligados a diversas funções, mas principalmente relacionados com o trabalho de madeira e da terra. Tendem a ser interpretados como uma ferramenta de intervenção no meio natural, destinados ao tratamento da madeira, poderiam ligar-se ao desbaste ou abate de árvores, para necessidades quotidianas pontuais, para abertura de clareiras ou ainda arroteamentos. Seriam também utilizados para abertura de sulcos na terra para colocação de sementes (Cardoso, 2009: 85; Rocha *et alii.*, 2008:20; Sanches, 1992:144).

Estes utensílios vão ganhar importância simbólica para as comunidades pré-históricas neolíticas, atestado no papel que lhe foi possivelmente atribuído em muitos rituais funerários (Valera, 2006: 341).

A partir dos meados do 4º milénio, os artefactos de pedra polida começam a ocorrer em grandes quantidades em alguns contextos megalíticos. No 3º milénio, são sobretudo vulgares em contextos de natureza residencial, atingindo o seu apogeu na segunda metade do 4º milénio e a primeira metade do 3º milénio a.C. (Valera, 2006: 342).

Continuam aparecer em contextos da Idade do Bronze, sendo cada vez menos representativos, entre as utensilagens das comunidades dos finais do 3º e do 2º milénio a.C. (Valera, 2006: 342).

Este tipo de artefactos além da sua utilidade/uso no quotidiano das populações, possuía forte simbolismo, “(...) *poderia ser um símbolo de poder, de masculinidade. Poderia ser ainda, cumulativamente, uma «peça de família», um objecto herdado de pai para filho*” (Heitlinger<sup>8</sup>).

---

<sup>8</sup> HEITLINGER, P. in <http://algarvivo.com/arqueo/neolitico/pedra-ferramentas-1.html>, acedido em 17 de Julho de 2012.

Contudo, permite-nos levantar várias questões, porque seriam os artefactos abandonados no terreno agrícola, estando ainda aptos para o trabalho? Qual seria a sua função naquele terreno? O facto da maioria dos artefactos estarem bons para serem utilizados, terem marcas de utilização e uma vez que não existem apenas os que estão em estudo, pois segundo informações populares há mais para além dos encontrados naquele local, o que leva à existência de número elevado. Tal permite-nos concluir que a sua presença naquele local não é mero acaso, podendo constituir-se oferendas. Poderiam também ser oferta de agricultores às divindades por forma pedir protecção nas sementeiras e agradecer as colheitas, uma vez que os referidos artefactos eram a principal ferramenta na produção agrícola e em outras actividades no seu dia-a-dia.

As cerâmicas são os materiais arqueológicos melhor representados. Caracterizadas por grande variedade formal e decorativa, surgem, a partir dos inícios do Neolítico, vasos, taças, e copos, integráveis em sucessivos períodos.

Importa destacar que abrigos seriam considerados lugares sagrados, nos quais seriam depositados e/ou consumidos alimentos. As formas apresentadas nos conjuntos cerâmicos em estudo são um factor a ter em consideração, sendo um indicador da sua funcionalidade. O seu uso estaria ligado à necessidade de preparação de alimentos, de os guardar de forma a permitir a sua conservação, tendo em vista obter bebidas fermentadas como sucede com o vinho. As taças e os vasos seriam usados para servir refeições, assim como levar os alimentos ao fogo para serem confeccionados, para além de outras funções (Mota, 1998: 4).

Os recipientes de menores dimensões, como as taças, podem ter servido para libações, já os recipientes de grandes dimensões poderiam conter cereais, oferecidos às divindades, no campo das práticas religiosas relacionadas com a produção agrícola. No que se refere à esfera religiosa, poder-se-á colocar a hipótese de tais recipientes terem como finalidade guardar alimentos consumidos em refeições rituais (Gomes e Calado, 2007:155).

A utilização do copo que surge no Cachão da Rapa, deve relacionar-se com a ingestão de líquidos, certamente de grande simbolismo (Ferreira, 2003: 223). Ele pode estar relacionado com actividades mágico-religiosas, “*contendo leite, conotado com o culto da deusa-mãe, vinho, utilizado como psicotrópico, ou sangue de animais, para fins rituais (...)*” (Ferreira, 2003:223).

A análise cerâmica permite ainda realçar alguns aspectos relacionados com a sua utilização nos abrigos. O primeiro é a clara evidência de rituais com oferendas a divindades ali cultuadas.

Convém ainda recordar que a cerâmica do abrigo Penas Róias, tal como os artefactos de pedra polida, foi encontrada no terreno abaixo do abrigo. O que nos leva a concluir, que a mesma poderia ser lançada do abrigo para o terreno, no contexto de rituais.

Uma vez que, tanto a cerâmica do abrigo Cachão da Rapa e de Penas Róias se encontra fragmentada, será que estaremos perante o mesmo gesto ritual? Será que consumiam os alimentos e o gesto final seria destruir a cerâmica por forma a evitar a sua reutilização? A destruição daquela permitia que não fosse profanada, reutilizada em actividades profanas.

Em suma, a cultura material encontrada nos abrigos, pelas características acima descritas, indica que seria utilizada em rituais e teria como finalidade a oferenda. Além das pinturas rupestres, estes testemunhos vêm reforçar a ideia de estarmos perante verdadeiros santuários.

## CONCLUSÕES

Os abrigos estudados partilham entre si diversas características relacionadas com a sua localização. Surgem em encostas, perto de linhas de água, recebem a maior quantidade de Sol directo durante o dia, são detentores de boa visibilidade envolvente, encontram-se próximos de cursos de água, em locais ocultos e de difícil acessibilidade. Estes aspectos permitem-nos concluir que a sua localização poderia estar relacionada com locais de observação e com práticas religiosas, dado que na *“Idade do Bronze os espaços sagrados não se situavam só em grutas, mas preferencialmente em locais altos”* (Gomes, 2007:155). Trata-se de geografias que permitiram construções culturais, acreditando-se *“ (...) serem habitadas por antepassados, espíritos e divindades, tornando-se verdadeiras referências físicas e psicológicas”* (Gomes, 2010, 113).

Aqueles deverão estar ligados a práticas que integram a realização das pinturas, *“ (...) actividades secretas, correspondendo a locais onde se desenvolvem acções de exclusão, o ensino de práticas ocultas, diversos rituais de passagem, etc... geradores de conhecimento mas também de submissão”* (Gomes, 2010: 121).

Em África, as cerimónias iniciáticas pela carga simbólica e pelos seus complexos interditos, foram sempre realizadas longe das aldeias. O mesmo ocorria na Austrália e na Melanésia, onde grande parte da actividade religiosa se realizava na solidão, embora muitas cerimónias se desenvolvessem em público (Gomes, 2010: 121).

Acreditava-se que tais sítios possuíam poder místico e qualidades mágico-religiosas, eram *“locais adequados à reflexão, à contemplação metafísica e ao encontro com o transcendente”* (Mauss, 2000: 54, citado por Gomes, 2010: 117).

As pinturas são elementos de grande significado ritual e de poder. Em comunidades como os San, da África Austral, onde o Universo ainda é interpretado como enorme ser vivo, os lugares que contêm manifestações rupestres e onde os xamãs entravam em contacto com o mundo sobrenatural, eram considerados *“Lugares de Poder”* (Gomes, 2010: 118,119).

Tais locais seriam frequentados por indivíduos que teriam a *“ (...) capacidade de “visitar” o mundo dos espíritos ou dos antepassados, gozava de estatuto social*

*diferenciado e superior, podendo transformar as relações de poder e provocar alterações sociais e políticas.* (Gomes, 2010: 119).

No que se refere ao espaço em que aos abrigos se inserem, poder-se-á dizer que em frente à Pala Pinta é possível a permanência de razoável número de pessoas, permitindo a realização de rituais colectivos. No abrigo Cachão da Rapa apenas pode estar uma ou duas pessoas de cada vez, sendo o espaço muito pequeno, não permitindo movimentos bruscos, o que poderá levar alguém a cair no rio. Este abrigo, pelas características que apresenta, poderia ser um lugar com uma ou mais posições de observação, bem como local de realização de rituais praticados isoladamente, enquanto que no abrigo Penas Róias o número de pessoas seriam em maior número, poderia estar também ligado a posições de observação e a realização de rituais.

Na Califórnia “ *os abrigos de xamãs, onde estes procediam às suas práticas religiosas e, quase sempre, à produção de imagens pintadas e/ou gravadas, eram propriedade de um só indivíduo, podendo transmitir-se de geração para geração, enquanto no Grand Bassin, o mesmo local pode ser utilizado por diversos, e por vezes, numerosos xamãs* ” (Lewis-Williams, 2003, citado por Gomes, 2010: 117).

A diversidade de pinturas nos abrigos poderá justificar-se pela presença de indivíduos de diferentes grupos, distanciados entre si por espaços de tempo indeterminados, com formas diferentes de se exprimirem. Com o passar do tempo, a representação figurativa evolui e leva ao aparecimento de novas formas de expressão de culto, por vezes assumindo representações diferentes, mas com simbolismo idêntico (Nunes e Pereira, 2004: 20- 22).

A maneira como o ser humano se foi relacionando com o Ambiente, levou a desenvolver mitos, crenças e rituais. A resposta para qualquer problema estava na religião, levando ao surgimento de cultos e práticas associadas àquela (cultos agrários, adorações à Deusa-Mãe, deusa da fertilidade, aos deuses combatentes e ameaçadores ou *smiting gods*, etc... Com a crença e os actos de culto surge a necessidade de ídolos, amuletos, símbolos sagrados, ofertas votivas, entre outros. Os objectos artísticos eram, o meio de comunicação com os deuses (Hauser, 1986: 42).

Os fragmentos de cerâmicas, encontrados nos abrigos, corresponderão a reflexos de gestos rituais. Na Austrália, o local onde são depositados os objectos sagrados, ou

*churingas*, permanecem em locais escondidos, assim como os abrigos em estudo (Caillois, 1988:21).

Conforme atrás referimos, o facto de o material cerâmico se encontrar muito fragmentado, poderá estar relacionado com a “*necessidade de se confirmar a impossibilidade da sua reutilização, ou seja, da sua profanação, depois do uso sagrado*” (Gomes e Calado, 2001: 154).

Acreditamos que as pinturas dos abrigos são fragmentos de uma velha história. Seriam símbolos iniciáticos, mágicos ou símbolos religiosos? Independentemente da resposta, a sua presença indica a importância que teve para o espírito humano.



## Bibliografia

- ADCOCK, W. (2001) - *Xamanismo: Rituais para as viagens do espírito e a criação de espaços sagrados*. Lisboa: Editorial Estampa.
- AGROCONSULTORES; COBA (1991) - *Carta dos Solos, Carta do Uso Actual da Terra e Carta de Aptidão da Terra do Nordeste de Portugal*. Memórias e Anexos policopiados. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- ALMEIDA, C. B. (1992/93) - O Passado Arqueológico de Carlão – Alijó, *Portugália*, Nova Série. Porto. Vols. XIII – XIV, pp. 229-232.
- ALMEIDA, C. B. (1993) - O Aro Arqueológico de Carlão - Alijó. O cultivo da vinha na época romana. *Estudos Transmontanos*. Vila Real, 5, pp. 217-287.
- ALMEIDA, C. e MOURINHO, A. (1981) - Pinturas Esquemáticas de Penas Róias. Terra de Miranda do Douro. *Arqueologia*. Porto, nº 3, pp. 43-48.
- ALVES, F. (1975) - *Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança. Arqueologia, Etnografia e Arte*. Tomo IX. 2ª Edição. Bragança: Escola Tipográfica, pp. 666-675.
- ALLEAU, R. (2001) - *A Ciência dos Símbolos*. Lisboa: Edições 70.
- ALLEAU, R. (2001) - *As Origens Experimentais do Processo Analógico; O Universo do Símbolo; A Adivinhação e a Interpretação Simbólica do Cosmos*. Lisboa: Edições 70.
- BAPTISTA, A. M. (1983-84) - Arte Rupestre de Norte de Portugal. Uma perspectiva. *Portugália*. Porto, Vols IV-V, pp. 71-84.
- BAPTISTA, A. M. (1986) - Arte Rupestre pós glaciária. Esquematismo e abstracção. *História de Arte em Portugal, I. Do Paleolítico à Arte Visigótica*, pp. 31-55. Lisboa: Ed. Publicações Alfa.
- BORAU, J.L.V. (2008) - *O Fenómeno Religioso (Símbolos, Mitos, Ritos das Religiões)*. Lisboa: Paulus Editora.

- BRADLEY, R. (2000) - *Archaeology of Material Places*. London: Routledge.
- BRADLEY, R. e FABREGAS V. R. (1999) - La Ley de la Frontera: Grupos rupestres Galaico y Esquemático y Prehistoria del Noroeste de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*, 56, nº 1, pp. 103-114.
- BRAGA, T. (1904) - *Alma Portuguesa: Viriatho, narrativa epo-histórica*. Porto: Lello & Irmão.
- BREUIL, H. (1940) - Quelques Observations sur les Peintures Schématiques de la Péninsule Ibérique. In *Actas do I Congresso do Mundo Português*. Porto, Vol.I, pp. 11.
- CABRÉ, A. J. e HERNANDEZ, P. (1914) - Avance al estudio de las Pinturas prehistóricas del extremo sur de España, Laguna de la Jand. *Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Pre-históricas*. Madrid, nº3, pp. 23- 25.
- CABRÉ, A. J. (1916) - *Arte rupestre Gallego y Português (Eira d'os Mouros y Cachão da Rapa)*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, nº 2, pp. 17-23.
- CAILLOIS, R. (1988) – *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70.
- CARDOSO, L. (1747) - *Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica de todas as cidades, vilas*. Lisboa, pp.469.
- CARDOSO, J. L., CARVALHO, A. F. e NORTON, J. (1998) - A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológica-cultural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. IV Série, pp.16.
- CARDOSO, J.L. (2005) - Restos faunísticos do Crasto de Palheiros (Murça). Contributo para o conhecimento da alimentação no Calcolítico e na Idade do Ferro no Noroeste português. *Portvgalia*, XXVI série. Porto, pp. 65-75.
- CARDOSO, J. L. (2007) - *Pré-história de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CARDOSO, J.L & BETTENCOURT, A.M.S. (2008) - Caça e Pastorícia no Calcolítico do NW de Portugal: o caso da estação arqueológica de Bitarados. *Estudos do Quaternário*. Porto, 5, pp. 79-86.
- CARVALHO, F. (2003) – *A Pré-História Sergipana*. Universidade Federal de Sergipe.

- CASTRO, E.R.C. (2008) - *Carrazeda de Ansiães terra com marcas do tempo*. 1ª Edição, Centro interpretativo do Castelo de Ansiães. Município de Carrazeda de Ansiães.
- CHEVELIER, J. e GHEERBRANT, A. (1997) - *Dicionário de Símbolos*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- CORREIA, V. (1916) - Pinturas Rupestres descobertas em Portugal no século XVIII. *Terra Portuguesa*, nº 4, Vol. I, pp.116-119.
- COSTA, J. C. P. (2002) - *Ser de Carlão: o espaço de pertença e as representações da identidade como fundamentos da tomada de consciência cultural*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho.
- DINIZ, M. e VIEIRA, T. (2007) - Instrumentos de Pedra Polida e Afeiçãoada do Povoado do Neolítico antigo da Valada do Mato (Évora): estratégias de produção e modelos de uso. *Vipasca, Arqueologia e História*, nº 2. II série, pp. 81-94.
- DOLZAN, N. (2006) - *Tecnologia e Arte: Prerrogativas da Evolução Humana*. Dissertação se Mestrado apresentada à Universidade Católica de Goiás.
- DURAND, G. (1989) - *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução à Arquetipologia Geral*. Lisboa: Presença.
- ELIADE, M. (1993) - *Tratados Histórico das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
- ESPARZA ARROYO, A. (1977) -. El Castro Zamorano del Pedroso y sus insculturas. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 43, pp.27-39.
- FERREIRA, C. (1986) - *As bases para a interpretação das chamadas pinturas rupestres do Cachão da Rapa na margem direita do rio Douro em Trás-os-Montes – Portugal*. Mirandela.
- FERREIRA, S.D. (2003) - Os Copos no Povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº 2, Vol. VI, pp. 181-228.

- FAGUNDES, M. (2009) - O Conceito de Paisagem em Arqueologia – os Lugares Persistentes. *HOLOS Environmente*, Brasil, nº 2, Vol.IX, pp. 306-308. Acedido em 06 de Janeiro de 2010, em <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/holos/index>
- FAGUNDES, M. e PIUZANA, D. (2010) - Estudo Teórico sobre o uso Conceito de Paisagem em pesquisas arqueológicas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Colombi, nº1, Vol. VIII, pp. 205-220. Acedido em 06 de Janeiro de 2010, em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=77315079010>
- FIGUEIRAL, I. e SANCHES, M. J. (1998-1999) - A Contribuição da Antracologia no Estudo dos Recursos Florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro Durante a Pré-História Recente. *Portugália*, Nova Série, XIX-XX, pp. 71-95.
- FONTANA, D.; FIRMIN, H.; SANTOS, I. (2004) - *A linguagem dos símbolos: um guia ilustrado dos símbolos e dos seus significados*. Lisboa: Estampa.
- FRANKOWSKI, E. (1918) - Hórreos y Palafitas de la Peninsula Ibérica. *Comisión de de Investigaciones Paleontologicas y Pré-históricas*. Madrid, pp. 122-124.
- GANDRA, M. (s/d). *Abrigos com Arte Rupestre em Portugal*. Subsídio para o seu roteiro.
- GABRIEL, S. M. (2008) - Fauna mamalógica do sítio do Fariseu. In SANTOS, A. T.; SAMPAIO, J. D., eds. - *Pré-História: gestos intemporais* (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Actas das sessões. Porto: ACDR de Freixo de Numão, Vol. 1, pp. 31-37.
- GABRIEL S. & BEAREZ P. (2009) - Caçadores-pescadores do Vale do Côa: os restos de fauna do sítio do Fariseu. In T. Aubry (ed.), 200 séculos da história do Vale do Côa: incurções na vida quotidiana dos caçadores artistas do Paleolítico. *Trabalhos de Arqueologia*, nº52, pp. 331-339.
- GARCIA, L. (2007). Água em três movimentos: sobre mitos, imaginário e o papel da mulher no manejo das águas. *Gaia Scientia*, 1(1), pp.17-23
- GEERTZ, C. (1978) - *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

- GOMES, M. V. (1990) - O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal: *smiting gods* ou deuses ameaçadores. *Revista ICALP*, Vol. XXII e XXIII, Dezembro de 1990 / Março de 1991, pp. 125-177.
- GOMES, M. V. (2001) - Arte rupestre do Vale do Tejo (Portugal). Antropomorfos (estilos, comportamentos, cronologias e interpretações). *Semiótica del Arte Prehistórico*. Valencia, pp. 53-88
- GOMES, M. V. (2002) - Arte rupestre em Portugal - perspectivas sobre o último século. *Arqueologia e História - Arqueologia 2000. Balanço de um século de investigação em arqueológica em Portugal*. Lisboa, Vol. LIV, pp. 139-194.
- GOMES, M.V. (2010) - *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um Ciclo Artístico-Cultural Pré e Proto-Histórico*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (3 vols).
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1976-1977) - As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel, Beja)- Estudo Comparado. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, Vol. II-II, pp. 328-303.
- GOMES, M.V. e CALADO, D. (2007) - Conjunto de cerâmicas da gruta da Ladroeira Grande (Moncarapacho, Olhão, Algarve) e os santuários subterrâneos, da Idade do Bronze Final, no Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº1, Vol. X, pp. 141-158.
- GOMES, S. (2006-2007) - *A palinologia da Lagoa do Saloio (Nazaré, Portugal) e a evolução holocénica da região da Mata Nacional do Valado*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Politécnico de Tomar – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- HALL, S. (1997) - *Representation – Cultural Representations and Signifying Practices*. London: SAGE.
- HAUSER, A. (1986) - *História Social da Arte e da Cultura*. Lisboa: Vega/Estante editora, Vol.I.
- JORGE, S. de O. (1986) - *Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves -Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (3 vols.).

- JORGE, S.O. (1999) - *Domesticar a Terra. As primeiras comunidades agrárias em território Português*. Lisboa: Gradiva.
- JORGE, S. O. (2000) - Introdução: breve evolução da Pré-história Recente do Norte de Portugal (do VI ao II milénio a.C.). In *Actas do 3 Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999)*. Porto: ADECAP, 4, pp. 7-12.
- LEMOES, S.F. e MARCOS, D. (1988) - *Sala Museu Mogadouro*. Edição da Câmara Municipal de Mogadouro.
- LEMOES, S.F. (1995) - O povoamento Romano e Medieval do Nordeste Transmontano. Aspecto de continuidade e mudança: perspectivas de investigação, in *Actas do Congresso Histórico, 150 anos do Nascimento de Alberto Sampaio*.
- MARCOS, D. dos Santos. (1993) - Catálogo dos Monumentos e Sítios arqueológicos do Planalto Mirandês. *Revista Brigantia*, nº3/4, Vol. XIII.
- MATALOTO, R. (2007) - Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo Alto-Alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº1, Vol. X, pp. 123-140.
- MATEUS, J. e MORENO-GARCÍA, M. (eds). (2003) - *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura. Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa, nº 29.
- MARINGER, J., (1956) - *Os Deuses do Homem Pré-histórico*. Coleção História das Religiões. Lisboa: Arcádia.
- MENDES, G.L da S. (2007) - *Caçadores coletores na Serra de Paranapiacaba durante a transição do Holoceno médio para o tardio (5920 a 1000 anos A.P)*. USP. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo.
- MESQUITA, H. CORREIA, V. (1922). Arte Rupestre em Portugal: a Pala Pinta. *Terra Portuguesa*, Vol. IV, pp. 145-147.
- MONTEIRO, A. (2005) - Condições naturais - Região Demarcada do Douro, *Cap. de História do Douro e do Vinho do Porto*, Gehvid (coord.) Porto: Afrontamento, pp.13-23.
- MOREIRA, C.D. (1994) - *Planeamento e Estratégias de Investigação Social*. Lisboa: ISCSP.

- MOTA, M. (1998) - *A problemática do armazenamento na proto-história cerâmica dolear*. Dissertação de mestrado de Arqueologia apresentada à Universidade do Porto.
- NETTO, C. (2001) - *A Arte Rupestre no Brasil: Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como pré-requisito para obtenção do grau de Doutor em Ciência da Informação.
- NUNES, J., PEREIRA, A. e BARROS, A. (1959) - *Pedra Letreira*. Góis: Câmara Municipal de Góis.
- NUNES, J. e PEREIRA, A. (2004). - *A Pedra Riscada*. 2ª Edição. *Revista dos Cursos de Letras*, Vol. I – 1974 (Sá da Bandeira).
- OLIVEIRA, J. C. L. (2007) - *Ecologia e Arqueologia da Paisagem: um estudo dos Sítios Pré-Coloniais da Zona da Mata Mineira*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ecologia Aplicada a Conservação e Manejo de Recursos Naturais.
- OLIVEIRA, L. D. (2009) - *Arte Rupestre como Signo: uma abordagem semiótica do fenômeno infocomunicacional*. *Global Rock Art*. São Raimundo Nonato.
- OOSTERBEEK, L. (2009) - *Arqueologia da Paisagem no Sul do Brasil (Contributos)*. Erechim, RS : Habilis.
- PEREIRA, A.L. e LOPES, I.A.J. (2008) - *Castelo de Ansiães 5000 anos de história*. 1ª edição, Centro interpretativo de Castelo de Ansiães. Município de Carrazeda de Ansiães.
- PERFEITO da Silva, J. (2004) – *Arte Rupestre: conceito e marco teórico*. Acedido em 4 de Janeiro de 2011, em: <http://rupestreweb.tripod.com/conceito.html>
- PITERMAN, A. e GRECO, R. M. (2005) - *A Água seus caminhos e descaminhos entre os povos*. *Revista APS*, nº2, Vol. VIII, pp. 151-164.
- RIBEIRO, O. (1977) - *Introduções Geográficas à História de Portugal- Estudo Crítico*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

- RIBEIRO, O. (1991) - *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. 6ª Edição, Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- RIBEIRO, A. (1974) - *Contribution à l'étude tectonique de Trás-os-Montes Oriental*. Memória Serviços Geológicos de Portugal, 24.
- ROCHA, E., NETO, N. e LUCAS, J. (2008) - *Clã de Carenque, Uma Comunidade do Neolítico*. Amadora: ARQA.
- RODRIGUES, F. P. B. (1997) - *Memória Descritiva e Bibliográfica da Vila de Alijó - Parte Histórica - História a Cultura dos Povos Europeus*. Viseu: Escola Superior de Educação Jean Piaget.
- RODRIGUES, M.C.M. (1986b) - *Estudo ideológico-simbólico das placas de xisto gravadas - Alto Alentejo*. Castelo de Vide: Câmara Municipal. Vol. II.
- SANCHES, M. J. (1990) - Os abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos: Mirandela, no conjunto da arte rupestre desta região. Algumas reflexões, *Revista da Faculdade de Letras – História*. Porto, II série, Vol.VII, pp. 335-356.
- SANCHES, M. J. (1992) -Pré-História Recente do Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes). *Monografias arqueológicas*. Porto, nº3.
- SANCHES, M. J. (1994) - Megalitismo na Bacia de Mirandela. In *Actas do Seminário “Megalitismo no Centro de Portugal”*, (Mangualde, Nov. 1992), CEPBA, pp.294-284.
- SANCHES, M. J. (1996) - Ocupação Pré-Histórica do Nordeste de Portugal. Série *Monografias e Estudos, Fundação Rei Afonso Henriques*. Zamora.
- SANCHES, M. J. (1997) - Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Vols. I e II.
- SANCHES, M. J. (2003) - Escrever na Paisagem, sentido para “Artes Rupestres”. *Departamento de Ciências e Técnicas do Património*. Porto, pp.85-96.
- SANCHES, M. J. (2003) - Sobre a ocupação do Neolítico Inicial no Norte de Portugal. In V.S. Gonçalves (ed) *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.



- SANCHES, M. J. (2006) - A Arte - as Gravuras do Alto Douro, *Cap. I - 4 de História do Douro e do Vinho do Porto*, 1, (C. A. Brochado de Almeida, coord.) Porto: Afrontamento e Gehvid edit.
- SANCHES, M. J. (2006) - Sociedades em mudança. Dos Caçadores-Recolectores aos mais antigos Agricultores (Mesolítico e Neolítico inicial). *Cap. II de História do Douro e do Vinho do Porto*, 1, (C. A. Brochado de Almeida, coord.) Porto: Afrontamento e Gehvid edit,
- SANCHES, M. J. (2008) - *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto)*. Murça-Portugal: Município de Murça.
- SANCHES, M. J. Pinto, D. B., (2002) - O Arqueiro da Fraga da Puio (Picote-Miranda do Douro). Estudo de uma estação com Arte Rupestre no Parque Natural Douro Internacional. *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*. Porto. I Série Vol. I, pp. 51-72.
- SANTOS, M.F. dos, (1972) - *Pré-História de Portugal*. Cacém: Edições Verbo.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1934) - As pinturas Pré-Históricas do Cachão da Rapa. *Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia*. Porto. Vol. VI (3), pp.33-43.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1940) - Arte Rupestre. *In Actas do Congresso do Mundo Português*. Lisboa, Vol 1, pp. 336-33.
- SOUSA, O. (1989) - O abrigo de Arte Rupestre da Pala Pinta, *in Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 29, pp. 192-194.
- TABORDA, V. (1987) - *Alto Trás-os-Montes: Estudo Geográfico*. 2ªEdição. Lisboa: Livros Horizonte.
- TRIGGER, B.C. (1989) - *A history of Archaeology thought*. University Press. Cambridge. New York.
- TWOHIG, E.S. (1981) – *The Megalithic Art of Western Europe*. Oxford: Claredon Press.
- VALERA, A. (2000a ) - Em torno de alguns fundamentos e potencialidades da Arqueologia da Paisagem. *Era Arqueologia*. Lisboa, pp. 112-121.

- VALERA, J. C. (2006) - *Calcolítico e Transição para a Idade do Bronze na Bacia do Alto Mondego*. Estruturação e Dinâmica de uma Rede Local de Povoamento. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada. Vol. I.
- VALDEZ, J. (2010) - *A Gravura na Arte Esquemática do Noroeste Peninsular. O caso do Monte de Góis (Lanhelas, Caminha)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- VALENTE, M.J. (2004) - A Fauna Mamalógica do Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, nº 1, Vol. VII, pp. 221-225.
- VASCONCELLOS, J. L. de, (1895) - Museu Municipal em Villa Real (Trás-os-Montes). *O Archeologo Português*. Lisboa, Vol. I, pp. 37-48.
- VASCONCELLOS, J. L. de, (1897) - *Religiões da Lusitânia*. Lisboa, Vol. I, pp. 360-363.
- VERGANI, T. (2001) - *Apontamentos sobre o Sol e os seus Símbolos*. Faro: Centro de Ciência Viva do Algarve.
- VIANA, A. (1930) - As Pinturas Rupestres do Cachão da Rapa. *Notícias de Viana*, nº 149, 150, 153 e 154.
- VILAÇA, R. M. (1994) - *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Tese de doutoramento, apresentada à Universidade de Coimbra. Coimbra.
- VILAR, V. (1876) - *O Douro Ilustrado: Álbum do Rio Douro e País Vinhateiro*. Porto.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1:</b> Localização dos três abrigos Trás-os Montes e Alto Douro.....	8
<b>Figura 2:</b> Zonas fitogeográficas predominantes ou sub-regiões.....	11
<b>Figura 3:</b> Estações mais significativas de Pré-História Antiga (Paleolítico) no Norte de Portugal.....	20
<b>Figura 4:</b> Estações mais significativas de Pré-História Recente (Mesolítico, Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze) no Norte de Portugal .....	21
<b>Figura 5:</b> Localização do abrigo Pala Pinta .....	24
<b>Figura 6:</b> Entrada da Pala Pinta.....	26
<b>Figura 7:</b> Pala Pinta, Paine 1 e Paine 2.....	26
<b>Figura 8:</b> Pinturas da Pala Pinta.....	27
<b>Figura 9:</b> Pinturas da Pala Pinta, Seg. M. Farinha dos Santos .....	27
<b>Figura 10:</b> Paine 1a e Paine 1b.....	29
<b>Figuras 11:</b> Paine 2.....	29
<b>Figura 12:</b> Pinturas do abrigo Pala Pinta a várias escalas.....	31
<b>Figura 13:</b> Abrigo Pala Pinta.....	32
<b>Figura 14 e 15:</b> Paine 1 e Paine 2.....	32
<b>Figura 16:</b> Paisagem onde o abrigo Pala Pinta está inserido.....	35
<b>Figura 17 e 18:</b> Paisagem visível a partir do abrigo Pala Pinta.....	35
<b>Figura 19:</b> Localização do abrigo Cachão da Rapa .....	40
<b>Figura 20:</b> Sinalização do abrigo Cachão da Rapa.....	42
<b>Figura 21:</b> Abrigo Cachão da Rapa.....	42
<b>Figura 22:</b> Pinturas do Cachão da Rapa, Seg. D. Jerónimo Contador de Argote.....	43
<b>Figura 23:</b> Pinturas do abrigo Cachão da Rapa, Seg. José Félix .....	43
<b>Figura 24:</b> Pinturas do Cachão da Rapa, Seg. Possidónio Silva.....	43

<b>Figura 25:</b> Pinturas do Cachão da Rapa, Seg. Cabré.....	44
<b>Figura 26:</b> Abrigo Cachão da Rapa visto da outra margem do Douro.....	44
<b>Figura 27:</b> Desenho de fragmento de machado de pedra polida.....	45
<b>Figura 28:</b> Desenhos do material cerâmico do abrigo Cachão da Rapa, Seg. Santos Júnior.....	46
<b>Figura 29:</b> Pannel das pinturas do abrigo do Cachão da Rapa, Seg. Santos Júnior .....	47
<b>Figura 30:</b> Pinturas do Abrigo Cachão da Rapa. a várias escalas.....	52
<b>Figura 31:</b> Tipo de decorações incisas e impressas das cerâmicas do abrigo Cachão da Rapa.....	75
<b>Figura 32,33,34:</b> Paisagens que rodeiam o abrigo Cachão da Rapa .....	77
<b>Figura 35:</b> Pequenas plataformas de terra.....	78
<b>Figura 36 e 37:</b> Paisagem em que o abrigo Cachão da Rapa está inserido.....	78
<b>Figura 38:</b> Paisagem observável do abrigo Cachão da Rapa.....	78
<b>Figura 39:</b> Localização do abrigo de Penas Róias.....	82
<b>Figura 40:</b> Corte do abrigo de Penas Róias.....	86
<b>Figura 41:</b> Aspecto do maciço rochoso onde se localiza o abrigo de Penas Róias .....	87
<b>Figura 42:</b> Abrigo de Penas Róias.....	87
<b>Figura 43:</b> Núcleo das pinturas do abrigo de Penas Róias.....	87
<b>Figura 44:</b> Penas Róias painel 1 e painel 2.....	87
<b>Figura 45:</b> Pinturas do abrigo de Penas Róias, a várias escalas.....	89
<b>Figura 46:</b> Pinturas do Regato das Bouças abrigos 2 e 3 e gravuras do conjunto rupestre de Tripe (Mairos-Chaves) a várias escalas.....	99
<b>Figura 47 e 48:</b> Paisagens visíveis a partir do abrigo de Penas Róias.....	101
<b>Figura 49:</b> Antropomorfos dos três abrigos em estudo.....	113
<b>Figura 50:</b> Motivos semelhantes nos abrigos.....	113

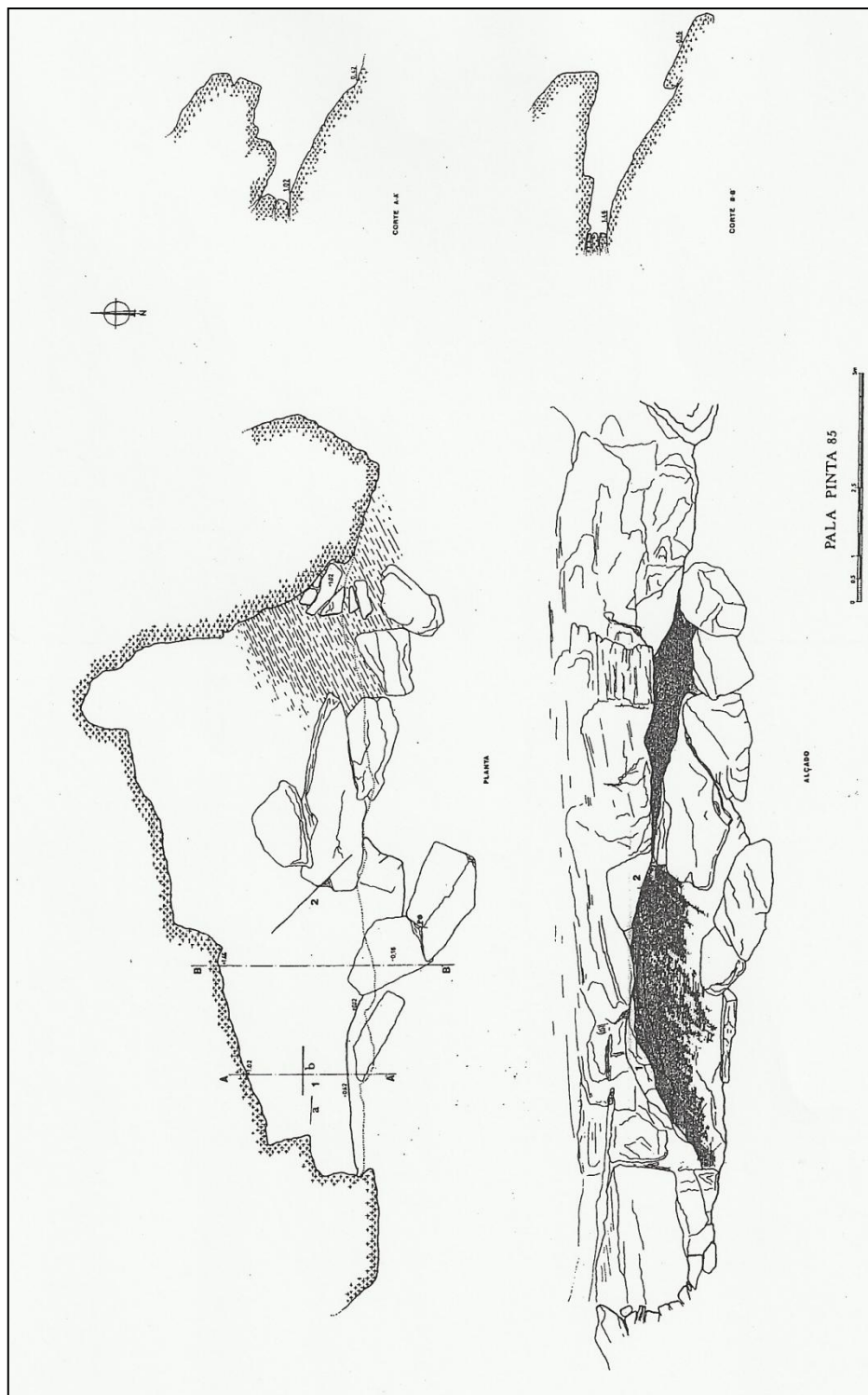
## **Lista de Tabelas**

<b>Tabela 1:</b> Inventário das pinturas do abrigo Pala Pinta.....	31
<b>Tabela 2:</b> Inventário das pinturas do Cachão da Rapa.....	54
<b>Tabela 3:</b> Inventário das pinturas do abrigo de Penas Róias.....	90
<b>Tabela 4:</b> Definição de intervalos consoante a inclinação percentual do terreno.....	107
<b>Tabela 5:</b> Pinturas dos abrigos em estudo.....	113

## **Lista de Gráficos**

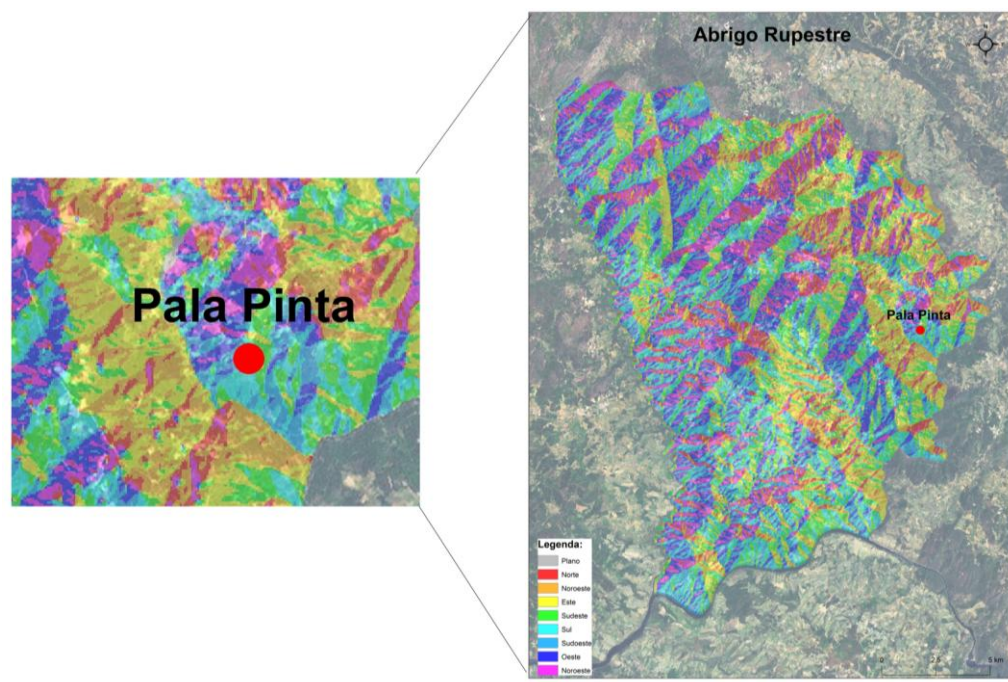
<b>Gráfico 1-</b> Distribuição do tipo de fragmentos do abrigo Cachão da Rapa.....	73
<b>Gráfico 2-</b> Distribuição das formas dos recipientes cerâmicos do abrigo Cachão da Rapa.....	73
<b>Gráfico 3-</b> Distribuição dos diâmetros das taças hemisféricas do Cachão da Rapa.....	82
<b>Gráfico 4-</b> Distribuição dos elementos não plásticos da cerâmica.....	74
<b>Gráfico 5-</b> Distribuição de cerâmica com/sem decoração e com perfuração do Cachão da Rapa.....	74
<b>Gráfico 6:</b> Distribuição do gume nos artefactos em pedra polida/picotada.....	99
<b>Gráfico 7:</b> Seção transversal dos artefactos em pedra polida/picotada.....	99
<b>Gráfico 8:</b> Picotagem nos artefactos em pedra polida/picotada.....	99

## **Anexo: Mapas**

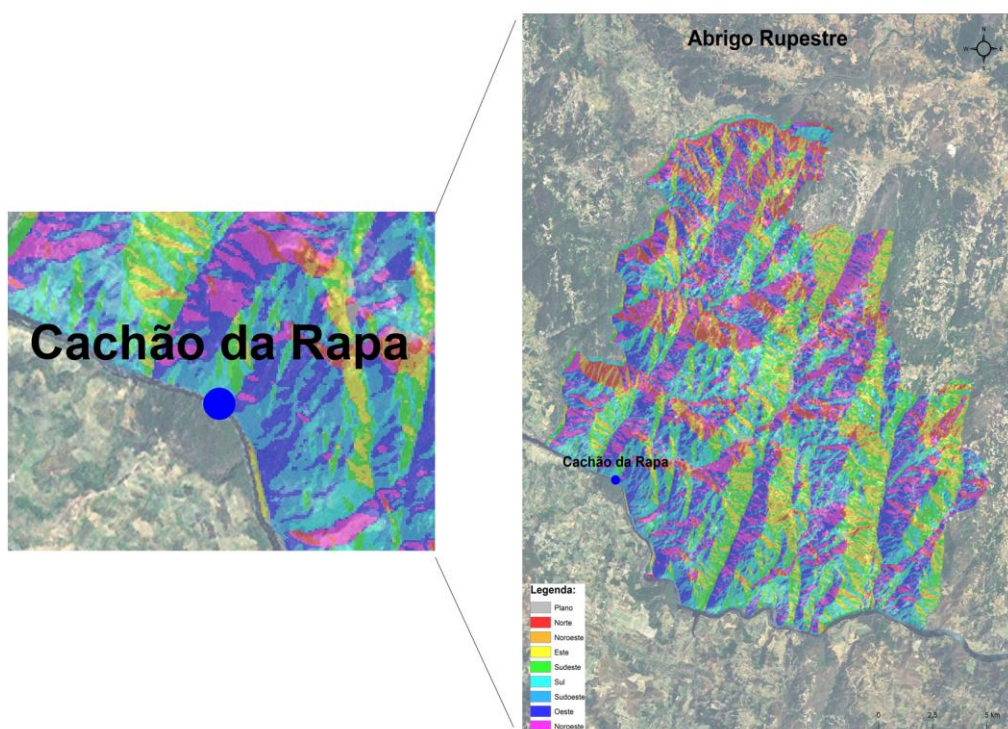


**Estampa 1:** Planta, alçado e cortes do abrigo Pala Pinta (Seg. Orlando Sousa, 1989:197).

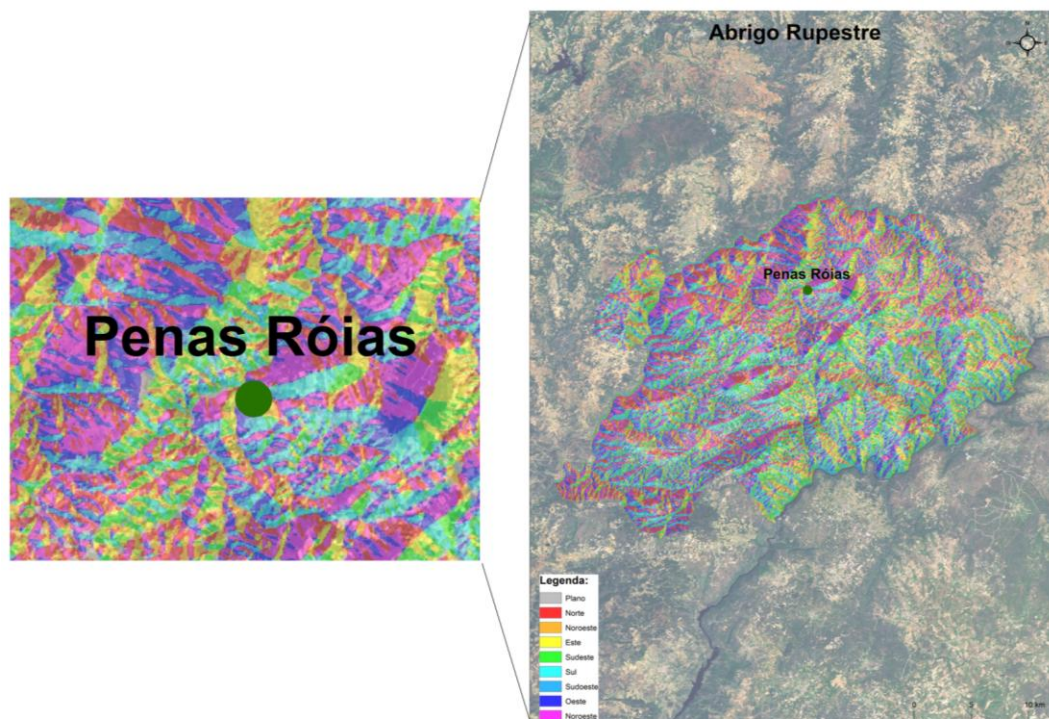




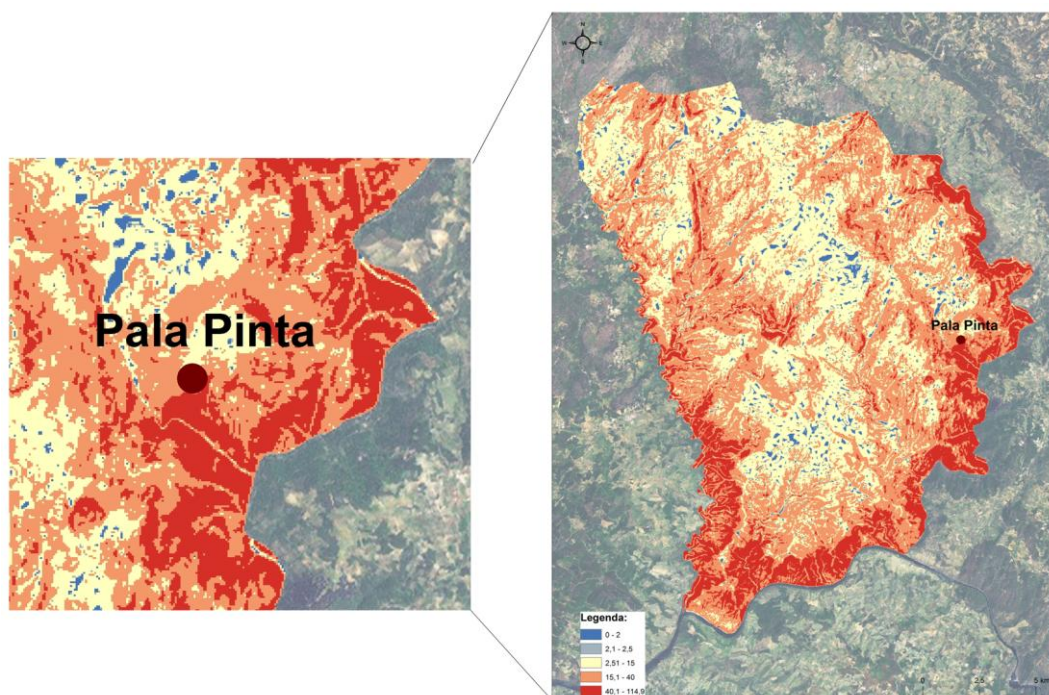
**Estampa 2:** Mapa de orientação das encostas do abrigo Pala Pinta (Seg. Óscar Antunes, 2012).



**Estampa 3:** Mapa de orientação das encostas do abrigo Cachão Rapa (Seg. Óscar Antunes, 2012).

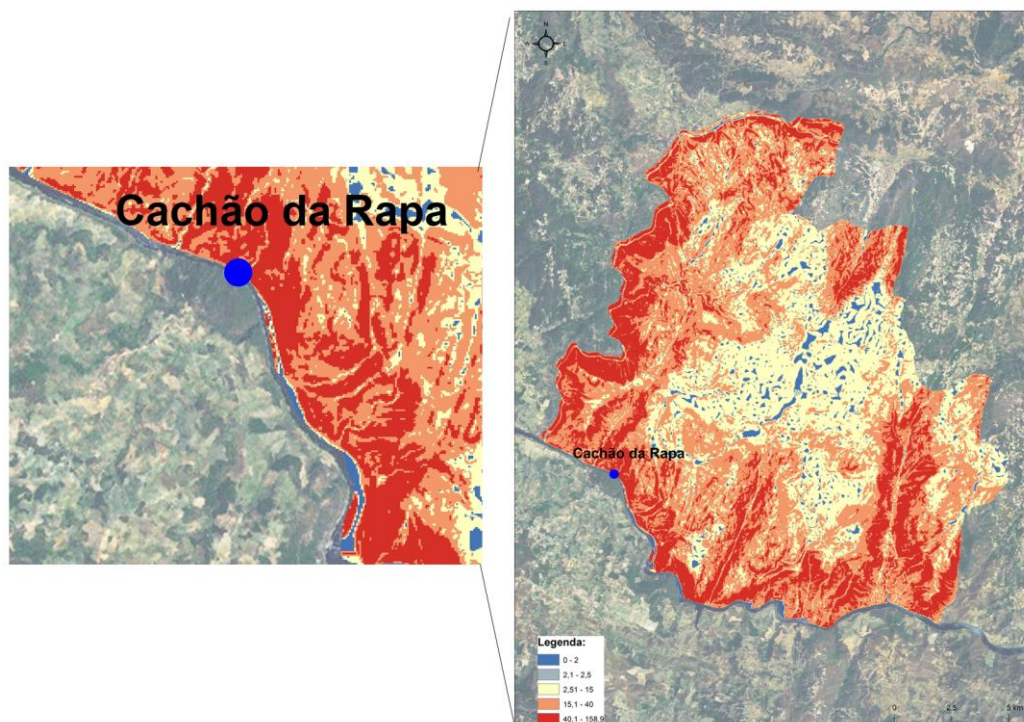


**Estampa 4:** Mapa de orientação das encostas do abrigo de Penas Róias (Seg. Óscar Antunes, 2012).

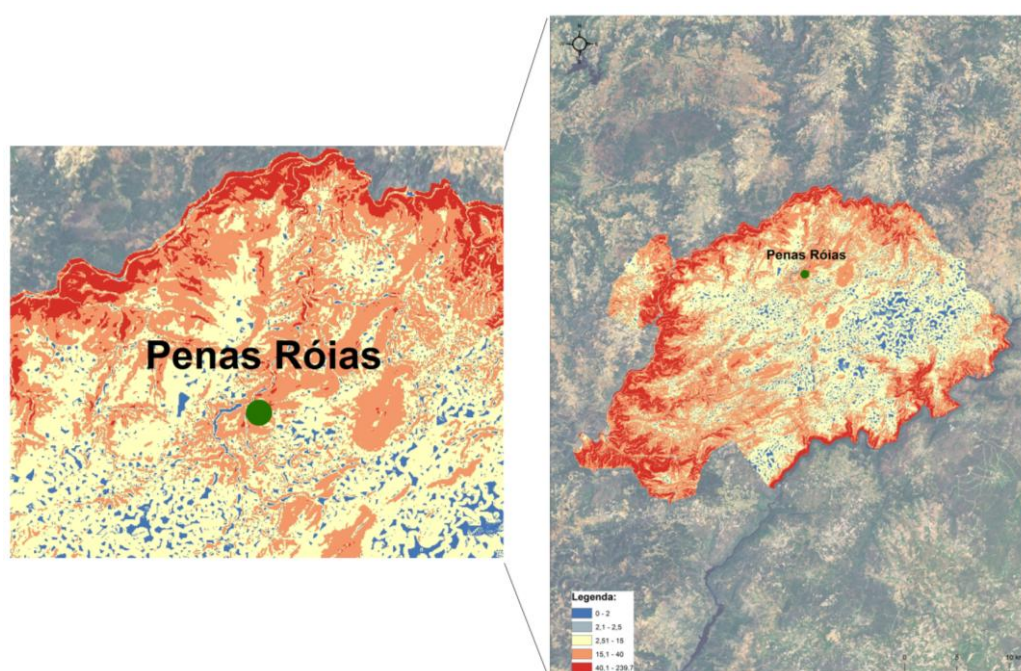


**Estampa 5:** Mapa de pendente do abrigo Pala Pinta (Seg. Óscar Antunes, 2012).

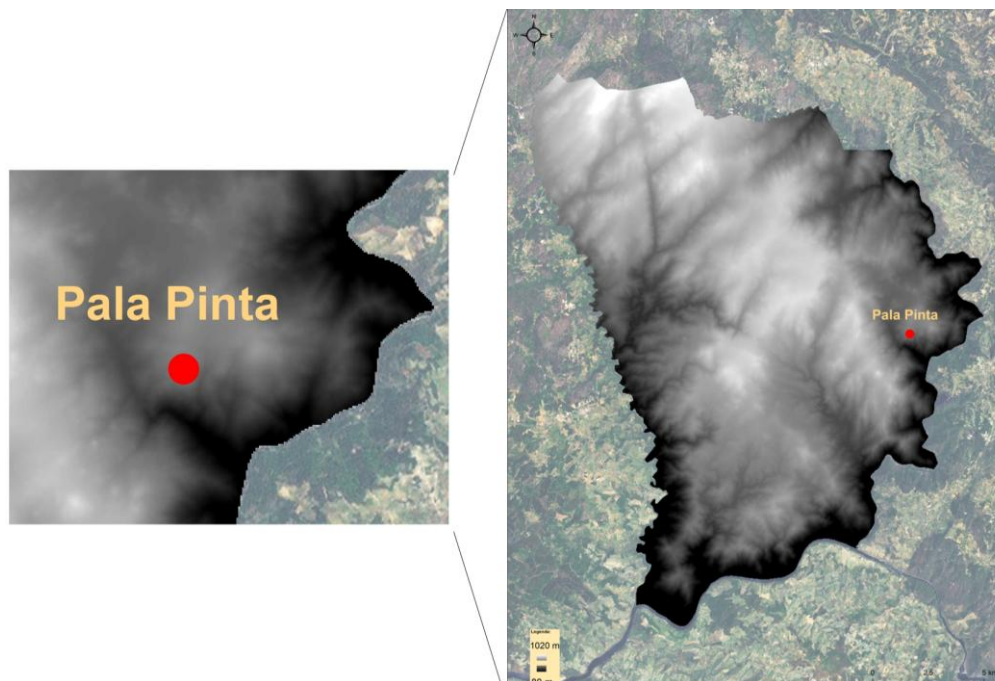




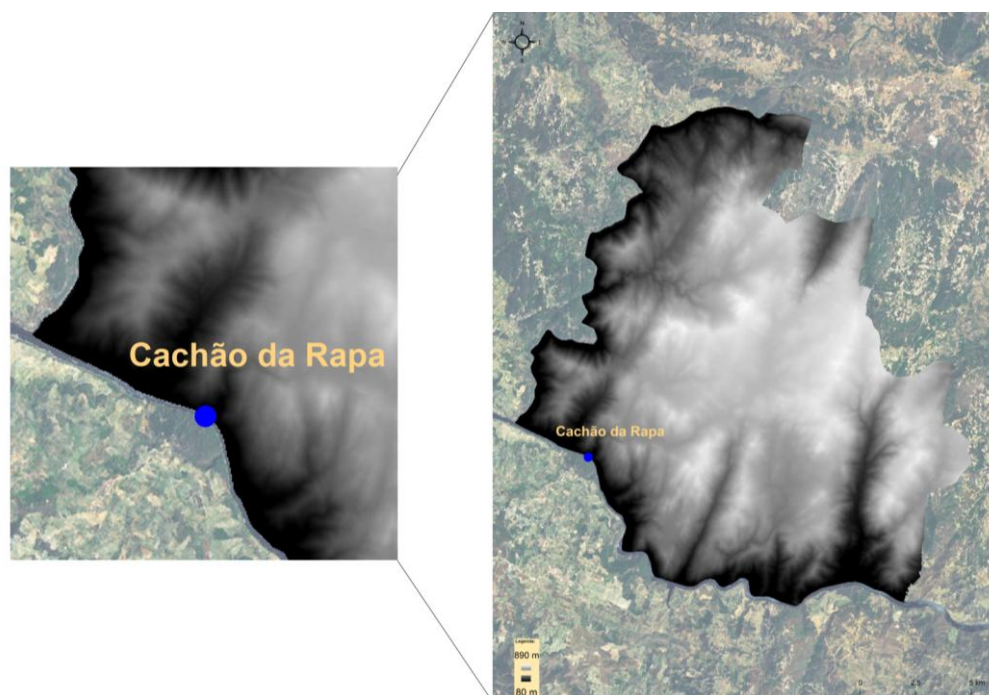
**Estampa 6:** Mapa de Pendente do abrigo Cachão da Rapa (Seg. Óscar Antunes, 2012).



**Estampa 7:** Mapa de Pendente do abrigo de Penas Róias (Seg. Óscar Antunes, 2012).

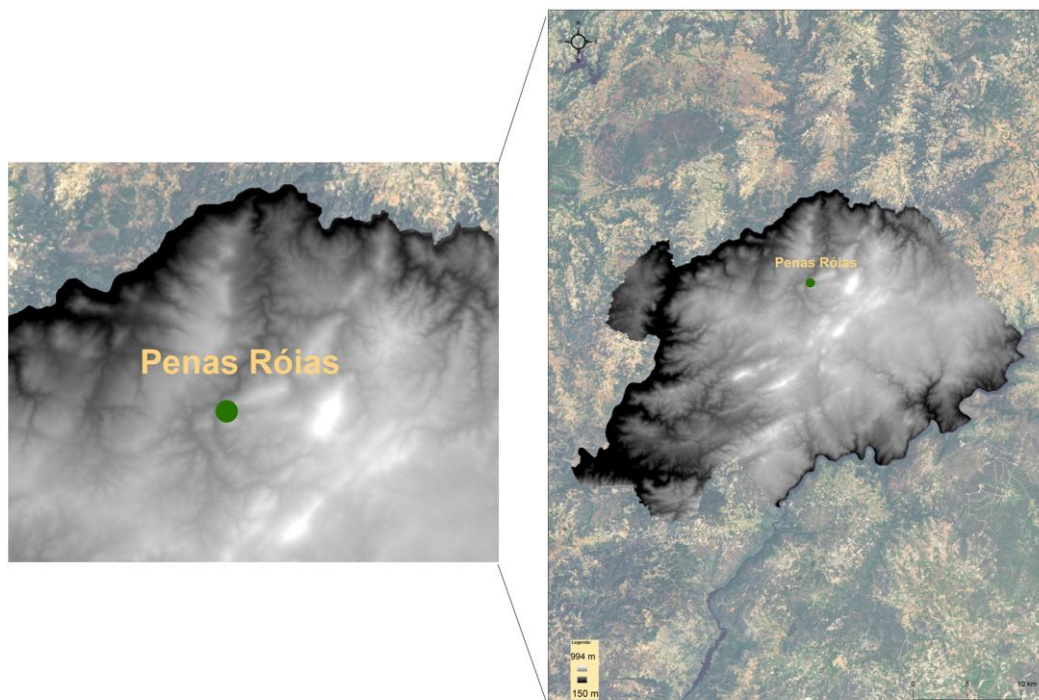


**Estampa 8:** Mapa de Altitude Relativa do abrigo Pala Pinta (Seg. Óscar Antunes, 2012).

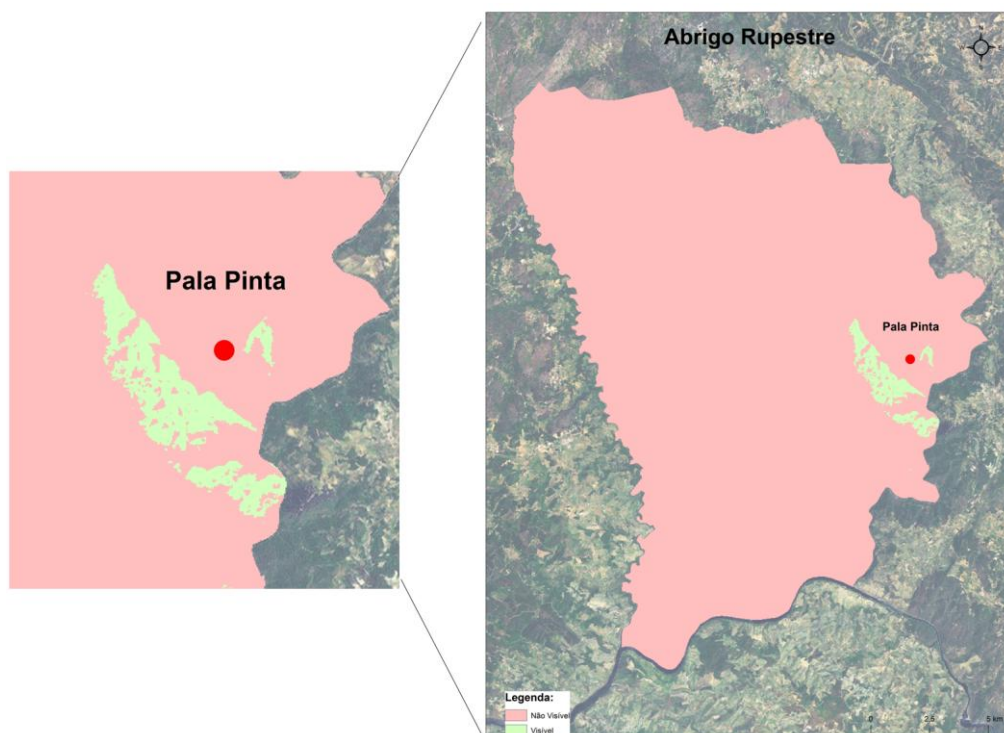


**Estampa 9:** Mapa de Altitude Relativa do abrigo Cachão da Rapa (Seg. Óscar Antunes, 2012).

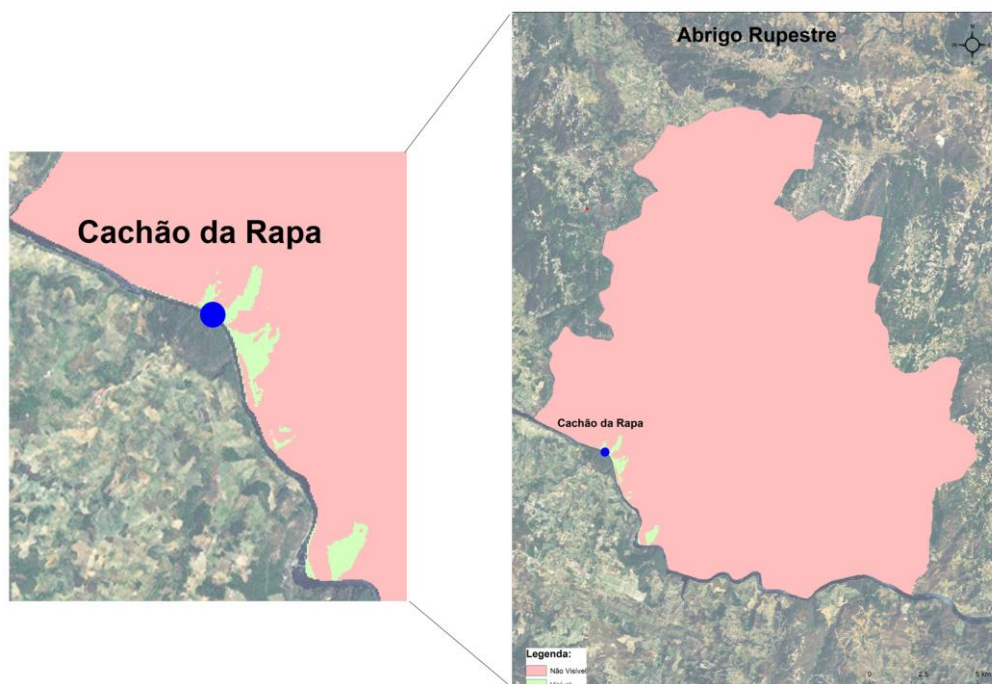




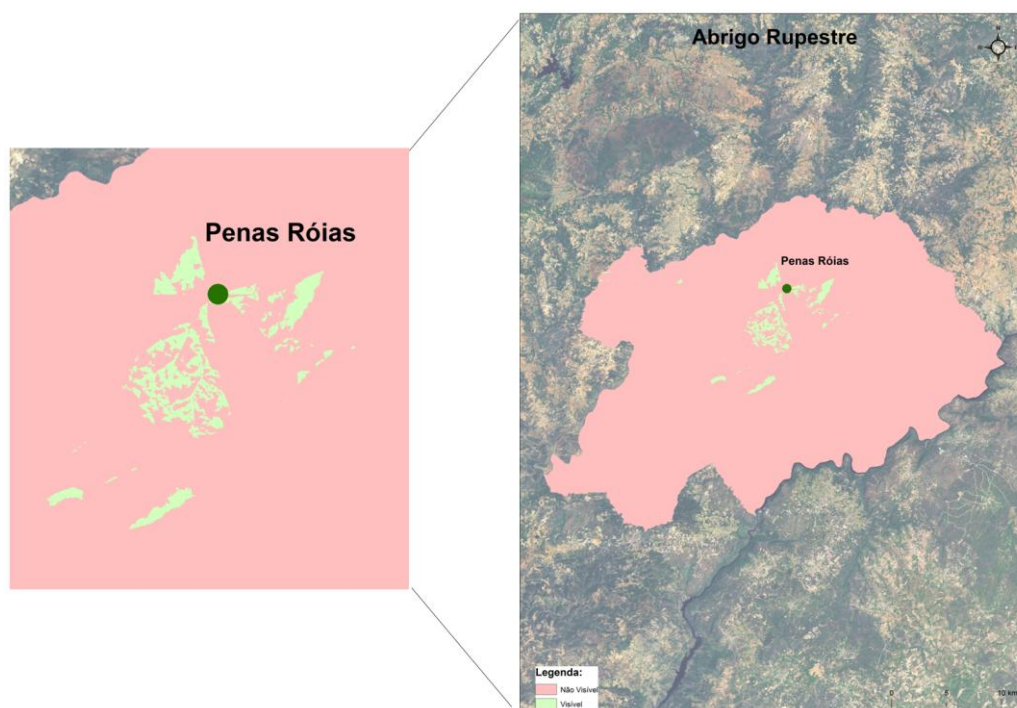
**Estampa 10:** Mapa de Altitude Relativa do abrigo de Penas Róias (Seg. Óscar Antunes, 2012).



**Estampa 11:** Mapa de Visibilidade do abrigo Pala Pinta (Seg. Óscar Antunes, 2012).

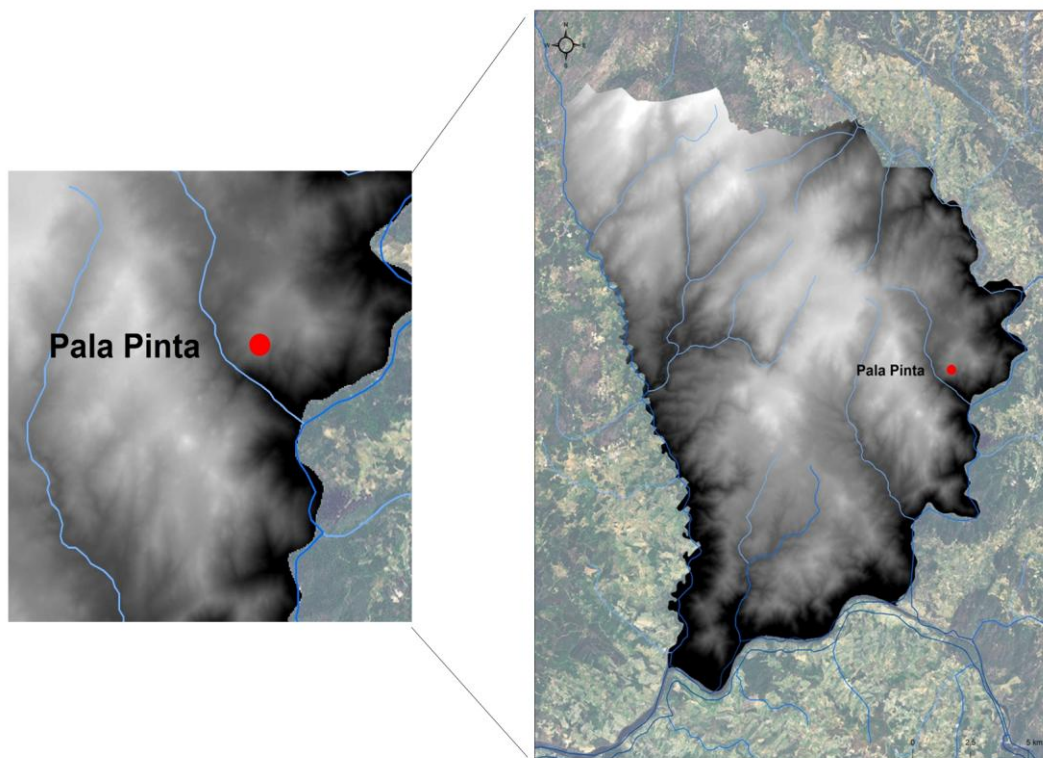


**Estampa 12:** Mapa de Visibilidade do abrigo Cachão da Rapa (Seg. Óscar Antunes, 2012).

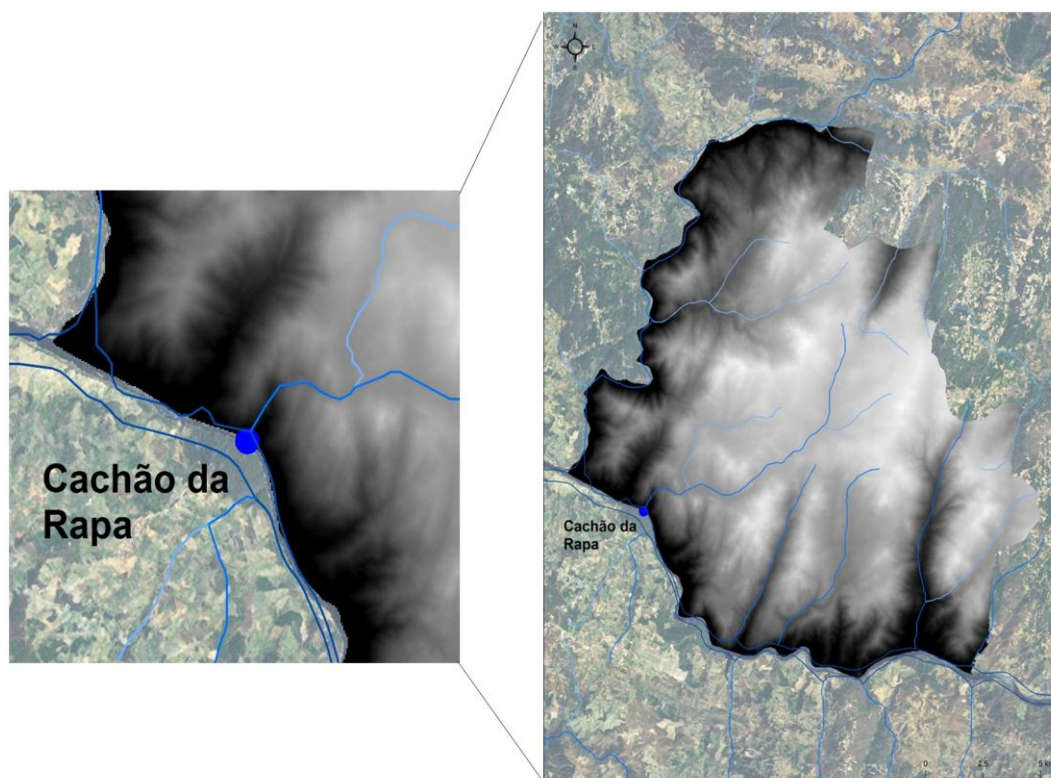


**Estampa 13:** Mapa de Visibilidade do abrigo rupestre de Penas Róias (Seg. Óscar Antunes, 2012).

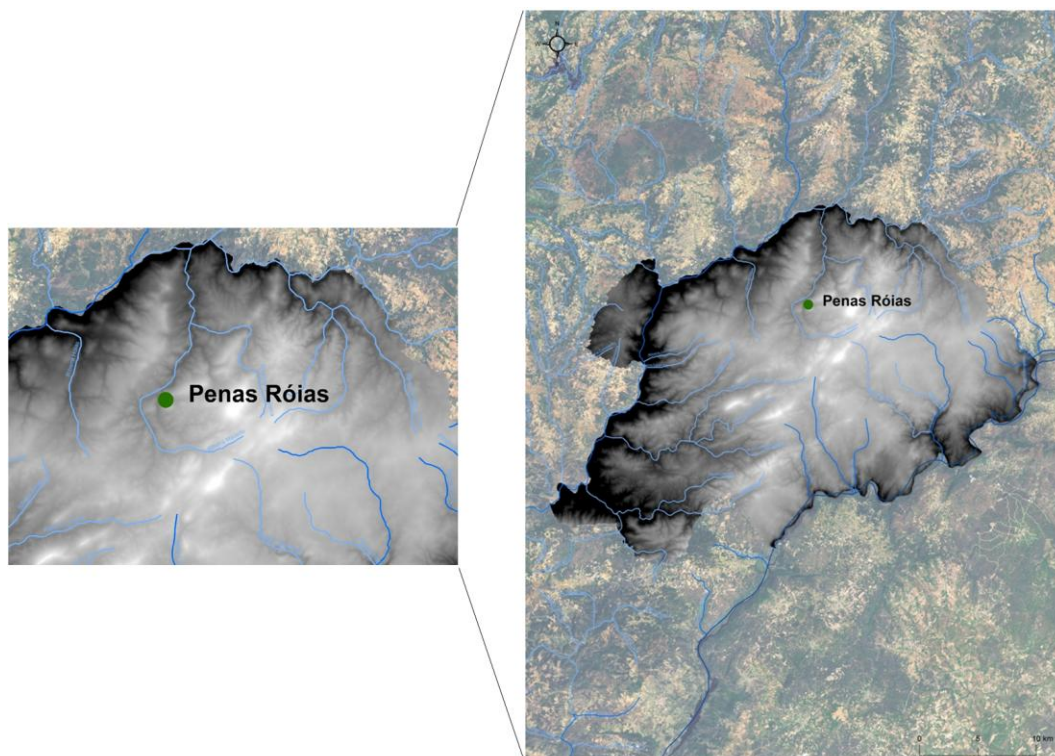




**Estampa 14:** Mapa da Rede hidrográfica do abrigo Pala Pinta (Seg. Óscar Antunes, 2012).



**Estampa 15:** Mapa da Rede hidrográfica do abrigo Cachão da Rapa (Seg. Óscar Antunes, 2012).



**Estampa 16:** Mapa da Rede hidrográfica do abrigo Penas Róias (Seg. Óscar Antunes, 2012).